

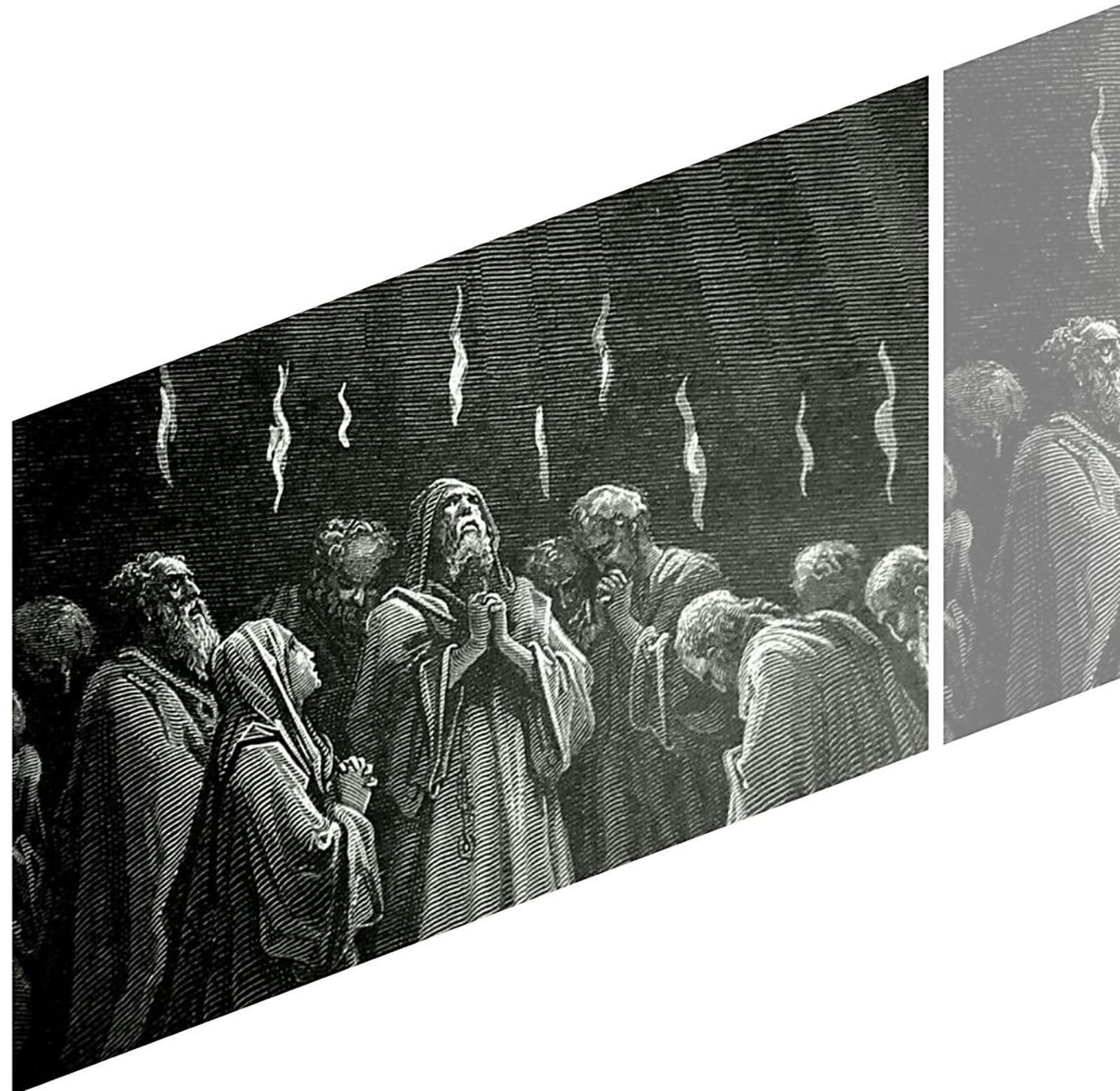
# VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



# VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



## **Faculdade Assembleiana do Brasil (Fasseb)**

Rua Florianópolis, QD 11 - LT 06 - Vila Paraiso, Fama - GO, 74553-520  
Telefone: (62) 3211-3077 / [www.fasseb.com](http://www.fasseb.com)

Presidentes: Bp. Oídes José do Carmo; Pr. Abinair Vargas Vieira

### **Instituição Mantenedora Organização Cultural Educacional Filantrópica (OCEF)**

**Presidente**

Pr. Abinair Vargas Vieira

**Diretor Administrativo**

Pr. Laudemir Ferreira Nunes

### **Revista VoxFaifae**

#### **Editoria Geral**

Prof. Me, Fábio de Sousa Neto, FASSEB, Brasil  
Profa. Dra. Lázara Divina Coelho, FASSEB/SPBC, Brasil

### **CONSELHO EDITORIAL**

Prof<sup>ª</sup>. Dra Alessandra Carlos Costa Grangeiro, UEG, Brasil  
Prof. Dr. Vinicius Oliveira Seabra Guimarães, FAP, Brasil  
Prof. Me. Fábio de Sousa Neto, FASSEB, Brasil  
Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade REFIDIM, Brasil  
Prof. Dr. Eurípedes Pereira de Brito, FASSEB, Brasil  
Prof. Dr Michel Augusto Barbosa da Silva Ferreira, FTRB, Brasil  
Prof. Me. Marcos Campos Botelho, UNICAMBURY, Brasil  
Prof. Me. José Roberto Alves Loiola, FE, Brasil

### **Editoria científica**

Profa. Ma. Diessyka Fernanda Monteiro, FASSEB, Brasil  
Gestor de sistema eletrônico do OJS e Bibliotecário  
Bibliotecário Dannilo Ribeiro Garces Bueno, FASSEB, Brasil

### **Apoio**

Secretaria de Apoio Acadêmico da FASSEB

### **Diagramação**

Fábio de Sousa Neto

Capa: Faith: the Magazine of the Catholic diocese of Lansing. Jun 1, 2022 | By Patricia Mish

**ISSN: 2176-8986**

## SUMÁRIO

EDITORIAL .....	1
CAMINHOS PSICOTEOLÓGICOS PARA UMA VIDA ABUNDANTE DIANTE DAS ADVERSIDADES DA VIDA.....	3
O DEUS ESQUECIDO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A DOCTRINA E A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO.....	36
A NECESSIDADE DA INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NAS LÍNGUAS ORIGINAIS: POR UM RETORNO ÀS FONTES	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
A CIBERTEOLOGIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA APLICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS DONS ESPIRITUAIS.....	79

## EDITORIAL

A revista Vox Faifae – Revista teológica da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB), conta com uma competente equipe editorial, um conselho robusto e colaboradores comprometidos, entre eles, os pareceristas atentos aos rigorosos critérios de publicação. Nota-se o desejo sempre presente de aperfeiçoamento, de promoção da escrita acadêmica relevante, de valorização dos autores e leitores desse veículo.

O resultado de tudo isso é que nas linhas a seguir o leitor terá acesso a artigos muito bem elaborados, versando sobre temas diversos, convidando os vários campos disciplinares ao diálogo sempre respeitoso e agregador. Sendo assim, uma das características mais acentuadas dos trabalhos aqui registrados é a interdisciplinaridade, a liberdade de pensamento e o desejo de contribuir com a tarefa teológica contemporânea. Por isso mesmo, registra-se, com deferência os créditos dos autores e suas responsabilidades autorais. Evidentemente entre os critérios de publicação adotados pela revista está o da confessionalidade, uma vez que deseja contribuir para a valorização do pensamento carismático-pentecostal. De todo o modo, aprecia-se aqui uma abertura à grande tradição cristã, às riquezas dos depósitos da fé que deseja acima de tudo servir e colaborar.

Dito isso, abrindo essa edição tem-se a instigante proposta da professora Dra. Alessandra Grangeiro conduzindo um diálogo entre psicologia e teologia sob o título “Caminhos psicoteológicos para uma vida abundante diante das adversidades da vida”. Na sequência, abordando o tema “O Deus esquecido: considerações preliminares sobre o Espírito Santo”, o professor Fábio de Sousa procurou valorizar o *loci* clássico da pneumatologia investigando o lugar do Espírito Santo nas Escrituras, na tarefa teológica e na vida da igreja. Com o tema “A necessidade da interpretação da Bíblia nas línguas originais: por um retorno às fontes”, a professora Lázara Divina Coelho e outros colaboradores versaram sobre a interpretação bíblica considerando o valor das línguas originais no exercício de compreensão dos textos canônicos. Por fim, Jefferson dos Santos abordou o curioso tema “A ciberteologia e suas implicações na aplicação e desenvolvimento dos dons espirituais”, investigando os impactos da pós-modernidade e do quadro pandêmico na liturgia pentecostal. Sem mais *spoiler*, deixaremos para o leitor a tarefa de explorar por si só os artigos dessa edição.

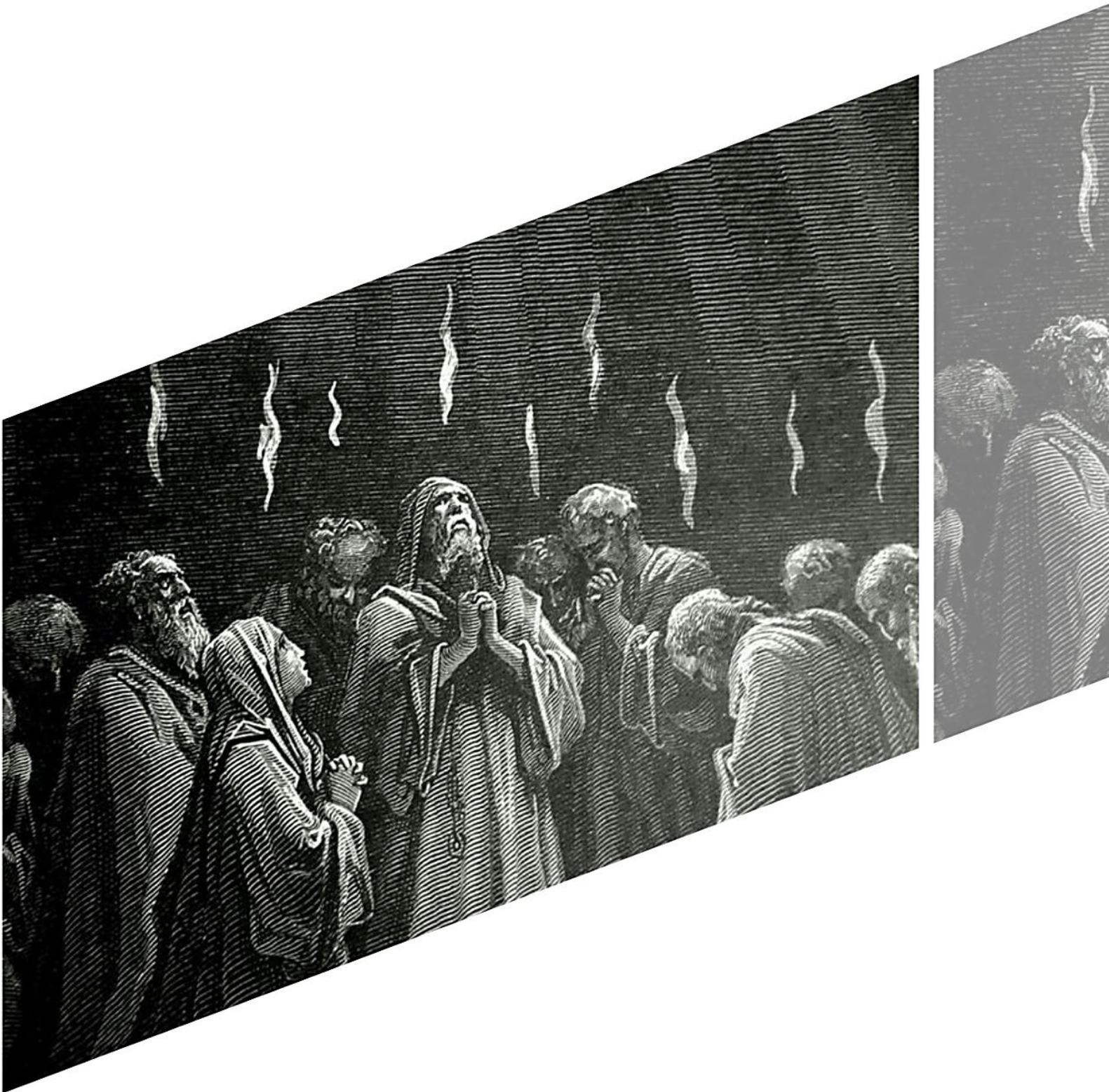
Com os votos de uma boa leitura,

Me. Fábio de Sousa Neto

Dra. Lazara Divina Coelho  
Editores

# VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



## CAMINHOS PSICOTEOLÓGICOS PARA UMA VIDA ABUNDANTE DIANTE DAS ADVERSIDADES DA VIDA

Alessandra Grangeiro\*

### RESUMO

O objetivo geral deste artigo é defender que, em se tratando de doenças da mente (alma), sistematizadas pela Psicologia Moderna, e as crises existenciais, que revelam a necessidade de o homem responder às questões “de onde vim?” e “para onde vou?” é relevante um diálogo interdisciplinar com uma perspectiva bíblico-teológica. Para isso, será feito um percurso na história da Psicologia para a compreensão da sua emergência como ciência; depois a personalidade será abordada na perspectiva da psicanálise freudiana” e, finalmente, será oferecido um caminho psicoteológico para que sujeitos possam ter resistência e superação das adversidades da vida. A pesquisa é bibliografia.

**Palavras-chave:** Psicologia. Teologia. Psicoteologia.

### ABSTRACT

The aim of this article is to argue that, when it comes to diseases of the mind (soul), systematized by Modern Psychology, and existential crises, which reveal the need for man to answer the questions “where did I come from?” and “where am I going?” an interdisciplinary dialogue with a biblical-theological perspective is relevant. To this end, a journey will be taken through the history of Psychology to understand its emergence as a science; then personality will be approached from the perspective of Freudian psychoanalysis” and, finally, a psychotheological path will be offered so that subjects can have resistance and overcome life's adversities. The research is bibliography.

**Keywords:** Psychology. Theology. Psychotheology.

---

\* Alessandra Carlos Costa GRANGEIRO. Graduada em Letras. É Mestre e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1999/2011). Teóloga e graduanda em Psicologia pela Faculdade Assembleiana do Brasil - FASSEB. É Diretora Acadêmica da FASSEB. É professora na Universidade Estadual de Goiás – UEG. E-mail: [alessandraccosta@gmail.com](mailto:alessandraccosta@gmail.com).

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando falamos sobre conhecimento da realidade<sup>1</sup>, necessariamente, temos que considerar o conhecimento que se denomina de senso comum. Na nossa vida, as coisas acontecem e podemos observar como acontecem. O domínio da nossa vida é, por excelência, o domínio do nosso cotidiano e essa é a nossa realidade. No nosso cotidiano, vivemos normalmente e não estamos todo o tempo refletindo sobre a nossa existência e a realidade ao nosso redor. Essa é uma tarefa da ciência, visto que ela procura compreender, controlar, elucidar, refletir e interferir neste cotidiano por meio de um estudo sistemático. Nesse caso, a realidade se transforma em objeto de investigação. A ciência vai construir, então, um conhecimento sistematizado sobre essa realidade e, para isso, precisa usar métodos próprios.

O conhecimento do senso comum, por sua vez, não tem nenhuma preocupação com métodos, pois esse conhecimento é resultante do hábito, da tradição. Aprendemos muita coisa com nossos avós e pais. Embora o conhecimento do senso comum seja importante e a ciência não o desconsidere, pois também parte e quer entender a realidade e o ser humano, ele tem limitações e, muitas vezes, se apropria de termos da ciência para dar explicações a fatos e/ou a condutas, por exemplo, quando se usa no cotidiano as expressões do tipo: “menina histérica”, “ficar neurótico”.

Entretanto, o senso comum e a ciência não são as únicas formas de conhecimento humano. A preocupação com a origem das coisas e o significado da existência humana sempre estiverem relacionados ao homem. Assim que, na Antiguidade, a primeira forma de dar explicações para a existência de todas as coisas foi o mito<sup>2</sup>, ou seja, uma narrativa que explica como todas as coisas surgiram, bem como o homem. Os primeiros onze capítulos do livro de Gênesis é um mito da criação de todas as esferas da vida. Na Grécia antiga, a explicação dada pelos mais distintos mitos começou a ser substituída por especulações

---

<sup>1</sup> A bibliografia de apoio para essas reflexões iniciais será o livro *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*.

<sup>2</sup> O mito sempre é verdade no contexto em que ele é produzido. A palavra mito tem outros significados como, por exemplo, o que não é verdadeiro e uma pessoa muito importante e que marcou intensamente momentos históricos e continuou influenciando gerações.

racionais que deram origem à filosofia que pode ser entendida como um conjunto de pensamentos que explicam a origem do universo e do ser humano. A religião, nesse caso, também inclui seus mitos de fundação, sendo outra forma de conhecimento da realidade.

Nesse caso, a Bíblia é o registro do conhecimento judaico-cristão, assim como o *Livro dos Vedas* é o livro sagrado dos hindus. E, finalmente, um outro tipo de conhecimento humano é a arte. Desde a pré-história, os homens deixam marcas de sua sensibilidade por meio das criações artísticas. Por meio da arte, o ser humano pode expressar sua percepção de realidade, por meio dela, podemos conhecer tempos históricos distintos do nosso que, sem os registros deixados pelos homens, jamais poderiam ser conhecidos pelas gerações posteriores.

Então, dentre as várias formas de conhecimento existente, temos a ciência, por muitos endeusada, no entanto, tem suas limitações como qualquer outra forma de conhecimento. Qualquer pessoa que pensa que a ciência consegue dar respostas a todas as perguntas existentes acerca da existência do universo e dos homens ainda é caracterizada pela ingenuidade e ainda não conhece a história da ciência de forma um pouco mais sistematizada para saber o quanto o conhecimento da ciência é limitado e provisório. Nesse sentido, até o momento, as perguntas feitas pelos filósofos gregos permanecem sem respostas, pois a ciência não consegue dar essas respostas.

Feitas essas considerações gerais, é preciso definir o objetivo geral deste artigo: defender que, em se tratando de doenças da mente (alma), sistematizadas pela Psicologia Moderna, e as crises existenciais, que revelam a necessidade de o homem responder às questões “de onde vim” e “para onde vou”, não podemos desconsiderar o conhecimento que se encontra na Bíblia Sagrada. Curioso notar que o próprio texto sagrado não desconsidera a necessidade da busca pelo conhecimento humano, ao contrário, incentiva essa busca.

Os ensinamentos de Provérbios, por exemplo, levam a uma vida de bons relacionamentos humanos e, por isso, apresentam caminhos que, verdadeiramente, curam. Para alcançarmos esse objetivo geral, é preciso que vários específicos sejam apontados, pois, sem a abordagem deles, não conseguiríamos alcançar o geral: 1) compreender o movimento geral da história

da psicologia para contextualizar a emergência da psicologia como ciência, bem como seu afastamento das bases filosóficas e teológicas que a poderiam sustentar; 2) apresentar as matrizes teóricas da psicologia e entender que, cronologicamente, a psicanálise se sobrepõe às demais escolas de pensamento da psicologia e que não é produto das universidades e nem uma ciência pura ou aliada ao positivismo como eram as outras abordagens da psicologia; 4) apresentar as dificuldades para a definição do objeto de estudo da psicologia e demonstrar o objeto de estudo da teologia; 3) apontar que a psicologia, para alcançar seu *status* de ciência, se desligou das ideias que defendiam a existência de uma alma nos seres humanos; 4) demonstrar que o surgimento da psicologia contemporânea reflete o reconhecimento da relevância dos princípios defendidos pelas Escrituras Sagradas como a compaixão, a meditação e a espiritualidade; 5) descrever a concepção de homem para a psicologia e para a teologia e, a partir dessa descrição, apontar as sistematizações e os aperfeiçoamentos feitos por Freud, destacando os principais resultados do seu trabalho. Para o desenvolvimento desses objetivos, este artigo será dividido em três tópicos: o primeiro, intitulado “História da Psicologia e sua emergência como ciência”; a segunda, “A personalidade na perspectiva da psicanálise freudiana” e, finalmente, a terceira, “Caminhos psicoteológicos para a resistência e a superação das adversidades da vida”.

## 2. HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E SUA EMERGÊNCIA COMO CIÊNCIA

Como forma de conhecimento da realidade, a ciência, segundo Bock, “compõe-se de um conjunto de conhecimentos sobre fatos ou aspectos da realidade – o objeto de estudo – expressos por meio de uma linguagem precisa e rigorosa.” (BOCK et al., 2023, p. 7) Além disso, o conhecimento resultante da ciência precisa ser planejado, sistemático e controlado para que tenha a verificação de sua validade. Nessa acepção de ciência, houve muitas discussões acerca da validade da Psicologia, no caso do presente artigo, a Psicologia de Freud como conhecimento científico. Curioso notar que a Teologia, banida das principais universidades que ela mesma ajudou a fundar, pelos critérios excludentes do positivismo da ciência, parece estar fazendo falta, porque aborda o homem como um ser que transcende.

Notadamente, a Psicologia como ciência não reúne em um só paradigma seus principais teóricos. Isso a enriquece e torna possível, inclusive, o diálogo psicoteológico ora proposto. Suas diferentes abordagens ora apresentam semelhanças, ora inconciliáveis diferenças e essa dificuldade se intensifica quando se fala do objeto de estudo da Psicologia, posto que trata da subjetividade humana em suas variadas matizes. Apesar dessas dificuldades de reconhecimento marcadamente científico da Psicologia, ela, cada vez mais, tem aumentado o número de estudantes nas faculdades e, cada vez mais, há uma procura pelos psicólogos na esperança de que eles ajudem os serem humanos nas suas angústias e falta de sentido na vida. Situação diferente aconteceu com a Teologia, o prestígio que tinha no século XII na ocasião da criação da Universidade de Paris foi declinando até quase perder espaço no meio acadêmico.

Para falarmos do objeto de estudo da Psicologia, é preciso ter em mente que, sendo uma ciência humana, o investigador é da mesma natureza do objeto observado, ou seja, outro ser humano. Assim, a objetividade e a neutralidade pretendidas pela ciência em seu início torna complexa essa tarefa. Além disso, para a definição do objeto de estudo da Psicologia, é preciso definir a abordagem a partir de sua epistemologia, pois, se o psicólogo for da linha comportamental, o objeto inicial era somente o comportamento observável, ainda que esse ser observado seja caracterizado por motivações profundas, e subjetividade dificilmente apreendidas por meio desta abordagem. No entanto, se for um psicólogo psicanalista o objeto de estudo será o inconsciente que, jamais, poderá ser apreendido objetivamente, dada sua complexidade.

O termo Teologia é formado por duas palavras gregas, gregas *theos* (Deus) e *logos* (palavra); nesse caso, Teologia, segundo MacGrath (2005), seria “discursar sobre Deus” assim como a “biologia” é discursar sobre a vida (*bios*)” (McGRATH, 2005, p. 175). Mas é preciso uma definição mais precisa e neste caso seria uma reflexão acerca do Deus em quem os cristãos creem, obedecem e adoram. Entretanto, no século XII e XIII, com o desenvolvimento da Universidade de Paris, a Teologia abrangia a totalidade da doutrina cristã e não somente a doutrina de Deus; por conta dessa ampliação, a Teologia alcançou o *status* de ciência da fé, ou seja, é a explanação e a explicação consciente e metódica da

revelação divina, recebida e compreendida pela fé. Nesse caso, assim como a Psicologia, a Teologia, embora tenha a Bíblia como objeto de estudo, tem uma diversidade de objetos, visto que ela, também como a Psicologia, tem várias áreas: bíblica, filosófica, histórica e prática. Ainda como a Psicologia, a Teologia sofreu ataques por conta que não consegue atender aos requisitos das ciências naturais, marcadamente influenciadas pelo racionalismo iluminista. Segundo McGrath,

Com o surgimento do Iluminismo, no século XVIII, particularmente na Alemanha, começou-se a questionar o lugar da Teologia no meio universitário. Os escritores iluministas alegavam que a pesquisa acadêmica deveria ser livre da influência de qualquer tipo de autoridade externa. A Teologia era encarada com suspeita, pelo fato de ser vista como algo que se baseava em “artigos de fé”, como os existentes nos credos cristãos ou na Bíblia. A teologia passou progressivamente a ser vista como algo ultrapassado (...). Uma das justificativas mais sólidas em defesa da necessidade da existência de faculdades de teologia foi dada por F. D. E. Scheiermacher, no início do século XIX, que defendia ser essencial para o bem tanto da igreja, quanto do Estado, que se tivesse um clero bem instruído (MCGRATH, 2005, p. 178).

Além da problemática da diversidade de objetos de estudo, o conhecimento científico é cumulativo e aspira à objetividade, por isso, suas conclusões devem ser passíveis de verificação. De forma resumida o que diferencia a ciência dos outros conhecimentos, segundo Bock, é o seguinte: “objeto específico, linguagem rigorosa, métodos e técnicas específicas, processo cumulativo do conhecimento e objetividade” (BOCK et al. 2023, p 7).

Dentro dessa acepção de ciência, que é extremamente positivista, dificilmente, pelas razões apontadas anteriormente, a Psicologia pode ser definida como ciência a não ser no sentido *lato* do termo como conhecimento sistematizado e o mesmo ocorre com a Teologia. Por conta dessas dificuldades com o objeto de estudo e a ausência de paradigmas na Psicologia fala-se em diversidade de objetos de estudo da Psicologia:

Se dermos a palavra a um psicólogo comportamental, ele dirá: “O objeto de estudo da Psicologia é o comportamento humano”. Se a palavra for dada a um psicólogo psicanalista, ele dirá: “O objeto de estudo da

Psicologia é o inconsciente”. Outros dirão que é a consciência humana, e outros, ainda a personalidade (BOCK et al. 2023, p. 8).

E de uma forma mais resumida fala-se em estudo da subjetividade que, para a Psicologia moderna, substitui o que era conhecido, desde a Antiguidade grega, como alma humana o que, contraditoriamente, desconsidera o significado do termo psicologia: do grego *psyché*, que significa alma, e *logos*, que significa razão. De acordo com Bock, alma ou espírito era a parte imaterial do homem e abarcaria “o pensamento, os sentimentos de amor e ódio, a irracionalidade, o desejo, a sensação, e a percepção” (BOCK et al., 2023, p. 22). Adiante veremos que, da perspectiva bíblico-teológica, essa parte imaterial não é, de forma nenhuma, desconsiderada, pois o homem é formado de espírito, alma e corpo (2Ts 5. 23).

A Psicologia como ciência se desliga das ideias que defendiam a existência de uma alma nos seres humanos. Nesse ponto, apresentamos um questionamento: a Psicologia, como ciência que estuda os seres humanos, seus processos mentais, sua subjetividade, seu comportamento têm conseguido dar respostas às crises existenciais, às crises de ansiedade, às crises de depressão que têm assolado o mundo contemporâneo? Essa pergunta pode ser facilmente respondida pelos dados que são apresentados pela Organização Mundial de Saúde<sup>3</sup>. Considerando que os dados dessa organização respondem negativamente ao questionamento, ou seja, têm demonstrado que o número de casos de ansiedade e de depressão tem aumentado, a hipótese que se tem em mente é que, desde o Renascimento, momento em que os valores greco-romanos foram resgatados e utilizados como base para a reflexão sobre o mundo e o homem e, por consequência, se elimina a perspectiva bíblico-teológica para essa

---

<sup>3</sup> Segundo a OMS, a prevalência de depressão na rede de atenção primária de saúde é 10,4%, isoladamente ou associada a um transtorno físico. De acordo com a OMS, a depressão situa-se em 4º lugar entre as principais causas de ônus, respondendo por 4,4% dos ônus acarretados por todas as doenças durante a vida. Ocupa 1º lugar quando considerado o tempo vivido com incapacitação ao longo da vida (11,9%). A época comum do aparecimento é o final da 3ª década da vida, mas pode começar em qualquer idade. Estudos mostram prevalência ao longo da vida em até 20% nas mulheres e 12% para os homens. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/depressao#:~:text=Segundo%20a%20OMS%2C%20a%20preval%C3%AAncia,as%20doen%C3%A7as%20durante%20a%20vida>. Acessado em 21 de abril de 2023.

explicação, o nível de desajustamento mental tem sido crescente e, para dar respostas, a esse desajustamento, surge a Psicologia, conforme nos aponta Bock: “a Psicologia é produto das dúvidas do homem moderno, esse humano que se valorizou enquanto indivíduo e que se constituiu como sujeito capaz de se responsabilizar e escolher seu destino” (BOCK et al., 2023, p. 30).

Iludido de que é um “sujeito capaz de se responsabilizar e escolher seu destino”, o homem se perde em meio às suas crises existenciais que lhe tiram por completo o sentido da existência humana tão buscado pela Logoterapia, sentido que não se encontra em Deus. O ápice do abandono da perspectiva bíblico-teológica é o Iluminismo<sup>4</sup>. Se a Psicologia considera que os seres humanos não têm alma, embora, atualmente, uma vertente da psicologia tem explorado a espiritualidade como parte importante da saúde humana, mas apenas subjetividade, ou seja, ser humano-corpo, ser humano-afeto, ser-humano-ação, vamos esperar pelos novos paradigmas da Psicologia e ver se ela vai dar conta de dar respostas aos dilemas vividos pelo homem contemporâneo, pois, com os paradigmas atuais, as evidências mostram que o sofrimento e o desespero humano só aumentam e o contexto pós-pandemia é uma prova disso.

Enquanto surgem os novos paradigmas, como teóloga, não posso deixar de apontar que a Bíblia<sup>5</sup> é a principal fonte de estudos da Teologia, dentre outras fontes, mas resultantes dela, tais como a razão, a tradição e a experiência religiosa, visto que por meio dela temos a revelação de Deus acerca de si mesmo e o relato da iniciativa divina de estabelecer um relacionamento permanente com o homem, para que o homem, criado por Ele, à sua imagem e semelhança, tenha uma vida abundante e, por isso, seja capaz de resistir e de superar as adversidades da vida e nela encontrar sentido.

---

<sup>4</sup> Movimento cultural europeu do século XVII e XVIII. Desejava gerar mudanças significativas na política, na economia e na sociedade de uma forma geral. Tinham a crença básica no desenvolvimento da humanidade por meio da razão e, por isso, questionavam o pensamento religioso.

<sup>5</sup> O século XVI foi um período importante da Teologia cristã ocidental, visto que a igreja se volta a fundamentos mais bíblicos para estruturar seu sistema de crenças, sua moralidade e sua estrutura. Os progressos da Teologia nesse período resultaram de debates sobre as fontes da Teologia Cristã e das doutrinas delas resultantes. Por consequência, a Bíblia se tornou fonte primária e essencial. O lema, nesse período, para os teólogos era *sola scriptura*, “crença fundamental de que as Escrituras eram a única fonte necessária e suficiente da teologia cristã” (MCGRATH, 2002, p. 105).

O estudo da História da Psicologia, segundo Duane P. Shultz e Sydney E. Shultz (2020) em *História da Psicologia Moderna*, é a maneira mais sistemática de integrar as áreas e as questões da psicologia moderna. A psicologia é, ao mesmo tempo, uma disciplina antiga e nova. Antiga porque temas de interesse dela como a memória, a aprendizagem, a motivação, o pensamento, a percepção e o comportamento anormal são pensados desde o século V a. C. por Platão e Aristóteles que se interessavam, dentre várias outras questões, pela natureza e pelo comportamento humano. A diferença entre a antiga e a nova psicologia está nos métodos utilizados pela nova, visto que ela incorporou os utilizados nas ciências biológicas e físicas que resultam da observação e da experimentação.

No caso da psicologia, esses métodos passaram a ser utilizados para estudar a mente humana e, partir daí, foi havendo, continuamente, o desenvolvimento de ferramentas, técnicas e novos métodos, mais adequados à realidade psíquica.

A nova psicologia surgiu há, cerca, de 200 anos da filosofia e de outras abordagens científicas emergentes, tais como a fisiologia. Desde o século XVII, os métodos das ciências físicas já foram aplicados ao estudo dos fenômenos mentais. No caso dos fisiologistas, havia a compreensão de era preciso entender os mecanismos corporais, visto que eles estão subjacentes aos processos mentais. Durante todo esse tempo de existência da psicologia como ciência, a discussão sobre o seu *status* de ciência nunca deixou de ser discutido, dadas as particularidades do seu objeto de estudo e dos métodos utilizados.

A história da psicologia, por considerar a evolução dessa área de conhecimento ao longo da história, não pode deixar de considerar, conforme apontado pelos autores citados anteriormente, o espírito do surgimento dela, ou seja, o seu *Zeitgeist*, as forças sociais, econômicas e políticas que atuam e influenciam na consolidação do espírito de época dominante que passa a ser incorporado em todas as áreas de conhecimento humano: na arte, na política, na ciência etc. Dessa forma, situações de emprego/desemprego, guerras, preconceito e discriminação influenciaram muito a expansão da psicologia e a fez sair dos limites acadêmicos, de laboratórios, e ser aplicada na solução de problemas reais: sociais, educacionais e industriais.

A história moderna da psicologia surge, portanto, a partir dos precursores filosóficos e fisiológicos da psicologia experimental. Depois, surgem a psicologia de Wilhelm Wundt e o estruturalismo. Depois do estruturalismo, o funcionalismo, o behaviorismo e a psicologia da Gestalt. As escolas posteriores ao estruturalismo serão sempre uma evolução dele ou uma reação a ele. Paralelamente a essas escolas de pensamento, a psicanálise se consolida a partir de objetos de estudo e metodologia diferentes. A psicanálise incorpora a noção de inconsciente, conceito já bem divulgado antes de Freud, e faz intervenções médicas para tratamento de distúrbios mentais, ou seja, o objeto de estudo da psicanálise é o comportamento anormal e o método é a observação clínica e, a partir da observação, faz-se uma interpretação do observado e do ouvido pelo paciente por meio da associação livre. O conceito de inconsciente, apesar de já propagado, era ignorado pelas outras abordagens da psicologia, visto que as forças inconscientes não eram passíveis de serem investigadas por meio do método introspectivo, definido por Wundt.

Na ocasião em que Freud publicou seu primeiro livro, Wundt tinha 63 anos. Titchener estava começando a desenvolver a psicologia estrutural, o funcionalismo começava a florescer nos Estados Unidos. Porém nem o Behaviorismo e nem a psicologia da Gestalt, desenvolvida na Alemanha, haviam sido propostos. Watson, precursor do Behaviorismo, estava com, apenas, 17 anos.

Todas as escolas de psicologia, com exceção da psicanálise, apesar de terem divergências, compartilhavam de uma herança acadêmica e tinham a inspiração, mesmo que se opusessem a ele, em Wundt. Conceitos e métodos científicos foram aprimorados em laboratórios, bibliotecas e salas de conferências e todas abordavam temas como a sensação, a percepção e a aprendizagem. Apesar da diferença de objeto de estudo e de metodologia da psicanálise em relação às outras abordagens, toda a psicologia sofreu influência do paradigma científico estabelecido por Galileu (1564-1642) e Newton (1642-1727).

O espírito do mecanicismo, o *Zeitgeist* dos séculos XVII ao XIX, foi a base que nutriu a nova psicologia. Esse espírito enxergava o universo como uma grande máquina, organizada e precisa, e, por isso, os processos naturais, sendo

mecânicos, eram passíveis de explicação por meio das leis da física e da química. O relógio mecânico era a grande atração e figura para esse espírito do século XVII. Para entender a estrutura e o funcionamento do relógio era preciso desmontá-lo. O conceito de reducionismo, redução às partes mais simples para entender o mundo físico, passou a caracterizar toda a ciência, inclusive, a nova psicologia. Nas palavras de Schultz e Schultz,

O relógio mecânico foi a metáfora perfeita para o espírito do mecanicismo do século XVII. O historiador Daniel Boorstin referia-se ao relógio como a “mãe das máquinas” (Boorstin, 1983, p. 71). O relógio foi a sensação tecnológica do século XVII, tão surpreendente e influente como os computadores iriam se tornar no século XX. Nenhum outro dispositivo mecânico provocou tanto impacto no pensamento humano e em todos os níveis da sociedade. Na Europa, os relógios eram produzidos em grande quantidade e variedade. (SCHULTZ e SCHULTZ, 2020, p. 23)

Dentro desse contexto, o ser humano também era visto como máquina e, então, surgem os autômatos como modelos para os seres humanos. O ser humano funcionava, dessa forma, como o universo e tinha o mesmo mecanismo do relógio. Estava aberto o caminho para o entendimento de que o funcionamento e o comportamento humano eram governados por leis mecânicas e de que os métodos experimentais e quantitativos seriam eficazes e aplicáveis ao estudo da natureza humana. Da mesma forma, seria pensado o funcionamento mental: o homem é uma máquina capaz de pensar.

De forma geral, as influências anteriores sobre a psicanálise são, segundo Schultz e Schultz, as seguintes: especulações filosóficas a respeito do fenômeno psicológico inconsciente (Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716); as primeiras ideias sobre a psicopatologia e a teoria da evolução. Johann Friedrich Herbart (1776-1841) aprimorou a noção de inconsciente de Leibniz; portanto, as discussões sobre esse conceito faziam parte do *Zeitgeist* intelectual europeu da década de 1880, quando Freud iniciou sua prática clínica, e estava presente, inclusive, na literatura como é o caso do romance *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson. Freud reconhece que filósofos e escritores abordaram essa noção antes dele, mas alegava ser o descobridor da forma científica para o estudo dele, embora essa forma sempre tenha sido questionada.

A história do tratamento de doenças mentais data de 2000 a. C. e foi marcada por situações deprimentes e desumanas. Só a partir do século XVI começam as buscas para um tratamento mais respeitoso. Durante todo o século XIX, os psiquiatras se dividiam entre duas visões: a somática e a psíquica. A primeira entendia que o comportamento anormal era resultante de causas físicas: lesão cerebral, falta de estimulação nervosa, tensão excessiva dos nervos, muito ou pouco sangue. A segunda entendia que era resultado de causas psicológicas e emocionais. A psicanálise está de acordo com a segunda visão. A hipnose também impulsionou o enfoque nas causas psíquicas do distúrbio mental.

A influência de Darwin também foi decisiva para a sistematização e a consolidação da psicanálise feitas por Freud. Segundo Schultz e Schultz, “Darwin discutiu várias ideias usadas posteriormente por Freud como temas centrais da psicanálise até conflitos e processos mentais inconscientes, significado dos sonhos, simbolismo oculto de alguns comportamentos e a importância do impulso sexual” (SCHULTZ e SCHULTZ, 2020, p. 321). Também abordou sobre o desenvolvimento infantil e afirmou que os seres humanos são conduzidos pelas forças biológicas do amor e da fome, o que considerava a base do comportamento e, ainda, afirmou ser o sexo a motivação humana básica.

Embora pouco difundido, os estudos sobre sexualidade eram muito frequentes no século XIX. A questão da sexualidade infantil, o amor dos filhos pelos pais do sexo oposto, e a importância da catarse – Breuer, amigo e professor de Freud, denominou o método catártico, para o tratamento das dificuldades emocionais, - também já eram conhecidos antes de Freud. O que ele fez, conforme já dito, foi sistematizar e aperfeiçoar as discussões que estavam em voga e, além disso, criou a técnica de livre associação: o paciente no divã fala livremente e espontaneamente e o analista o ajuda a interpretar esses dados.

Dessa forma, o método de investigação “caracteriza-se pelo método interpretativo, que busca o significado oculto daquilo que é manifestado por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as associações livres, os atos falhos” (BOCK et al., 2023, p. 38) e a prática profissional refere-se à busca de autoconhecimento por meio da análise.

### **3. O SISTEMA DE PERSONALIDADE DA PSICANÁLISE**

Na busca do autoconhecimento, na psicanálise, o paciente falava livremente, mas, muitas vezes, o analista percebia que o que era esquecido pelo paciente era penoso e ainda algumas lembranças faziam com que ficasse embaraçado e/ou envergonhado. À força psíquica que tentava impedir algum pensamento de se tornar consciente, Freud chamou de resistência. E o processo psíquico que visa encobrir e/ou fazer desaparecer da consciência ele chamou de repressão e esses conteúdos psíquicos se encontram no inconsciente.

Em 1900, na obra *A interpretação dos sonhos*, Freud apresentou a primeira concepção sobre a estrutura e o funcionamento psíquico. Segundo ela, há três instâncias psíquicas: a inconsciente, a pré-consciente e a consciente. A primeira diz respeito aos conteúdos reprimidos, é atemporal e não conhece as noções de tempo: passado, presente e futuro; a segunda, aos conteúdos acessíveis à consciência, apesar de não estar já na consciência, pode vir a estar a qualquer momento; a terceira recebe informações, ao mesmo tempo, do mundo exterior e do interior; nessa instância, tem destaque o fenômeno da percepção.

No que diz respeito à sexualidade infantil<sup>6</sup>, Freud define várias fases: a oral, primeira fase, a zona de erotização é a boca e está ligada à sucção; a anal, nessa fase, a zona de erotização é o ânus, tempo do controle esfinteriano; a fálica, a zona de erotização é o órgão genital, fase em que a masturbação é exploratória e é nela que há o ápice e o declínio do complexo de Édipo; esse complexo é um evento de destaque, visto que é em torno dele, segundo Freud, que ocorre a estruturação da vida psíquica do sujeito, na idade de 3 a 5 anos; o período de latência é o tempo que se caracteriza pela diminuição das atividades sexuais, na idade de 5 ou 6 anos e a genital, última fase do desenvolvimento sexual, é atingida na puberdade; nessa fase, o objeto de erotização já não é mais o próprio corpo, mas o do outro. Com esse estudo, procurava entender as causas e o funcionamento das neuroses e descobriu que boa parte delas tinha relação com conflitos de ordem sexual que, ocorridos no período da infância, deixavam marcas profundas na estruturação da pessoa na fase adulta. Essas afirmações, portanto, colocam a sexualidade no centro da vida psíquica.

---

<sup>6</sup> Importante ressaltar que não se trata aqui de sexualidade no que diz respeito à sexo, mas das necessidades básicas da criança em cada faixa etária.

Segundo Bock et al (2023), para se compreender as descobertas fundamentais de Freud, alguns conceitos devem ser esclarecidos. Inicialmente, Freud entendia que todos os relatos que os pacientes faziam a ele, de fato, tinham ocorrido, mas logo percebeu que alguns eram imaginados, mas, mesmo imaginados, quando narrados, pareciam, de fato, que eram realidade e, por isso, aquilo que, para o indivíduo assume valor de realidade é realidade psíquica, mesmo que seja divergente da realidade objetiva.

O funcionamento psíquico é concebido a partir de três pontos de vista que devem ser considerados simultaneamente: o econômico, o tópico e o dinâmico. O primeiro diz respeito à quantidade de energia que alimenta os processos psíquicos. O segundo diz respeito ao “lugar” psíquico: sua natureza e sua forma de funcionamento e o terceiro diz respeito às forças que entram em conflito e estão sempre ativas cuja origem é a pulsão, que é um estado de tensão que busca, por meio de um objeto, a supressão desse estado. A pulsão pode ser de vida, Eros, ligada às pulsões sexuais e às de autoconservação, e de morte, Tânatos, que pode ser autodestrutiva. Finalmente, um último conceito é o de sintoma, que é resultado do conflito psíquico, pode ser um comportamento ou um pensamento. O sintoma, ao mesmo tempo que aponta para o conflito, tenta encobri-lo e ele é o ponto de partida da investigação psicanalítica.

Entre 1920 e 1923, Freud acrescenta, em sua segunda tópica, a teoria do aparelho psíquico e faz a seguinte divisão da vida mental: o id, inconsciente, relacionado aos instintos agressivos; o ego é o mediador, o facilitador da interação entre o id e as circunstâncias do mundo externo e às ordens do superego. O ego é o aspecto racional da personalidade e é o responsável pelo controle dos instintos. Tem consciência da realidade, obedece ao princípio de realidade e regula o id e, finalmente, o superego, já mencionado, é o aspecto moral da personalidade, o produto da internalização dos valores e padrões morais recebidos dos pais e da sociedade. Nos limites do superego é que se introduz a ideia do sentimento de culpa que passa a existir cada vez que o sujeito transgride às ordens do superego e, para a psicanálise, esse sentimento origina-se na passagem pelo complexo de Édipo. A compreensão da história pessoal do sujeito é sempre importante para que haja uma compreensão de seus afetos e pulsões.

Alguns acontecimentos do mundo exterior ou do interior podem ser dolorosos e/ou constrangedores para o sujeito e, por isso, os sujeitos criam alguns mecanismos de defesa como, por exemplo: recalque, esse mecanismo suprime uma parte da realidade; formação reativa é um mecanismo caracterizado pela aderência a um pensamento contrário àquele que foi, de alguma forma, recalcado; regressão é o processo de retorno a uma fase anterior do desenvolvimento, onde as satisfações eram mais imediatas, ou o desprazer era menor; projeção é o deslocamento de um impulso interno para o exterior, ou do indivíduo para outro. Os conteúdos projetados são sempre desconhecidos da pessoa que projeta, justamente porque tiveram de ser expulsos, para evitar o desprazer de tomar contato com esses conteúdos e racionalização, nesse mecanismo, o ego coloca a razão a serviço do irracional. A defesa é a operação pela qual o ego exclui da consciência os conteúdos que são indesejáveis, protegendo, assim, o aparelho psíquico. O recalque é o mais radical mecanismo de defesa, os outros são deformações da realidade. Segundo Bock et al (2023, p. 45),

a característica essencial do trabalho psicanalítico é o deciframento do inconsciente e a integração de seus conteúdos na consciência. Isso porque são esses conteúdos desconhecidos e inconscientes que determinam, em grande parte, a conduta das pessoas e dos grupos – as dificuldades para viver, o mal-estar, o sofrimento ou seu modo de obter satisfação.

A finalidade, portanto, da psicanálise é levar os sujeitos ao autoconhecimento e levá-los a entender quais são os conteúdos inconscientes que os têm levado a determinados comportamentos e/ou pensamentos. Atualmente, inclusive no Brasil, tem havido discussões acerca do alcance social da prática clínica para que possa atender à sociedade de uma forma mais ampla. A questão é buscar possibilidades de intervenção social para a superação do “mal-estar da civilização” que se incorpora ao sofrimento do sujeito. A expressão da título a um dos escritos de Freud ao observar a realidade caótica do início do século XX. Imagine se ele a vivesse agora. O método psicanalítico, como já mencionado, é o interpretativo. Esse método busca ir além das aparências e alcançar as motivações mais profundas do indivíduo, por isso, a história pessoal sempre é essencial.

#### 4. CAMINHOS PSICOTEOLÓGICOS PARA A RESISTÊNCIA E A SUPERAÇÃO DAS ADVERSIDADES DA VIDA

Quando se fala em personalidade humana, é preciso entender acerca da concepção de homem a partir dos pressupostos bíblico-teológicos. Primeiro, o homem é uma criação de Deus, “foi feito alma vivente” (Gn 2. 7). Foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26-27), mas, influenciado pela serpente, desejou ter conhecimento do bem e do mal e, por isso, desobedeceu à ordem que Deus tinha dado a Adão: não comer do fruto da árvore do conhecimento (Gn 2. 17). Esse fato, pecado, que é a violação de uma norma, um preceito, separou o homem, criatura, do seu criador, Deus, e essa ação provocou os sofrimentos mais terríveis, pois, desde então, vive caminhos que não são os caminhos preparados para ele. Deus, conhecedor de todos os tempos, já havia preparado, desde a fundação do mundo, um plano que resgataria o homem dessa sua condição de queda e restabeleceria a comunhão perdida com o homem por meio do sacrifício do seu filho, Jesus Cristo, na cruz do calvário (Ef 1. 4).

A partir da perspectiva bíblico-teológica, não se pode pensar o homem sem considerar sua condição pecaminosa; segundo o *credo*<sup>7</sup> das Assembleias de Deus, cremos<sup>8</sup> na “pecaminosidade do homem, que o destituiu da glória de Deus e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo podem restaurá-lo a Deus” (Rm 3.23; At 3.19). O resultado do arrependimento e a fé na obra de Jesus é o novo nascimento em Cristo por meio do poder atuante do Espírito Santo de Deus. A partir do novo nascimento, há a

---

<sup>7</sup> *Credo* é uma expressão latina que significa *creio*. Segundo a explicação de Ferreira (2011), é uma fórmula fixa que resume os artigos essenciais da religião cristã e tem a sanção, ou seja, o apoio, da igreja, representada pela sua liderança. Esse credo é construído ao longo da história da igreja e, portanto, faz parte da tradição que dá sustentação a ela.

<sup>8</sup> Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil. Disponível em: <http://adanapolis.com.br/home/no-que-cremos/> e <http://assembleia.org.br/wp-content/uploads/2017/07/declaracao-de-fe-das-assembleias-de-deus.pdf>. Acesso 30 de janeiro de 2019. O credo acima foi copiado da Declaração de fé da Madureira, mas há itens em que acrescentamos informações do credo da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) que, em sua essência, em nada difere do da Madureira, mas somente acrescenta mais informações. Julgamos importante acrescentar dois itens que estão no da CGADB e não estão no da Madureira e temos a convicção de que é também um credo dela. Cremos: Na Igreja, que é o corpo de Cristo, coluna e firmeza da verdade, una, santa e universal assembleia dos fiéis remidos de todas as eras e todos os lugares, chamados do mundo pelo Espírito Santo para seguir a Cristo e adorar a Deus (1 Co 12.27; Jo 4.23; 1 Tm 3.15; Hb 12.23; Ap 22.17) e cremos, também, que o casamento foi instituído por Deus e ratificado por nosso Senhor Jesus Cristo como união entre um homem e uma mulher, nascidos macho e fêmea, respectivamente, em conformidade com o definido pelo sexo de criação geneticamente determinado (Gn 2.18; Jo 2.1,2

disposição do sujeito de aprender com Jesus que é “manso e humilde de coração” e, por isso, tem uma promessa de Jesus, “encontrará descanso para a alma” (Mt 11. 29); conforme vimos, o conceito de alma foi retirado dos estudos da Psicologia para que esta alcançasse o *status* de ciência; porém a permanência desse conceito numa perspectiva bíblico-teológica é imprescindível para que o homem tenha paz e vida abundante: “eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância” (Jo 10.10).

Nesse ponto, é interessante notar que o conceito de alma foi eliminado da Psicologia por não ser passível de verificação empírica, mas, também em oposição à Psicologia experimental, o conceito de inconsciente, também não passível de verificação experimental, ganhou o imaginário no século XX e, por incrível que pareça, do ponto de vista bíblico-teológico, nos parece que esse conceito é verdade, se não nos moldes sistematizados por Freud, pelo menos na crença de que há algo no ser humano que, realmente, lhe escapa: “Como águas profundas é o conselho no coração do homem; mas o homem de inteligência o tirará para fora” (Pv 20. 5); “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos” (Sl 139. 23); “Diante de ti puseste as nossas iniquidades; os nossos pecados ocultos, à luz do teu rosto” (Sl 90.8).

A técnica da associação livre desenvolvida por Freud e manifestada por uma de suas pacientes (*talking cure*) permite que o homem, pela fala, tenha uma experiência de autoanálise: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo (...) Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” (1Co 11. 28-31). E a fala, considerando a condição de queda, de pecador, cura: “Confessai as vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros, para que sareis; a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos” (Tg 5. 16).

Nossa confissão não, necessariamente, será um pecado como se costuma apontar como adultério, prostituição, assassinato, roubo etc. O que tem adoecido as pessoas, além desse tipo de conduta, ligado também à noção de limites, é o afastamento de ensinamentos que Deus propôs para aqueles que estão em Cristo e que deveriam, por meio deles, se tornarem novas criaturas. O apóstolo Paulo nos orienta a não nos conformarmos com este mundo, mas nos transformar pela renovação do nosso entendimento para que experimentemos qual seja “a boa,

agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12. 2). A palavra de Deus nos diz que toda a sua lei se resume em amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a nós mesmos, mas Jesus nos deu um novo mandamento: “Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros ameis” (Jo 13.34).

Considerando o texto de Romanos para não nos conformarmos com este mundo, precisamos entender as características do nosso tempo para percebermos o quanto estamos envolvidos nele, o quanto estamos permitindo que os valores do mundo façam parte das nossas vidas. Somente dessa forma poderemos resistir às mudanças e permanecer arraigados aos fundamentos da palavra de Deus.

A fluidez é a grande metáfora para a compreensão do nosso presente<sup>9</sup> estágio<sup>10</sup>. Fluidez é a qualidade de líquidos e de gases e eles se diferenciam dos objetos sólidos porque podem sofrer uma constante mudança de forma. Os líquidos não mantêm sua forma. O que é fluido não se fixa no espaço e nem se prende ao tempo como os sólidos. O que é sólido tem uma dimensão espacial clara, o que é fluido, por não ter forma e, portanto, uma dimensão no espaço, sempre muda suas formas e se move facilmente. A mobilidade dos fluidos, dos líquidos e dos gases, é o que os liga à leveza. Leveza traz a ideia de inconstância. A nossa modernidade é considerada como o “derretimento dos sólidos” (BAUMAN, 2000, p. 9).

No mundo atual, os casamentos não duram, os filhos não obedecem aos pais, os funcionários se rebelam contra seus patrões, as mulheres não respeitam a seus esposos, os esposos não respeitam a suas esposas. As relações são líquidas, elas facilmente se desfazem e outras relações, também líquidas, são estabelecidas. O resultado é crise existencial, depressão, angústia, pois nossos relacionamentos duradouros nos dão estabilidade emocional, psicológica e espiritual e isso é tudo de que precisamos para sermos felizes e termos paz na

---

<sup>9</sup> Alguns trechos dessa parte foram retirados do livro **Discipulador: sua base e seu crescimento** de GRANGEIRO e FERREIRA.

<sup>10</sup> O intelectual que criou essa metáfora se chama Zygmunt Bauman. Ele é sociólogo e filósofo. Tem muitas obras publicadas no Brasil, dentre elas, *Modernidade Líquida* e *Tempos Líquidos*, as quais serão a base para nossa exposição sobre o nosso tempo histórico.

alma. Bauman cita Ulrich Beck que se refere à modernidade como tendo “categorias zumbis” e “instituições zumbis”. Essas instituições são aquelas mortas e ainda “vivas” e a família é um exemplo disso. Vejamos o que diz Beck (apud Bauman, 2000, p. 13):

Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais.

Esse derretimento das relações humanas, essa fluidez, faz com que percamos os pontos estáveis que tínhamos para nos orientar, pois tínhamos padrões, códigos e regras aos quais podíamos nos conformar, mas agora, a menos que não nos afastemos da Bíblia, já não os temos. De acordo com Bauman, a fluidez passou do sistema para a sociedade, da política para as políticas da vida. Isso significa que desceu do nível macro para o do micro, ou seja, o do convívio social. E é dentro desse contexto que precisamos entender e pensar sobre os amigos que temos no Facebook.

É muito fácil aceitar uma amizade, mas, se não concordo com as ideias desse amigo, posso bloqueá-lo e nem sofro por esse amigo que perdi. Da mesma forma, ocorre com o WhatsApp. Se alguém me disse algo de que não gostei, posso, também, bloqueá-lo, e não ser importunada por essa pessoa. Todos os desejos de feliz aniversário são expressados por meio das redes e, cada vez mais, perdemos a convivência uns com os outros e vamos perdendo o sentido profundo de amar o próximo como a nós mesmos e, com isso, vamos nos esquecendo de “quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união” (Sl 133. 1).

Bauman, citando Lessing, diz que, na era moderna, fomos libertos da crença no ato da criação, da revelação e da condenação eterna e com elas fora do nosso caminho, vivemos conforme os desejos do nosso coração. Se não foi Deus quem criou todo o universo e o homem e não há condenação eterna, o homem crê na sua capacidade de criação e de desenvolvimento e, por isso, o

aperfeiçoamento e o desenvolvimento tecnológicos não têm limites e, dessa forma, ser moderno “passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado” (BAUMAN, 2000, p. 40). Somos incapazes de ficar parados e ficamos sempre nos movendo porque somos incapazes de atingir a satisfação: “o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação tranquila movem-se rápido demais” (BAUMAN, 2000, p. 41). O resultado prático dessa incapacidade de se sentir satisfeito é, entre outras coisas, a frouxidão moral e o consumismo. Nunca foi tão comum a busca de notícias sobre a vida de pessoas públicas, mas notícias que dizem respeito às suas vidas privadas.

Entrevistas em redes de TV, vídeos no Youtube e nas redes sociais mostram confissões de pessoas famosas sobre seus deslizos, suas opções sexuais, suas traições etc. e isso tem sido modelo a seguir, visto que encoraja pessoas comuns a tomarem as mesmas decisões e a assumirem uma vida de pecado que, anteriormente, lutavam para rejeitar e não aceitar. São depoimentos desse tipo, marcados pela transgressão e pela frouxidão moral, que têm milhares de seguidores nas redes sociais e empolgam, principalmente, os jovens que se recusam a viver uma vida pura e modesta, conforme os ensinamentos de Jesus. (arrebentou)

Compramos comida, sapatos, automóveis e mobílias, mas também exemplos de vida que se tornaram famosos nas redes sociais. Queremos vencer e enriquecer como os modelos, os youtubers e a nossa exposição nas redes sociais, mostrando nosso corpo e nossos talentos artísticos, poderá fazer de nós pessoas tão bem sucedidas quanto aquelas cujos modelos seguimos e às quais queremos nos identificar. Já não queremos mais imitar Paulo, que era um imitador de Jesus Cristo, porque os valores de Jesus estão muito distantes do que anseiam os nossos corações. Essas pessoas que admiramos são famosas e conseguiram muito dinheiro e, por isso, possuem muitos bens. As empresas perceberam essa fragilidade humana e bombardeiam as pessoas com propagandas. Necessariamente, as pessoas já não se satisfazem com um modelo antigo de celular, mesmo que ele esteja em boas condições. A busca desenfreada pela compra é, segundo Bauman (2000, p. 105), “um ritual feito à luz do dia para

exorcizar as horrendas aparições da incerteza e da insegurança que assombram as noites”.

Com tudo isso em mente, vejamos como estamos distantes do modo de vida do apóstolo Paulo na ocasião em que escreveu para os filipenses com, entre outros objetivos, a intenção de lhes agradecer pela oferta que lhe haviam mandado: “não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (Fl 4. 11-13).

Depois de nos oferecer inteiramente a Deus, nos dispomos a nos despojar do nosso velho homem e a nos revestir do novo (Ef 4. 22-24). Esse despojamento implica na transformação da nossa mente. As nossas motivações devem ser expostas aos princípios expostos nas Escrituras Sagradas e reavaliados do ponto de vista da saúde psíquica e isso resultará numa vida abundante, visto que Jesus disse: “eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10. 10). Ter uma vida abundante significa ter tudo de que precisamos além da medida, mais do que o suficiente. Em Jesus, podemos ter alegria completa (Jo 15.11); paz que excede todo o entendimento (Fl 4.7); celeiros transbordantes (Mt 3.10-11) e certeza da salvação eterna (Ap 2.7; 11).

O apóstolo João, escrevendo ao presbítero Gaio, disse que gostaria que “te vá bem em todas as coisas e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma” (3 Jo 2). Em Provérbios, aprendemos que “o coração com saúde é a vida da carne, mas a inveja é a podridão dos ossos” (14.30) e “o espírito do homem aliviará a sua enfermidade, mas ao espírito abatido, quem o levantará?” (18.14). As palavras de Deus “são vida para os que as acham e saúde, para o seu corpo” (Pv 4.22) e, por isso, “sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida” (Pv 4.23). Vejamos o comentário que Gordon MacDonald (2006) faz dessa passagem:

Com uma única sentença, esse escritor nos comunica uma admirável revelação. Chama de “coração” ao que eu chamo de “ponte de

comando”. Ele vê o coração como uma nascente, e dá a entender que dessa nascente brotam as energias, o discernimento e as forças que não sucumbem à turbulência externa; pelo contrário, elas a derrotam. Guarde seu coração, diz, e ele se tornará uma fonte de vida, da qual poderão beber você e os outros.

Mas o que significa “guardar” o coração? Primeiro, o escritor mostra claramente sua preocupação em que o coração seja protegido de influências externas que possam prejudicá-lo. O escritor sagrado está focalizando também a força e o desenvolvimento que o coração precisa ter para aumentar sua capacidade de comunicar ordem à vida do indivíduo.

Do coração vem a nossa força, a nossa saúde. Para isso, é preciso protegê-lo de sentimentos ruins e destrutivos. Conseguimos isso por meio do perdão, do amor, da bondade, da paciência, da longanimidade. Um coração com saúde resulta numa vida interior ordenada. Se a vida interior é ordenada, conseguimos ordenar bem toda nossa vida externa, ou seja, nossa vida pública, a vida que as pessoas podem ver. Consideramos que, se decidimos cumprir o grande mandamento dado por Jesus que é amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, estamos prontos para aceitar a Bíblia como Palavra de Deus revelada aos homens e, como Ele é o criador de todas as coisas e é Onipotente, Onisciente e Onipresente, cremos que Ele sabe tudo o que é bom para o nosso corpo, alma e espírito e, por isso, inspirou homens para escrever tudo aquilo de que necessitamos saber e aquilo que devemos obedecer para que tenhamos uma vida abundante em Jesus Cristo: “toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Tm 3.16).

As Escrituras Sagradas nos trazem uma pedagogia saudável e uma proposta de vida plena: aprendemos tudo o que é necessário para termos uma vida interior organizada e sossegada: “espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus” (1 Pe 3.4). Ela nos ensina, nos corrige e nos instrui na justiça. Os ensinamentos bíblicos são capazes de nos fazer ordenar os nossos caminhos: “pondera a vereda de teus pés, e todos os teus caminhos sejam bem-ordenados!” (Pv 4. 26). Conseguimos isso se não declinarmos “nem para a direita nem para a esquerda; retira o teu pé do mal” (Pv 4. 27). Aqueles que têm prazer na Lei de

Deus e nela meditam dia e noite serão como “árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará” (Sl 1. 2).

De acordo com John Babler (2017): “o relacionamento de uma pessoa com Deus não é apenas a fonte de vida para o homem, mas todos os demais aspectos da sua vida fluem desse relacionamento principal”. Dessa forma, o relacionamento com Deus “torna-se o ponto de origem, a partir do qual devem ser baseados todos os demais relacionamentos neste mundo” (BABLER et al. 2017, p. 99). Sendo assim, os problemas de relacionamentos enfrentados pelas pessoas não são problemas, apenas, entre indivíduos, mas, essencialmente, entre esses indivíduos e Deus. Pelo fato de o homem ser, inerentemente, pecador, ou seja, sua maldade já se encontra no seu interior, independente das circunstâncias externas, e se encontrar no seu estado de queda, aquilo de que ele primeiramente precisa é restabelecer a comunhão com Deus, prejudicada em razão do seu pecado e constante desobediência à Palavra de Deus.

De acordo com o profeta Isaías, na nossa conversão e no nosso repouso, está a nossa salvação e, no sossego e na nossa confiança em Deus, está a nossa força. Entretanto, segundo o profeta, a nação de Israel não quis isso (Is 30. 15). Por meio ainda desse profeta, Deus nos diz: “Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho que deves andar. Ah! Se tivesses dado ouvidos aos meus mandamentos! Então, seria a tua paz como o rio, e a tua justiça, como as ondas do mar” (Is 48. 17-18). “A lei do Senhor é perfeita e refrigera a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos símplices. Os preceitos do Senhor são retos e alegam o coração; o mandamento do Senhor é puro e alumia os olhos” (Sl 19. 7-8). Se a Lei do Senhor é tudo isso e nos dá refrigério, descanso e alegria, por que haveríamos de não a cumprir? Quando não a cumprimos enfrentamos uma série de problemas emocionais e psicológicos que vão apontar a seguir.

#### 4.1 VIDA EMOCIONAL/PSICOLÓGICA

Os problemas emocionais e psicológicos do homem, de forma geral, são abordados na Bíblia, visto serem problemas que dizem respeito ao interior

humano<sup>11</sup>. Como foi Deus quem criou este homem e revelou a sua vontade por meio da sua Palavra, cremos que Ele tem conhecimento o bastante para lidar com esses problemas:

porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração e não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar (Hb 4. 12-13).

Não existe conhecimento humano capaz de penetrar no homem até a divisão da alma e do espírito, quem sabe este é o lugar do inconsciente que só Deus conhece, sendo essa uma importante discussão para a teologia cristã. A ciência consegue lidar com os aspectos físicos do homem porque pode tocar, pode fazer experiências, pode observar. Não é assim com a alma e com o espírito, embora a ciência numa abordagem fenomenológica observa isso. O homem é complexo e obra divina e, por isso, não pode ser compreendido a partir uma só forma de conhecimento. Ele sabe os pensamentos e as intenções e não há nada dentro de nós que Ele não saiba. Não há desenvolvimento científico capaz de discernir os pensamentos e as intenções do homem e a Bíblia diz que o homem que não é regenerado por Deus, por meio do sacrifício de Jesus e da ação do Espírito Santo, é mal porque “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3. 23).

Essa condição inerente de pecador gera no homem experiências dolorosas ao longo da sua existência tais como: ira, falta de perdão, amargura, ansiedade, pesar, imoralidade e impureza, orgulho e egoísmo e sofrimento. Falaremos, brevemente, sobre cada um desses pontos.

---

<sup>11</sup> Toda e qualquer categorização de doenças mentais registradas pelos centros especializados de psicologia não fogem às angústias e às ansiedades descritas na Palavra de Deus; todavia, quando não tratadas, se agravam a ponto de as pessoas cometerem suicídio ou se tornarem pessoas agressivas de difícil, muitas vezes impossível, convivência. Acreditar que surgem doenças da alma que não podem ser curadas pela Palavra de Deus é crer, mesmo que inconscientemente, que a Bíblia não é suficiente para lidar com os problemas da alma do homem. Ou cremos que a Bíblia é inspirada e suficiente ou não cremos. Se Deus é Onipotente, Onipresente e Onisciente, Ele, por certo, conhece os problemas humanos em qualquer tempo e em qualquer lugar. Além disso, não podemos nos esquecer de que a Palavra de Deus é eterna (SI 119.89).

## 4.2 IRA, FALTA DE PERDÃO E AMARGURA

De acordo com Babler, “a ira é uma das muitas expressões de intensos sentimentos negativos/destrutivos em resposta ou reação a uma percepção de ter sido atacado ou ofendido” (BABLER et al. 2017, p. 313). Jesus nos ensinou que “o que sai do homem, isso é que contamina o homem. Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem” (Mc 7. 20-23). Na ira, a pessoa coloca para fora tudo que está dentro do seu coração: “o homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mal, do mau tesouro do seu coração, tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca” (Lc 6. 45).

A ira provoca mudança no semblante da pessoa: “por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante?” Essa pergunta Deus fez a Caim (Gn 4.6). Dependendo do nível da ira, ela provoca aceleração dos batimentos cardíacos, tensão nos músculos, palavras duras e agressivas. De acordo com os ensinamentos de Provérbios, “a ira do louco se conhece no mesmo dia, mas o avisado encobre a afronta” (12. 16); “a resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira” (15.1); “o homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo apaziguará a luta” (15. 18); “melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade” (16. 32); “a estultícia do homem perverterá o seu caminho, e o seu coração se irará contra o Senhor” (19.3); “o entendimento do homem retém a sua ira; e sua glória é passar sobre a transgressão” (19. 11); “pesada é a pedra, e a areia também; mas a ira do insensato é mais pesada do que elas ambas” (27. 3). De forma resumida, o que é sábio, o que tem entendimento, retém a sua ira, pois, por meio do Espírito Santo, consegue ter domínio próprio; porém o insensato, o tolo, o louco, sempre expande sua ira e provoca abalos em seus relacionamentos.

A ira não controlada progride para a falta de perdão e para a amargura. Com esses sentimentos, jamais conheceremos a vida abundante que Jesus dá. Ao contrário, serão sempre vencidos por Satanás: “e a quem perdoardes alguma coisa também eu; porque o que eu também perdoei, se é que tenho perdoado,

por amor de vós o fiz na presença de Cristo; para que não sejamos vencidos por Satanás” (2 Co 2. 10).

### 4.3 ANSIEDADE

Outro grande assunto que deve ter nossa atenção é a ansiedade. Em algumas situações que nos provocam medo, incerteza, insegurança, o sentimento de ansiedade é normal à condição humana. O problema é quando esse sentimento se torna grande demais e, portanto, desproporcional às circunstâncias externas. De acordo com Cheryl A. Bell et al., “as Escrituras descrevem essas reações como cuidado (Sl 55.22), coração aflito (Jo 14. 27), pensamentos ansiosos (Sl 139. 23,24) e muitas preocupações quanto à vida (Mt 2.25; Lc 10. 38-42)” (2017, p. 315). Os autores ainda citam os sintomas de ansiedade, segundo a *Mayo Clinic* (2017, p. 316): Sensação de apreensão; Sensação de impotência; Sensação de perigo iminente, pânico ou desgraça; Aumento do ritmo cardíaco; Respiração rápida (hiperventilação); Suor; Tremor; Sensação de fraqueza ou cansaço.

A Palavra do Senhor diz que “Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação” (2 Tm 1. 7). Também diz para nos humilhar “debaixo da potente mão de Deus, para que, a seu tempo, vos exalte, lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de nós” (1 Pe 5.7). Diante do que expõe a Palavra de Deus, Cheryl A. Bell et al. afirmam que há, nas Escrituras, uma relação estreita entre a nossa ansiedade e o medo exagerado, desproporcional. Além disso, que uma fé que não está firmada totalmente em Deus permite que o indivíduo tenha esse tipo de sentimento. Para os autores, a solução é temer a Deus, crescer na fé, confessar o orgulho e buscar a humildade e confessar a ansiedade como pecado.

O método bíblico eficaz no processo de mudança da nossa vida, conforme já mencionamos, é o ato de nos despojarmos do velho homem e nos revestirmos do novo, conforme nos ensina, explicitamente, o apóstolo Paulo na carta que escreveu à igreja de Éfeso: “quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pela concupiscência do engano e vos renoveis no espírito do vosso sentido, e vos revistais do novo homem, que segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Ef 4. 22-24). Se nos revestirmos do

novo homem, quem mentia não mentirá mais; quem ficava irado conseguirá reter a ira e não a expandir; quem dava lugar ao diabo não dará mais; o que furtava começará a trabalhar e repartirá do que tem com os outros; quem falava palavras torpes passará a falar somente o que edifica. Sendo revestidos do novo homem, não mais entristeceremos o Espírito Santo e no nosso coração já não haverá “amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e malícia” (Ef 4. 32), pois tudo isso foi removido do coração.

A nova criatura é sempre benigna, misericordiosa, sempre perdoa quem a ofende, pois entende que foi perdoada por Jesus Cristo (Ef 4. 25-5.14). O fruto do Espírito demonstra sempre bondade, justiça e verdade. Quem é cheio do Espírito de Deus só pode demonstrar, nas ações, o que há dentro do coração. Da mesma forma, quem não tem o Espírito de Deus será conhecido pelas suas ações, que evidenciarão as obras da carne que, como o fruto do Espírito, claramente, se manifestam nas suas relações sociais e familiares.

#### 4.4 PESAR, TRISTEZA

Outro tipo de sofrimento que temos é a tristeza. Todos nós, em alguns momentos da nossa vida, sentimos pesar. Segundo Cheryl A. Bell et alii (2017, p. 322), “pesar é o luto pela perda de alguém ou pela perda ou falta de algo”. Todos nós, quando perdemos entes queridos, temos nosso tempo de luto. Se perdermos bens materiais, poderemos ter nosso tempo de pesar pela perda. Portanto, se o problema do discipulando é algum tipo de pesar, ele precisa de consolo: “alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram” (Rm 12.15).

Todavia, esse pesar não pode durar indefinidamente e nem se deve atribuir a Deus a responsabilidade pelas perdas e nem, muito menos, permitir que o relacionamento com Deus fique prejudicado pelo fato de se pensar que Deus não o livrou desse sofrimento. Quando isso ocorre, o discípulo precisa entender que pecou contra Deus e precisa restabelecer a plena comunhão com Ele. Nesse caso, com muito amor, o discipulando precisa ser exortado: “exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado” (Hb 3. 13).

#### 4.5 IMORALIDADE E IMPUREZA

O apóstolo Paulo ensina aos romanos que o pecado não deve reinar em nossos corpos. Não devemos obedecer às nossas concupiscências, ou seja, aos nossos desejos carnis. Isso significa que não devemos apresentar nossos membros “ao pecado por instrumentos de iniquidade” (Rm 6. 12,13). Ele explica ainda que o pecado não terá domínio sobre nós, pois não estamos debaixo da lei, mas da graça. Isso significa que, por meio da regeneração, conseguimos purificar os nossos pensamentos e desejos, pelo conhecimento da palavra: “vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15.3) e, tendo feito isso, o pecado não será consumado.

Tiago nos ensina que, primeiro, o desejo pecaminoso é concebido e, posteriormente, dá “à luz o pecado; e o pecado sendo consumado, gera a morte” (Tg 1.15). Nossa tarefa constante é termos o nosso coração purificado. Não é dele que procedem as saídas da vida? E como faremos isso? O salmista nos responde: “observando-o conforme a tua palavra” (Sl 119. 9). Sem a Palavra de Deus, não conseguimos limpar o nosso coração e, necessariamente, devemos limpá-lo, pois “bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus” (Mt 5.8).

#### 4.6 ORGULHO E EGOÍSMO

Segundo Steve Gallagher (2008, p. 13), o orgulho significa “ter um conceito exagerado de sua própria importância e uma preocupação egoísta com seus próprios direitos. É uma atitude que diz: ‘Sou mais importante que você e, se necessário, irei promover minha causa e proteger meus direitos em detrimento dos seus’”. Ainda segundo esse autor,

o orgulho é algo tão natural para o homem caído que brota em seu coração como ervas daninhas em um jardim regado ou como juncos em um brejo. É um pecado que se impregna e que cobre tudo, como a poeira nas estradas ou a farinha nos moinhos. Sua presença sempre é maligna. Você pode até conseguir capturar essa raposinha, e pensar que a destruiu, mas “surpresa!”, pode acabar se orgulhando disso. Ninguém tem mais orgulho do que os que sonham que não têm nenhum. O orgulho é um pecado com mil vidas, parece impossível matá-lo (GALLAGHER, 2008, p. 13).

O que a Bíblia nos ensina sobre os orgulhosos é que Deus resiste a eles: “Deus resiste aos soberbos, dá, porém, graça aos humildes”; por isso, o caminho

ideal é “senti as vossas misérias, e lamentai, e chorai; converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo, em tristeza. Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará” (Tg 6-10).

O oposto do orgulho e do egoísmo, e a melhor opção, é a humildade. Devemos nos humilhar perante o Senhor, reconhecendo que, sem Ele, não somos nada e não podemos fazer nada. Devemos compreender as limitações humanas, por mais poderosos que sejam alguns homens, terão o mesmo fim: a morte física, pois a condição humana é limitada por tempo e por espaço. E, além disso, devemos nos humilhar a nós mesmos diante de Deus porque foi esse o sentimento de Jesus.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos filipenses, disse que deveria haver neles o mesmo sentimento que houve em Jesus Cristo que, sendo Deus, não usurpou do fato de ser igual a Deus. Mas, ao contrário, ele aniquilou-se a si mesmo, e tomou a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo homem, humilhou-se ainda mais, visto que foi obediente e se dispôs a morrer na cruz como se fosse um malfeitor. Todavia, porque Ele se humilhou dessa forma, “Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo nome” (Fl 2.5-11). Todos os discípulos de Jesus devem ter o mesmo sentimento que houve nele: disposição de colocar os interesses do Reino de Deus acima de quaisquer interesses pessoais.

#### 4.7 SOFRIMENTO

O sofrimento, sentido por meio de angústia, pode ser físico, mental e emocional ou conjugar essas três dimensões. Na Bíblia, é identificado como provações (Tg 1.2-4); aflições (Jo 16.33); tentações (Tg 1.13-15); fogo ardente (1 Pe 4. 12,13). Nossa grande expectativa futura é o estabelecimento do Reino de Deus em todo o universo, pois, nesse tempo, viveremos cheios de paz e de alegria na cidade de Jerusalém e “nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor” (Is 65. 19). Todavia, até que esse dia chegue, por mais que tenhamos paz e alegria em Jesus, no mundo, teremos aflições (Jo 16.33). Os discípulos de Jesus precisam saber disso e precisam saber lidar com o sofrimento sem chegar ao desespero: “amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós, para vos

tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo” (1 Pe 4. 12,13).

De acordo com Steve Gallagher et alii (2008, p. 329), há três causas para o sofrimento: “o pecado pessoal, o pecado dos outros e o mundo corrompido pelo pecado”. Os nossos pecados devemos assumir, confessar e deixar. Mas, infelizmente, também podemos sofrer por conta dos pecados de pessoas que fazem parte do nosso convívio. Nesse caso, a Palavra de Deus nos consola por meio do apóstolo Pedro. Ele nos explica que, se sofrermos, mesmo fazendo o bem, estamos seguindo o exemplo de Jesus que “padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas” (1 Pe 2. 18-24).

Os desastres naturais também fazem as pessoas sofrerem, pois podem perder bens materiais e vidas podem ser ceifadas ou feridas. Por conta dessas dificuldades que encontramos na vida, a satisfação plena do servo de Deus está na certeza de fazer parte de um Reino onde não haverá nenhum desses sofrimentos. Que estamos todos sujeitos a esses sofrimentos é fato, a questão é como reagimos a eles. Para Steve Gallagher et alii (2008, p. 332),

nas Escrituras, Deus deixa claro que respondemos a Ele de uma maneira ou de outra à medida que a crise produzida pelo sofrimento expõe nosso coração. Embora possamos culpar nossas circunstâncias pelas respostas que damos, Deus deixa claro que essas circunstâncias revelam o que já está em nós. Confiamos em Deus e O buscamos, ou confiamos em nosso próprio entendimento, nossos caminhos e recursos (Pv 3.5-7; Os 10.12,13).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tomamos por base o sistema de personalidade sistematizado por Freud, na psicanálise, entendemos a luta que se trava no homem no que diz respeito aos seus instintos, pulsões, e o que a lei do Senhor diz. Não desconsideramos a possibilidade de pensarmos no *id*, como os instintos, desejos do nosso corpo, as concupiscências do coração, e o superego, relacionado ao nosso espírito que apreende os princípios da lei de Deus e anseia por Ele. Esse duelo é travado na alma, nosso *ego*, que, ao mesmo tempo que se vê inclinada a

atender aos anseios do espírito, se vê reduzida aos desejos da carne, aos impulsos do id. O aspecto racional da nossa personalidade quer, sempre, refrear os nossos instintos e, nesse processo, desejos não satisfeitos, de fato, geram sofrimento e o sentimento de culpa quando sabemos que transgredimos a lei do Senhor. Daí que, ao invés de a lei do Senhor ser entendida como refrigério para a alma, é entendida como o que provoca o sentimento de culpa. Níveis de problemas emocionais e/ou psicológicos se tornam muito mais intensos quando o ego deixa de regular os desejos do id, desconsiderando totalmente as ordens do *superego*.

Nesse caso, pensando no funcionamento psíquico, a partir da quantidade de energia que alimenta os processos psíquicos, sua natureza e sua forma de funcionamento, bem como às forças que entram em conflito e estão sempre ativas cuja origem é a pulsão, vemos que a falta de regulação do id origina a pulsão de morte, que pode ser autodestrutiva, e a regulação dele gera a pulsão de vida, o que nos lembra as palavras do Senhor: “te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida para que vivas” (Dt 30.19). Não se alcança uma vida psíquica estruturada fora do novo nascimento em Cristo e a falta de compreensão e aceitação disso, levam muitos a criarem seus mecanismos de defesa para tentar justificar o que é injustificável diante de Deus.

Se tanto a Psicologia, quanto a Teologia lidam com o que não é passível de verificação empírica, qual é o problema da falta de verificação em laboratório das verdades bíblicas? Se observarmos a realidade, as relações sociais, os conflitos atuais, a falta de saúde mental nas pessoas, vistas nas crises de ansiedade, de pânico, de depressão, veremos que a Bíblia se mostra verdadeira à medida que a realidade revela o nível de desajuste nas relações humanas no mundo cujos valores se afastaram dos princípios da Palavra de Deus e, visto que ela é verdade, mesmo que a desconsiderem, os resultados que ela descreve para vidas que não consideram seus preceitos serão verdade nas vidas das pessoas. E o resultado que vemos são as crises nos mais diversos níveis e os níveis de violência, de autodestruição e destruição do outro, cada vez mais crescentes, ou seja, a pulsão de morte tem sido maior que a de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABLER, John e Ellen Nicolas (Org.). **Fundamentos teológicos do Aconselhamento Bíblico e suas aplicações práticas**. São Paulo: Nutra Publicações, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOCK, Ana Mercês Bahia; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi; FURTADO, Odair. **Psicologias – Uma introdução ao Estudo de Psicologia**. 15. Ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

GALLAGHER, Steve. **O poder da humildade**. Trad. Daniela Valente. Rio de Janeiro: Propósito Eterno Editora, 2008.

GRANGEIRO, Alessandra e FERREIRA, Meire. **Discipulador: sua base e seu crescimento**. Goiânia: Editora Visão, 2019.

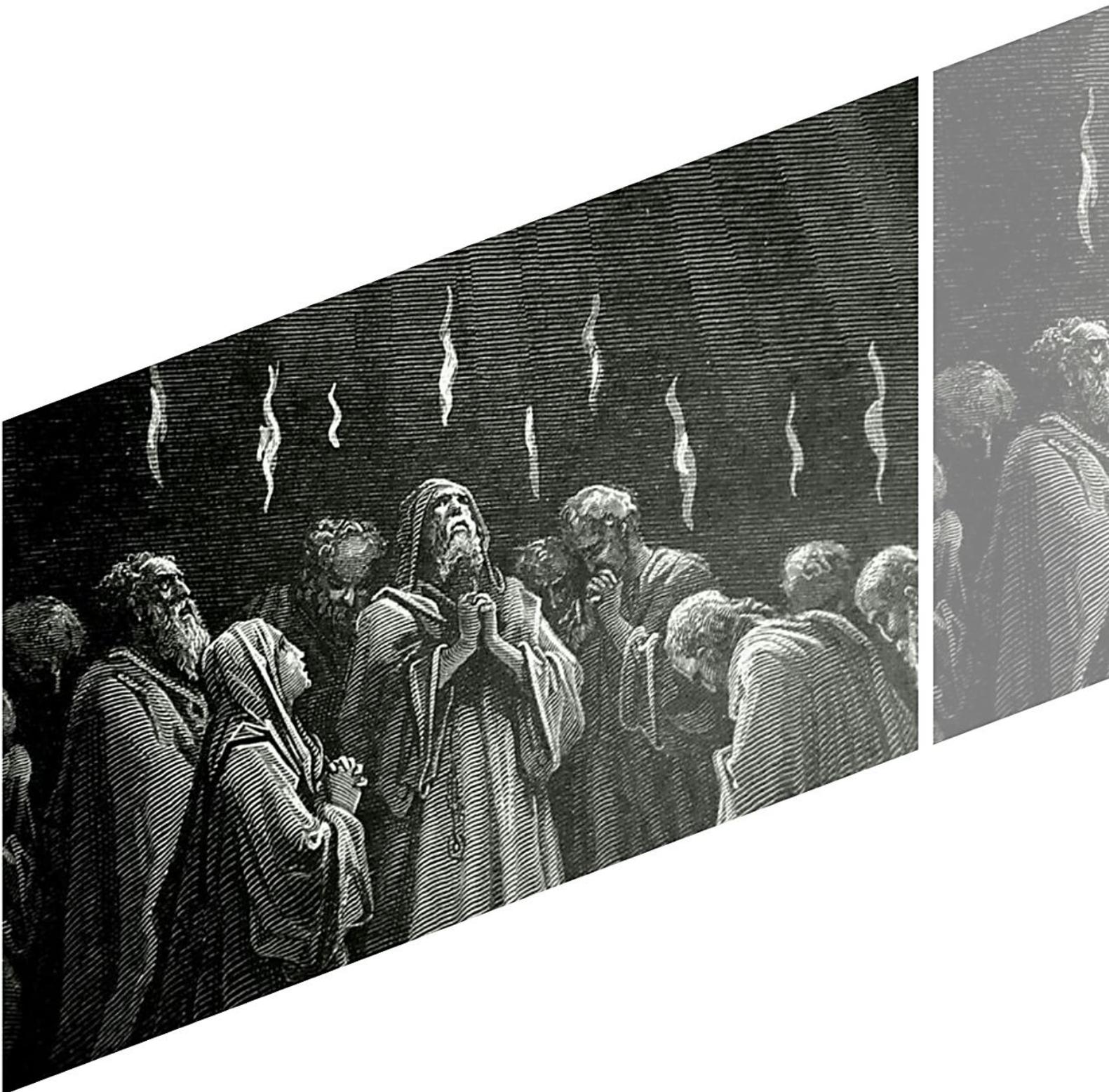
MACDONALD, Gordon. **Ponha ordem no seu mundo interior**. São Paulo: Editora Betânia, 2006.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sidney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. 4. Ed. São Paulo: Cengage, 2019.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. São Paulo: FTD Educação, 2017.

# VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



## O DEUS ESQUECIDO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A DOCTRINA E A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO

Fábio de Sousa Neto\*

### RESUMO

O artigo propõe discorrer sobre o *loci* da pneumatologia, destacando a pessoa do Espírito Santo, seu lugar na Escritura, na reflexão doutrinária e na história da igreja. Evidentemente, a proposta é operar uma síntese, tendo em vista a envergadura da tarefa. A interrogação que deu norte ao estudo foi a seguinte: qual é o lugar da Pessoa do Espírito Santo na Escritura, no desenvolvimento histórico da doutrina e na vida da igreja? Na tentativa de dar respostas ao problema levantado, optou-se por explorar os *insights* bíblicos, a teologia histórica e sistemática, além de parte da história da igreja. Evidentemente, outra questão de máxima importância será destacada, ou seja, questões práticas como o culto, a oração e mesmo os elementos culturais a exemplo dos artefatos musicais e do lirismo cristão através do tempo.

**Palavras-chaves:** Pneumatologia. Espírito Santo. Escritura. Doutrina. História.

### ABSTRACT

The article proposes to discuss the loci of pneumatology, highlighting the person of the Holy Spirit, his place in Scripture, in doctrinal reflection and in the history of the church. Evidently, the proposal is to operate a synthesis, taking into account the scale of the task. The question that guided the study was the following: what is the place of the Person of the Holy Spirit in Scripture, in the historical development of doctrine and in the life of the church? In an attempt to provide answers to the problem raised, we chose to explore biblical insights, historical and systematic theology, as well as part of the history of the church. Evidently, another issue of utmost importance will be highlighted, that is, practical issues such as worship, prayer and even cultural elements such as musical artifacts and Christian lyricism over time.

**Keywords:** Pneumatology. Holy Spirit. Scripture. Doctrine. History.

---

\* Historiador, especialista em Teologia Sistemática, Mestre em História. E-mail: fabiosousaneto@gmail.com.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“O Espírito Santo tem sido, por muito tempo, como a Cinderela da Trindade. As duas outras irmãs podem ter ido ao baile da teologia; o Espírito Santo, toda vez, é deixado para trás”*

(Alister McGrath)

A epígrafe acima diz respeito à escrita volumosa de um teólogo contemporâneo muito importante. Para não provocar quebra de expectativas, é bom que se diga, depressa, que não se trata de um pensador pentecostal. O autor é Alister McGrath (1953 –), escritor premiado e intelectual ao estilo polímata que já atuou em prestigiadas universidades como *Oxford* e na *King’s College* de Londres.

A constatação de McGrath (2005) diz respeito a uma questão extremamente séria e facilmente constatada; certa minimização ou posição marginal do Espírito Santo na tarefa teológica e, muito provavelmente, na devoção e na prática dos cristãos. Certamente, esse “Deus esquecido” aparece em algum *loci* teológico apresentado tanto sob a Trindade ontológica quanto sob a Trindade econômica, as relações intratinitárias e as *opera ad extra*<sup>12</sup>. Contudo, “tomos”, capítulos inteiros ou exclusivos eram raros até pouco tempo atrás.

Constata-se também que, mesmo em autores reconhecidamente continuístas como Wayne A. Grudem (1948), o espaço dedicado à pneumatologia é relativamente breve. McGrath (2005) sugere que a guinada para o Espírito, certo “*Spirit Return*” ocorreu sob influência do pentecostalismo ou do que identificou como “movimento carismático” (MCGRATH, 2005, p. 361).

O caso brasileiro é especialmente interessante, uma vez que pentecostais e carismáticos no Brasil constituem hoje a maioria entre os protestantes e evangélicos. No entanto, “de forma paradoxal, mesmo sendo a igreja brasileira uma das mais carismáticas do mundo, ainda há pouco material de autores nacionais, refletindo sobre o Consolador de nossas almas” (SIQUEIRA, 2023, p.

---

<sup>12</sup> Diz-se, as obras de Deus para fora de si, ou seja, na criação.

16). Uma rápida exploração de uma revista eletrônica vinculada a uma instituição de ensino mantida por uma igreja pentecostal aponta exatamente para este fato, ou seja, entre o conjunto total de produções apenas um artigo aborda o tema da pneumatologia.

O presente texto proporá um teste que desvela o principal objetivo deste trabalho, qual seja, verificar o lugar da Pessoa do Espírito Santo na Escritura, na dogmática e na história da igreja. Evidentemente, outra questão de máxima importância será destacada; examinar o lugar do Espírito na vida da igreja o que inclui questões práticas como o culto, a oração e mesmo os elementos culturais a exemplo dos artefatos musicais, do lirismo cristão através do tempo.

## 2. O ESPÍRITO NAS ESCRITURAS DO ANTIGO TESTAMENTO

Logo no pórtico da história, no relato das origens, do *cosmo* e da vida, a Escritura trata de destacar a Pessoa do Espírito Santo. Isso se deu de dois modos, primeiro na narrativa que revela a presença e a ação do *ruach* (רוח) na criação do mundo (Gn 1.2), depois na criação especial do ser humano (Gn 2.7). Em ambas as passagens, se identifica a recorrência de uma mesma palavra; *ruach* (רוח) para descrever tanto o Espírito de Deus quanto o fôlego de vida. Nesse último caso, é o próprio sopro de Deus, ação que animou o homem formado da terra, o fazendo “alma vivente” (ARA – Gn 2.7).

Essa observação parece óbvia, mas pode provocar muitos equívocos. Um deles é a absoluta independência da vida humana da ação providencial de Deus que, nesse caso, é obra do Espírito Santo. O outro equívoco é aquele que pode conduzir a uma interpretação que “cheire” panenteísmo<sup>13</sup> ou no mínimo a deificação humana sob a incompreensão da *theosis*<sup>14</sup>. Para evitar tais equívocos é preciso recorrer ao Antigo Testamento e ao contexto de existência dos primeiros cristãos.

---

<sup>13</sup> Ensino derivado do pensamento romântico de Karl Friedrich Krause (1781-1832), por isso também conhecido como krausismo ou “racionalismo harmônico”. Essa doutrina ensina que o mundo “é simples aparição de Deus, no qual todas as coisas estão imanentes. Embora transcendente, o ser divino está substancialmente unido com as criaturas” (SCHÜLER, 2002, p. 348).

<sup>14</sup> Antiga doutrina desenvolvida no cristianismo de fala grega ou *Ortodoxo*, representando certa “deificação” humana na consumação. É a união com Deus, a “visão beatífica”, a impressão da imagem de Cristo que progressivamente vai se consubstanciando no crente até à glorificação. Há muita discussão sobre o real significado dessa doutrina, o que tem gerado muitos equívocos e condenações apressadas. A sugestão do autor é maior aprofundamento do leitor sobre o tema.

Conforme registrou Levison (2022), Hermann Gunkel (1862–1932), considerado por ele como o pai da “pneumatologia moderna”, fez severa crítica aos “teólogos bíblicos por saltarem do Antigo Testamento para o Novo” ao mesmo tempo em que reivindicou a importância do judaísmo “para se entender o surgimento da pneumatologia cristã primitiva” (LEVISON, 2022, p. 21-22). Levison (2022), então, opera dupla exploração: da Escritura hebraica num mergulho exegético sobre o hebraico bíblico e do judaísmo sob o contexto do surgimento do cristianismo. Evidentemente, Gunkel, que também é considerado o “grande pioneiro da crítica da forma” (ANDERSON, 1998, p. 15), não se equivocou quando alertou sobre a importância do Antigo Testamento.

Uma das primeiras questões postas por Levison (2022) diz respeito ao que chamou de “a traição benigna das traduções” (LEVISON, 2022, p. 34). Para o autor, uma questão fundamental nas traduções é aquela relacionada aos “limites das línguas traduzidas”. Esse é o caso da tradução do hebraico ou do grego quando os termos *ruach* (רוח) e *pneuma* (πνεύμα) representam tanto “fôlego” quanto alguma “dotação carismática”. Levison (2022), então, registra que os tradutores traem a língua original quando tentam identificar *ruach* (רוח) ou *pneuma* (πνεύμα) quando se referem ao espírito humano ou ao divino e, assim, escrevendo com inicial maiúscula o termo que julgam se referir à dotação carismática de Deus. Sendo assim, o autor chama a atenção para o seguinte problema:

[...] a ausência, nas línguas traduzidas, de uma palavra que possa significar simultaneamente espírito ou fôlego humano e Espírito ou fôlego divino. Contudo, em Israel e na igreja primitiva, não se pensava nessa distinção. Ruach e pneuma comunicavam tanto o espírito ou fôlego de Deus no interior de todos os seres humanos como espírito ou fôlego divino que Deus concede como dom especial (LEVISON, 2022, p. 35-36).

Como já anunciado, a tese de Levison (2022) não é uma defesa do panenteísmo, ou da antiga noção ortodoxa grega da *theosis*, antes, comunica a ideia geral de que *ruach* (רוח) ou *pneuma* (πνεύμα) representam, ao mesmo tempo, o Ser de Deus, o Espírito, quanto o sopro ou fôlego divino que anima toda criatura humana, além de traduzir, brisa, vento, ar, sopro. De todo modo, se pode constatar que, nessa leitura, o Ser de Deus, o Espírito, ganha proeminência, sendo também responsável pelo fôlego humano, sua vida propriamente dita, pela “ontologia do humano”. É o Espírito preservador e mantenedor da vida.

Entretanto, esse mesmo “espírito-respiração” (LEVISON, 2022, p. 37), termo que condensa o esforço de Leivison (2022) para romper a dicotomia entre *ruach* (רוח) no humano e *ruach* (רוח) divino, é o mesmo que qualifica, dinamiza, inspira e reveste de força os personagens do Antigo Testamento. *Ruach* (רוח) é também um reservatório de virtudes e por isso mesmo Bezalel, artífice chefe da tenda do encontro (Êx 38. 22) é aquele que recebe uma “hipersaturação” do Espírito, “um enchimento total do espírito que ele já cultivava” (ibidem, p. 17). De fato, o texto bíblico descreve claramente a ação divina sobre Bezalel: “E o enchi do Espírito de Deus, de sabedoria, e de entendimento, e de ciência, em todo o labor” (ARA – Êx 31. 2,3).

Além disso, a narrativa do Antigo Testamento clarifica a ação do *ruach* (רוח) que além de fazer transbordar as habilidades de Bezalel e Aoliabe, os inspiraram como pedagogos, num tipo de solidariedade comunitária e generosa, capaz de mobilizar aquele que foi cheio de *ruach* (רוח) a transmitir as mesmas virtudes, conhecimentos e habilidades. Diz o texto:

Disse Moisés aos filhos de Israel: Eis que o Senhor chamou pelo nome a Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, e o Espírito de Deus o encheu de habilidade, inteligência e conhecimento em todo artifício,

e para elaborar desenhos e trabalhar em ouro, em prata, em bronze, e para lapidação de pedras de engaste, e para entalho de madeira, e para toda sorte de labores.

Também lhe dispôs o coração para ensinar a outrem, a ele e a Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã.

Encheu-os de habilidade para fazer toda obra de mestre, até a mais engenhosa, e a do bordador em estofos azul, em púrpura, em carmesim e em linho fino, e a do tecelão, sim, toda sorte de obra e a elaborar desenhos (ARA – Êx 35. 30-35).

Mas *ruach* (רוח) também reveste de forças, de coragem e de outras virtudes. Opera sobre os juízes de Israel e os profetas. Em relação aos primeiros, os habilita para a defesa do povo, para isso, entrega virtudes especiais. Não é sem razão que certa teologia bíblica tem afirmado “que a intrepidez dos juízes para a guerra não é natural, mas exclusivamente um dom divino” (STRONSTAD, 2020, p. 95). Por causa disso, os juízes recebem a classificação de “profetas guerreiros carismáticos”, identificados com o modelo de Josué (ibidem, p. 95).

Nesse caso, o método divino é o revestimento do Espírito que, na linguagem bíblica, diz sobre Otniel: “Veio sobre ele o Espírito do Senhor” (ARA –

Jz 3.10), ou sobre Gideão: “Então o Espírito do SENHOR revestiu” (ARA – Jz 6.34) e, ainda sobre Sansão, informa que *ruach* (רוח) “começou a incitá-lo” (ARA – Jz 13.25). Em relação ao profeta, *ruach* (רוח) comunica dotações carismáticas especiais, vocaciona e utiliza-o como seu porta-voz. Por isso a palavra hebraica para profeta, נביא “*nabi*”, traz em sua raiz o sentido de “proclamar ou anunciar”. Além disso, como registraram Radmacher, Allen e House (2010, p. 1180): “Outra possibilidade é a de que ela derive do vocábulo hebraico que significa borbulhar ou derramar”. Assim, concluíram os autores que a “profecia pode ser comparada a algo que “borbulha” do Espírito Santo no íntimo da pessoa que entrega a mensagem divina” (ibidem, p. 1180).

Já foi dito por vários pesquisadores da literatura hebraica que há, pelo menos, duas classificações básicas para o profetismo, ou seja, profetas de êxtase e escritores (*hagiógrafos*). Difícil é considerar o *hagiógrafo* como alguém desprovido de dotação carismática, daí, certo borramento nessas classificações, sobretudo em relação ao profeta escritor, pois as fronteiras não são tão nítidas. Assim, uma separação radical entre profetas extáticos e escritores é uma impossibilidade (RENDTORFF, 1977, p. 509). Alguns exemplos podem ser elencados, começando pelo consenso ortodoxo e bíblico de que “Deus mesmo falou por meio dos profetas (Hb 1.1); à medida que eles experimentavam a atividade do Espírito de Deus, proferiam a palavra de Deus” (DESMOND; ROSNER, 2009, p. 55).

Além dessa constatação, observa-se que o registro profético em muitos casos foi antecedido pela visão (êxtase) ou pela ordem expressa de Deus de proceder com o registro da revelação (Hb 2.3). Não é sem razão que, falando em primeira pessoa, registrou o profeta Oséias: “Falei aos profetas, e multipliquei a visão; e pelo ministério dos profetas propus símiles (ARA – Os 12.10). Nesse ponto, convém registrar uma nota sobre o “êxtase” que, por vezes, é assumido como “sinônimo de uma experiência irracional” (SIQUEIRA, 2023, p. 27).

Contudo, conforme registrou Tillich (2005), o êxtase: “aponta para um estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. O êxtase não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma [...]” (TILLICH, 2005, p. 124). Sendo assim,

informa o autor, que tanto os apóstolos quanto os profetas testemunharam “reiteradamente de suas experiências extáticas” (ibidem, p. 124).

De todo o modo, as origens dos oráculos proféticos são identificadas, ou seja, *ruach* (רוּחַ) é a fonte, como bem registrou Zacarias sobre: “[...] as palavras que o Senhor dos Exércitos enviara pelo seu Espírito, mediante os profetas que nos precederam” (ARA – Zc 7.12). Assim, a frase בְּרוּחוֹ traduzida como “pelo seu Espírito” aponta claramente para o veículo da revelação, sua fonte propriamente dita; *ruach* (רוּחַ). Na verdade, o *nabiísmo* como a expressão original do profetismo em Israel era “marcadamente carismático” (SIQUEIRA, 2023, p. 34) e, nesse sentido, defende Siqueira (2023, p. 34) que: “o *nabiísmo* em Israel é a clara demonstração de que os fenômenos carismáticos, especialmente as elocuições extáticas, não são estranhos à literatura hebraica”.

Em relação ao lugar do *ruach* (רוּחַ) no Antigo Testamento, muito ainda poderia ser dito. Entretanto, entende-se que para os fins deste trabalho e seus limites, os parágrafos acima são satisfatórios, sobretudo quando destacam a Pessoa do Espírito Santo na história primeva da salvação, na vida dos crentes, e como agente ou fonte da inspiração, do “borbulhar” profético no Antigo Testamento (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 1180).

### 3. O LUGAR DO ESPÍRITO NA TAREFA TEOLÓGICA

Após a produção dos autógrafos que compõem o Novo Testamento, a literatura cristã subsidiada pelos livros canônicos foi progressivamente ganhando forma. Surgiram os manuais como a *Didaquê*, a literatura epistolar e apocalíptica seguiu em continuidade, além de obras devocionais, fórmulas batismais e credais, *hagiografias* não canônicas (no sentido de biografia) e historiografias de matriz judaica helenística, como Atos dos Apóstolos (STRONSTAD, 2020, p. 58). Evidentemente, desde cedo, o cristianismo se destacou pela inclinação literária, para além da associação comum com judeus nos termos do “povo do livro”.

De fato, já registrou a historiadora israelense Anita Shapira (1940 –) que o apego às Escrituras é, definitivamente, uma característica cristã que, aliás, influenciou os judeus e, mais precisamente, no movimento sionista<sup>15</sup>. Algo

---

<sup>15</sup> Anita Shapira se refere ao sionismo como movimento político no final do século XIX. O ponto de partida seria as atividades panfletárias de Yehuda Leib Pinsker, a partir de 1881, mas o principal ator foi Theodor Herzl cujo panfleto “O Estado dos judeus”, publicado em 1896, pode ser considerado o marco simbólico e inaugural do sionismo. O primeiro Congresso Sionista (que

importante precisa ser registrado. Shapira (2018) afirma que foram os protestantes evangélicos da Inglaterra que transferiram aos sionistas o ingrediente de retorno à pátria, de “retorno dos judeus ao seu lar ancestral como primeiro passo para a redenção do mundo” (SHAPIRA, 2018, p. 33). A autora ainda informa que a Bíblia, como fonte legitimadora do movimento sionista e do retorno ao lar, passou a ser um ingrediente novo, uma vez que os judeus, ao longo do tempo, mantinham a Bíblia em posição secundária aos outros escritos como o *Talmud*. Como observa Shapira (2018), essa posição privilegiada da Bíblia é uma herança protestante (ibidem, p. 33).

Como se pode observar, o valor das Escrituras e seu primado no cristianismo é o pano de fundo para o desenvolvimento de uma cultura livresca. Evidentemente, os cristãos se apropriaram criticamente da cultura clássica (MCGRATH, 2005) algo que passou a caracterizar uma prática paradigmática na grande tradição cristã. Sendo assim, o que se espera é que parte dessa literatura possa carregar os vestígios de suas crenças e valores e isso também tem a ver com o lugar reservado ao *ruach* (רוח) ou *pneuma*, ao Espírito Santo.

Nessa relação, convém registrar o que observou Roger Olson (2001). Para o autor, embora pensadores cristãos antigos como Atanásio tenha se referido ao Espírito Santo, uma teologia propriamente pneumatológica só foi desenvolvida pelos pais Capadóciolos. Isso pode sugerir que, por algum tempo, o Espírito Santo foi “um Deus esquecido” na tarefa teológica da antiga igreja. Contudo, a questão exige cuidado. Olson (2001), em sua obra de teologia histórica, pontuou enfaticamente que “não existe nenhuma doutrina do cristianismo que tenha surgido do nada. Cada crença, quer considerada “ortodoxa” (teologicamente correta) ou “herética” (teologicamente incorreta), nasceu de um desafio” (OLSON, 2001, p. 17).

Isso significa, entre outras coisas, que os desafios contextuais dos primeiros pensadores cristãos como Irineu ou Atanásio em relação aos “gnosticismos” os conduziram à reflexão sobre a identidade de Jesus Cristo, à cristologia propriamente dita, reafirmando sua divindade e humanidade. A conclusão lógica é que tanto o Trinitarismo, quanto a pneumatologia ganharam

---

lançou as bases do moderno Estado de Israel) foi realizado na Basileia em 1897 (SHAPIRA, 2018, p.19, 35, 37).

espaço subsequente, tendo como ponto de partida a pergunta por Jesus de Nazaré, oriunda das afirmações bíblicas sobre sua divindade.

Por exemplo, no século IV d.C. Gregório de Nissa (c. 330-395) desenvolveu uma obra magistral sobre a divindade do Filho que incluiu com justeza o tema da divindade do Espírito. Contudo, desde algum tempo, mais precisamente a partir do século II, um fenômeno relacionado à busca pela identidade carismática da igreja acabou sufocando a pneumatologia. A referência diz respeito ao montanismo.

O nome é derivado de Montano, líder recém surgido no século II d.C. que, a partir da Ásia Menor, começou um movimento de contestação à igreja estabelecida, sobretudo em relação ao episcopado monárquico e à sucessão apostólica, além da crítica sobre a perda da identidade carismática da igreja. Assim, uma das principais defesas do montanismo era a continuidade dos *charismatas*, o que incluía a *glossolalia* e a esperança escatológica. Euzébio de Cesareia, citando Apolinário de Hierápolis (séc. II), um pai apologista e grande opositor do montanismo, registrou suas impressões sobre a resistência dos montanistas ao episcopalismo monárquico:

Diz-se haver certa vila da Mísia na Frígia, chamada Ardaba. Ali, dizem, um dos conversos recentes de nome Montano, quando Crato era procônsul da Ásia, tendo na alma excessivo desejo de assumir a liderança, dando ao adversário ocasião para atacá-lo. De modo que foi arrebatado no espírito, sendo levado a certo tipo de frenesi e êxtase irregular, delirando, falando e pronunciando coisas estranhas, e proclamando que era contrário às instituições que prevaleciam da igreja, conforme transmitidas e mantidas em sucessão desde os primórdios. (In: CESARÉIA, 1999, p. 182).

Ao que parece, as intenções de Montano e seus seguidores eram nobres, como bem disse Cairns (1995, p. 56): “Às vezes o líder equivocadamente entusiasmado, na tentativa de proteger a verdade pode subvertê-la; foi este o caso de Montano no segundo século”. Obviamente o episcopalismo monárquico embora possa ter sido uma estratégia para garantir a unidade da igreja, há de se registrar que as raízes profundas do papado podem ser rastreadas até o fenômeno. De todo modo é possível afirmar que o montanismo foi

[...] uma tentativa da parte de Montano em resolver os problemas de formalismo na Igreja e a dependência da Igreja da liderança humana

quando deveria depender do Espírito Santo. Esta tentativa de combater o formalismo e a organização humana levou-o a reafirmar as doutrinas do Espírito Santo e da Segunda Vinda. Infelizmente, como geralmente acontece em movimentos desta natureza, ele caiu para o extremo oposto e concebeu fanáticas e equivocadas interpretações da Bíblia (CAIRS, 1995, p. 82).

A resposta da igreja estabelecida foi imediata, contundente, e até com excessiva severidade (OLSON, 2001, p. 31). Tudo indica que a partir dessa conjuntura, a identidade carismática da igreja que já estava em declínio, como indica um documento antigo a *Didaquê*, ficou ainda mais ocultada, tudo justificado pelos excessos do montanismo. Sobre isso diz Olson (2001):

Numa reação contra os excessos e as reivindicações exclusivistas de Montano e de seus seguidores, os líderes da igreja procuraram se apoiar cada vez menos em manifestações verbais sobrenaturais, como línguas, profecias e outros dons, sinais e milagres sobrenaturais do Espírito. Finalmente, tais manifestações carismáticas passaram a ser, injustamente, tão identificadas com Montano e o cisma montanista que quase se extinguíram sob a pressão de bispos temerosos e dos imperadores cristãos posteriores (OLSON, 2001, p. 31-32).

Nessa mesma direção, Earl Cairns (1995) ao ponderar sobre a questão montanista fez importantes observações. Primeiro, que houve excessos tanto no montanismo quanto na reação da igreja ao movimento. Segundo, embora os protestos da igreja e a condenação do montanismo no Concílio de Constantinopla (c. 381), o movimento se espalhou, alcançando Cartago e o Oriente, encontrando no grande Tertuliano um seguidor devotado. Por fim, o exemplo do montanismo deve conduzir uma profunda reflexão por parte da igreja no sentido de atentar para o “protesto perene suscitado dentro da Igreja quando se aumenta a força da instituição e se diminui a dependência do Espírito de Deus” (CAIRNS, 1995, p. 83).

Evidentemente, a tese de Cairns (1995) pode ser facilmente constatada em todo o curso da história da igreja, cujos vestígios podem ser encontrados nas obras de diferentes autores cristão, da antiguidade à Idade Média, da Reforma aos nossos próprios dias. O próprio monasticismo ou monaquismo pode ser entendido a partir dessa tese. Evidentemente, para além de certo dualismo verificado na inclinação ascética do monaquismo, há de se considerar o desejo sincero de viver uma fé viva, de desfrutar verdadeira e íntima comunhão com

Deus. Não é sem razão que ponderou Mesquiati (2020) que o movimento pentecostal contemporâneo não possui nenhum ineditismo, pelo contrário, “Ele deve ser entendido na esteira de movimentos espiritualistas históricos, que desde o Pentecostes do Novo Testamento se tornaram uma constante na história da Igreja, ainda que por meio de grupos nas margens” (MESQUIATI, 2020, p. 314).

Por isso mesmo, autores representativos dessa tensão podem ser identificados, a exemplo de Agostinho ou de Tomás de Aquino. A partir dessas referências, a tarefa teológica privilegiou temas diversos, relegando a pneumatologia a uma questão de segunda ordem, um tema apenas acessório. Assim: “Enquanto outras áreas da teologia recebiam novos impulsos e elaborações, a pneumatologia foi se acomodando a um papel secundário” (ibidem, p. 314). Evidentemente, essa posição parece ter sido replicada sob as reformas do século XVI, uma vez que a racionalização seria ainda mais exacerbada, [...] produzindo uma pneumatologia mínima, restrita à economia trinitária funcional e dispersa na teologia” (ibidem, p. 315).

#### 4. O LUGAR DO ESPÍRITO NA VIDA DA IGREJA

Esse tópico é um tipo de ponte entre a dogmática e a vida da igreja. Isso no sentido de afirmar que a igreja não prescinde da doutrina ou do ensino correto. De fato, é preciso cuidado, tanto para não supervalorizar as chamadas “crenças corretas<sup>16</sup>” ou minimizar a importância da doutrina. Se outrora os cristãos davam muito valor à doutrina, mais precisamente aos dogmas de fé, em nossos dias parece que se verifica uma tendência oposta. Isso foi destacado quase em tom profético por Roger Olson (2001):

Às vezes, o acerto doutrinário e teológico tem importado demais. Nos nossos dias, porém, parece que o pêndulo já chegou à extremidade oposta, já que muitos cristãos sabem pouco ou nada a respeito das doutrinas cristãs ou de como e por que se desenvolveram. **O cristianismo está correndo o risco de se tornar uma religião folclórica de culto terapêutico e sentimentos pessoais** (grifo nosso) (OLSON, 2001, p. 17).

Correndo o risco da generalização, a desvalorização da doutrina ou do ensino bíblico e teológico pode ser facilmente verificado em nossos contextos de

---

<sup>16</sup> Crença aqui tem o sentido de assentimento à doutrina, aquilo que tem a ver com “crer as coisas certas a respeito de Deus” (OLSON, 2001, p. 16).

comunidade de fé. Em relação à supervalorização do elemento doutrinário, algo precisa ficar claro. Trata-se mais de um zelo excessivo que, por vezes, tem justificado mais que simples intrigas ou meras discordâncias. Diz respeito às lutas fratricidas observadas historicamente sob diversos contextos eclesiais. Por vezes, questões não nucleares ou fundamentais tem sido objeto de discórdia e separação, provocando, até mesmo, perseguições e morte. Nesse sentido, nada justifica o zelo.

Por outro lado, sabe-se à luz da própria revelação que o verdadeiro vigário de Cristo é o Espírito Santo, pois como disse Jesus: “quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim” (ARA – Jo 15.26). De fato, a cláusula *filioque*<sup>17</sup> representou exatamente isso; a constatação da dupla procedência do *ruach* (רוח), pois “no Ocidente, os teólogos sustentavam que o Espírito Santo procedia do Filho e do Pai” (CAIRNS, 1995, p. 165). Ele foi o inspirador dos profetas e apóstolos e agora atua na igreja, moldando sua vida, conduzindo a adoração, o culto, a oração e iluminando as mentes para a profunda compreensão das Escrituras. Nesse sentido, é aquele que aquece o coração dos discípulos enquanto são conduzidos à compreensão de Cristo na revelação (Lc 24.32). Nesse ponto, tem-se a imbricação entre o ensino correto (*ortodoxia*) e a prática correta (*ortopraxia*); a vivência.

Desse modo, é possível concluir, sem nenhuma reserva, que o ensino correto e a presença do *ruach* (רוח) na vida da igreja e do discípulo possui consequências práticas, com implicações profundas na vida cotidiana como o *Spiritus sanctificans*, no culto como *Spiritus cultus*, na leitura e observação das Escrituras como *Spiritus illustrationis*, e na pregação do Evangelho como *Spiritus persuasionis*.

Sendo assim, o *ruach* (רוח) é, ao mesmo tempo, o inspirador e o “intérprete” da Escritura, operando algo no coração do leitor quando confrontado pela Palavra de Deus. De fato, é preciso dizer que a Escritura jamais é alterada, mas, as

---

<sup>17</sup> Na ocasião em que o Credo Niceno-constantinopolitano, foi lido no terceiro Concílio de Toledo (c. 589), “as palavras “e o Filho” (*filioque*) foram acrescentadas à declaração “que procede do Pai”, que se refere ao relacionamento entre o Espírito Santo e o Pai e o Filho”. O autor concluiu que “As igrejas ocidentais desde então têm insistido na verdadeira divindade e na personalidade do Espírito Santo como co-igual, co-eterno e da mesma substância com o Pai e o Filho” (ibidem, p. 109).

disposições do coração, sim. É esse Espírito que está associado a um grupo de místicos na Idade Média, àquele tipo identificado pelo teólogo e historiador cubano-americano Justo González (1937 –) como um misticismo “essencialmente cristocêntrico” (GONZÁLEZ, 2011, p. 509), sem relação com o neoplatonismo.

Sob esse tipo cristocêntrico estavam Bernardo de Claraval e Francisco de Assis. Lutero, o Reformador de Wittenberg, também pode ser localizado entre os místicos cristocêntricos no período da Reforma. Aliás, parte de seus herdeiros podem ser incluídos, sobretudo, contemplados na musicalidade luterana que conforme Certeau (1982) observou na leitura de Jaeger (1965), atingiu o ápice “da mística luterana” com Paul Gerhardt (1607-1676) e Johann-Sebastian Bach (1685-1750) (CERTÉAU, 1982, p. 177).

Em relação à tarefa teológica, essas breves linhas sugerem que embora o *ruach* (רוח) possa ocupar em determinados contextos uma posição secundária, sua ação se fez sentir na vida e na experiência da igreja que, não obstante os exageros, tem manifestado em todo o lugar aquele “protesto perene” quando se verifica a diminuição da dependência do Espírito de Deus” (CAIRNS, 1995, p. 83).

Uma última observação deve ser feita aqui. Com o advento do movimento pentecostal contemporâneo, uma vasta produção teológica e musical saturou a linguagem com metáforas que expressam o valor e o lugar do *ruach* (רוח). O próprio termo “Espírito Santo” passou a ser amplamente citado e expresso no culto, na oração, na musicalidade e mesmo na poesia. Um exemplo claro dessa observação pode ser visto logo na primeira música do hinário adotado pelas Assembleias de Deus no Brasil:

*Deus prometeu com certeza,  
Chuvas de graça mandar;  
Ele nos dá fortaleza,  
E ricas bênçãos sem par.*

*Chuvas de graça,  
chuvas pedimos Senhor,  
manda-nos chuvas constantes,  
chuvas do Consolador.*

*Cristo nos tem concedido O santo Consolador,  
De plena paz nos enchido,  
Para o reinado de amor.*

*Dá-nos, Senhor, amplamente,  
Teu grande gozo e poder  
Fonte de amor permanente,*

*Põe dentro de nosso ser.*

*Faze os teus servos piedosos,  
Dá-lhes virtude e valor,  
Dando os teus dons preciosos  
Do santo Preceptor (J.R., 2008, p. 5).*

Tudo indica que, na tradição pentecostal ou nos pentecostalismos, o Espírito continua sendo incubador ou reservatório de virtudes, aquele que “desce como chuva”, consola, exalta a Cristo, santifica, opera no coração do pecador e do crente, mas também empodera, dinamiza a vida cristã para o testemunho e o serviço. No entanto, é preciso certo desvelo na observação do lugar do *ruach* (רוח) na vida dos cristãos contemporâneos uma vez que pode ser que se registre um tipo de pentecostalidade teórica, um cessacionismo prático esboçado por pentecostais de cabeça, mas, sem o coração.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta de discorrer sobre a pneumatologia destacando a pessoa do Espírito Santo, seu lugar na Escritura, na reflexão doutrinária e na história da igreja foi razoavelmente atendida. Isso também diz respeito à síntese anunciada, evitando, assim, qualquer expectativa de ir além. A pergunta-problema também foi razoavelmente respondida tendo em vista o atendimento dos três objetivos principais.

Assim foi confirmado o lugar expressivo do Espírito Santo nas Escrituras, certa marginalização ou posição secundária assumida na tarefa teológica, com a observação de que sempre ocupou lugar na reflexão de uns e outros autores cristãos. Por fim, foi confirmado seu lugar na vida da igreja, mesmo em tempos de frieza espiritual, uma vez que Ele é o verdadeiro representante de Cristo até à consumação.

De outro modo, diz-se que é na vida da igreja que se estabelece uma relação de imbricação entre o ensino correto sobre o Espírito Santo e a prática percebida na vida cotidiana, no culto, na leitura das Escrituras e mesmo na produção de artefatos culturais como a música e a poesia. Outra questão pertinente pode apontar para outras pesquisas e reflexões, a possibilidade de um pentecostalismo teórico e de um cessacionismo prático. Certamente isso poderá ser proposto em outro momento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. Novo dicionário de teologia bíblica. Trad. William Lane. São Paulo: Editora Vida, 2009.
- ANDERSON, Bernhard W. **Creation versus Chaos: The Reinterpretation of Mythical Symbolism in the Bible.** Philadelphia: Fortress, 1998.
- BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada - Deus e a criação.** Trad. Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012b.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém.** Trad. Euclides Martins Balancin *et al.* Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, 1993.
- CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã.** Edição especial para estudo e pesquisa. vl.1. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 1997.
- ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática.** Trad. Robinson Malkomes; Valdemar Kroker; Tiago Abdala Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- GEISLER, Norman. **Teologia sistemática: a Bíblia, Deus, a criação.** 1 vol. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados.** Trad. Hans Udo Fuchs e Key Yuasa. 2. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 1999.
- J.R. Chuva de graça. In: **Harpa Cristã Cifrada.** 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- LEVISON, Jack. **Inspirado: o Espírito Santo e a mente da fé.** Trad. Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.
- MCGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã.** Trad. Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- OLSON, Roger E. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas.** Trad. Gordon Chown. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- RADMACHER, Earl. ALLEN, Ronald B. HOUSE, H. Wayne. **O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais: A Palavra de Deus ao alcance de todos.** Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

RENDTORFF, R. “Prophètes ktl: nabî” nell’ Antico Testamento”. In: KITTEL, G. e G.

FRIEDRICH. Grande Lessico del Nuovo Testamento. Brescia, Paideia, 1977.

SIQUEIRA, Gutierrez. **Pneumatologia**: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: Thomas Nelson brasil, 2023.

SOUSA NETO, Fábio de. GRANGEIRO, C. Alessandra Carlos. **Tópicos especiais em teologia sistemática**: o ser de Deus e os mandatos divinos. Goiânia: FASSEB, 2023.

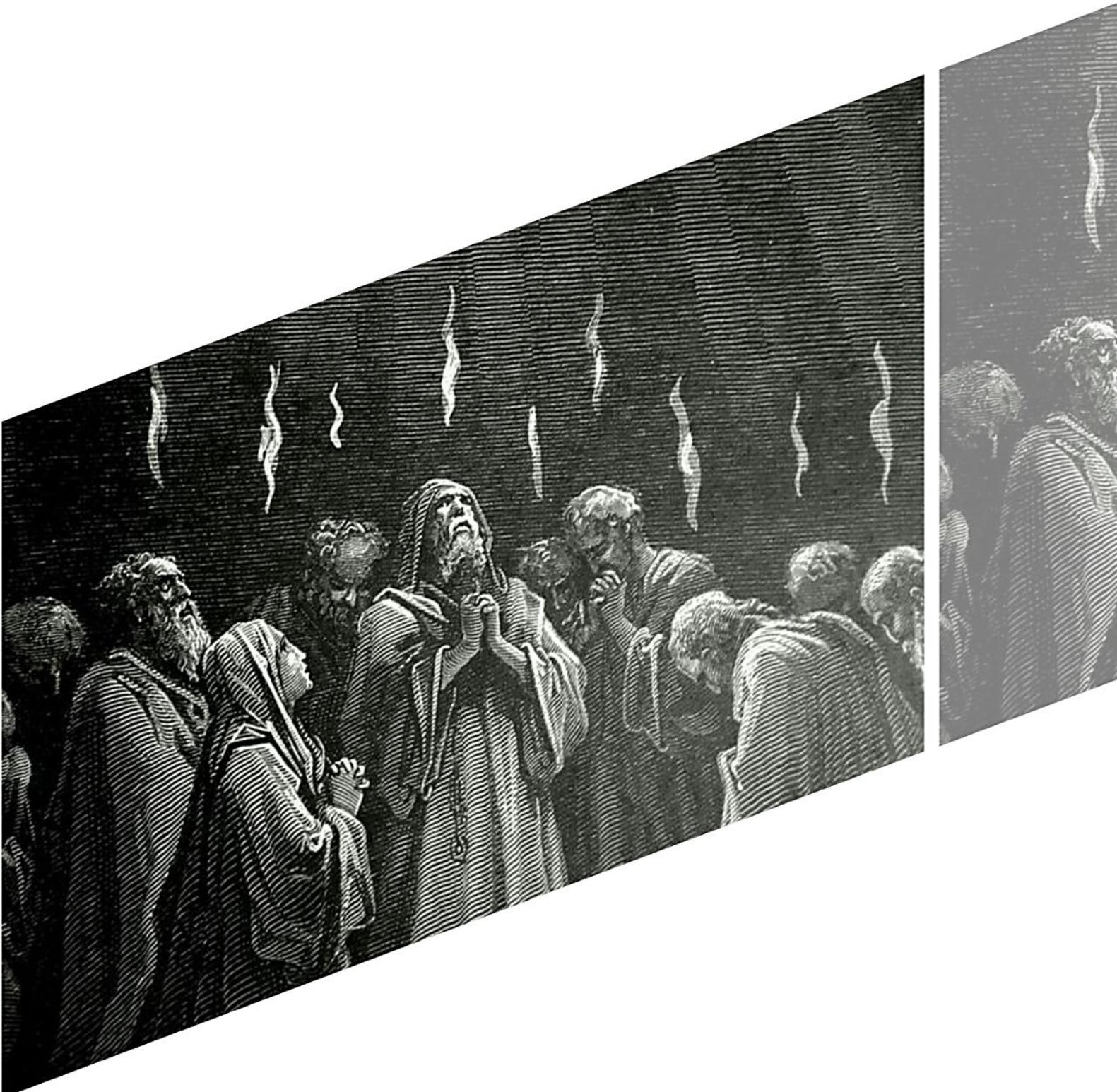
STRONSTAD, Roger. **Hermenêutica Pentecostal**: Espírito, Escritura e Teologia. Natal: Carisma, 2023.

STRONSTAD, Roger. **Teologia bíblica pentecostal**: de gênesis a apocalipse – momentos decisivos da história da redenção. Trad. Celso Santista. Natal: Editora Carisma, 2020.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Trad. Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Editora Vida, 2011.

# VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



## A NECESSIDADE DA INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NAS LÍNGUAS ORIGINAIS: POR UM RETORNO ÀS FONTES

Lázara Divina Coelho\*

Luiz Carlos e Silva\*

Alexandre Pereira Neves Filho\*

Marcos Aurélio da Silva\*

### RESUMO

O artigo lida com a interpretação bíblica e sua relação com as línguas originais da Bíblia (hebraica, aramaica e grega). Defende, com base no pensamento de Erasmo de Rotterdam, o caráter fundamental da pesquisa nas línguas originais da Bíblia como necessidade primária à compreensão de seus textos. Faz uma breve apresentação dessas línguas com atenção para seu caráter dinâmico, litúrgico e condutor sociocultural das tradições e da doutrina da religião cristã. Apresenta três razões para a interpretação da Bíblia diretamente nessas línguas: a defesa da integridade do texto, a importância de uma tradução textual feita pelo próprio intérprete e a necessidade de uma interpretação gramático-semântica fiel aos originais para uma homilética fiel às Escrituras Sagradas. Encerra com um chamamento ao retorno da interpretação às línguas originais da Bíblia (*ad fontes*).

**Palavras-chave:** Línguas originais da Bíblia. Interpretação bíblica. *Ad fontes*.

### ABSTRACT

The article deals with biblical interpretation and its relationship with the original languages of the Bible (Hebrew, Aramaic and Greek). It defends, based on the thoughts of Erasmus of Rotterdam, the fundamental nature of research into the original languages of the Bible as a primary necessity for understanding its texts. It makes a brief presentation of these languages, paying attention to their dynamic, liturgical character and sociocultural conductor of the traditions and doctrine of the Christian religion. It presents three reasons for interpreting the Bible directly in these languages: the defense of the integrity of the text, the importance of a textual translation made by the interpreter himself and the need for a grammatical-semantic interpretation faithful to the originals for a homiletic faithful to the Holy Scriptures. It ends with a call to return interpretation to the original languages of the Bible (*ad fontes*).

**Keywords:** Original languages of the Bible. Biblical interpretation. *Ad fontes*.

---

\*Comunicadora social, teóloga, especialista em educação a distância e docência universitária, mestre em Teologia, e mestre e doutora em Ciências da Religião. E-mail: lazaracoelho@gmail.com.

\*Engenheiro civil, teologando e evangelista de igreja Assembleia de Deus. E-mail: luizsilva777333@gmail.com.

\*Teologando e pastor da igreja Assembleia de Deus. E-mail: Alexandrepereiranevesfilho@gmail.com.

\*Empresário, teologando e pastor da igreja Assembleia de Deus. E-mail: Maqui.costur@gmail.com.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A interpretação da Bíblia, na busca pelo sentido do texto, tem sido um desafio ao longo da história cristã. A razão de ser disso é que tanto professores e estudantes de Teologia quanto teólogos profissionais e pregadores da Bíblia têm, como seu alvo, a identificação desse sentido para assimilá-lo, ensiná-lo e pregá-lo.

Em linhas gerais, a interpretação bíblica examina a autorrevelação de Deus como se apresenta nas páginas da Bíblia, desde a qual considera o pano de fundo histórico do registrado (história do texto e história no texto) e, então, ocupa-se do texto escrito na língua fonte (língua original) desse registro em sua dimensão gramático-semântica (COELHO, 2021).

O ponto de partida da interpretação gramatical encontra-se na mais elementar das causas: o intérprete bíblico, seja ele um teólogo acadêmico ou ministerial<sup>18</sup>, quando no exame da autorrevelação divina em busca do sentido autoral de uma determinada passagem do texto sagrado, depende do conhecimento das línguas originais da Bíblia para empreender sua atividade.

Esse entendimento é amparado desde o pensamento do teólogo e escritor humanista Erasmus de Rotterdam (1466-1536) que, já no século XVI, ressaltava o caráter fundamental da pesquisa nos manuscritos antigos como necessidade primária para a compreensão de textos produzidos num passado distante, entre eles o texto bíblico, fazendo ecoar o moto renascentista: *ad fontes!* Isso incluía, especialmente, o retorno às fontes originais do Cristianismo: a Bíblia e os Pais (NEEDHAM, 2017; PINTO, 2022).

O retorno ao texto original da Bíblia, naquele momento, ao grego do Novo Testamento, foi a ponte pela qual muitos estudantes foram levados do Renascimento para a Reforma. Isso se expressa nas duas primeiras teses apresentadas no documento “As 95 Teses de Martinho Lutero” (1517), nas quais ele apela à palavra grega *metanoēō*, “arrepender” que, na Vulgata Latina fora traduzida por *poenitentiam agite*, “fazer penitência”, entendida até então como o sacramento da penitência; assim, retornado à fonte grega, o reformador defende

---

<sup>18</sup> No capítulo “Nem todas as teologias são iguais”, Grenz e Olson (2006, p. 26ss) distinguem várias dimensões da teologia que qualificam seus autores como teólogos em horizontes diversos: popular, leigo, ministerial, profissional, acadêmico e outros.

a tese segundo a qual Jesus Cristo quis dizer, em Mateus 4.17, que toda a vida dos crentes deve ser uma vida de arrependimento, não uma penitência sacramental, isto é, não uma mera atividade de confissão e satisfação como aquela administrada pelos sacerdotes (NEEDHAM, 2017).

Ainda, quando hoje se considera uma possível imprecisão bíblico-teológica, tal como a denúncia de Lutero em suas teses, ser transposta para a literatura acadêmica e teológica em geral e, conseqüentemente, para o púlpito das igrejas em todas as suas dimensões (edificação e evangelização interna e/ou externa, cultural e/ou transcultural) e espaços (físico, digital etc.), a preocupação torna-se ponto de atenção em contínua expansão. Os exemplos pululam por aí, como será demonstrado abaixo.

Isso chama a atenção para a exigência hermenêutica de conhecimento da gramática e da semântica das línguas originais da Bíblia. Desse lado da questão, a exigência é baseada nos perigos do desconhecimento acima apontados; de outro, positivamente, é uma resposta ao problema: o conhecimento gramatical (gramático-semântico) das línguas originais pode lançar mais luz sobre as Escrituras, e o faz sem alterar seu sentido e, mais que isso, pode ajudar na correção de interpretações que se afastam do significado original (AQUINO, 2012).

O desenvolvimento do tema apresenta-se em dois blocos: no primeiro, uma breve apresentação das origens e usos das línguas originais da Bíblia, no objetivo de demonstrar que, assim como todas as línguas vivas, as bíblicas têm seu próprio gênio; e, no segundo, a apresentação de razões funcionais para a interpretação de passagens bíblicas nas línguas originais, no objetivo de demonstrar que isso evita erros grosseiros como aqueles que podem tornar a mensagem bíblica cada vez mais imprecisa.

## **2. ORIGENS E USOS DAS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA**

Quando se fala em línguas originais da Bíblia, fala-se em língua como *idioma*, “idioma”, “propriedade particular, característica própria”, isto é, algo que reflete os traços peculiares de uma comunidade (BAILLY, 2000, p. 958); de outro lado, fala-se em três línguas da antiguidade nas quais o livro sagrado foi escrito. Duas são majoritárias nos respectivos testamentos (hebraico, no Antigo e grego,

no Novo Testamento) e uma aparece esporadicamente (aramaico<sup>19</sup>, no Antigo Testamento).

As línguas bíblicas, como quaisquer outras, têm seu berço nas famílias linguísticas cuja origem é uma raiz comum, “a língua mãe de todas as línguas do mundo.” A hebraica<sup>20</sup> e a aramaica<sup>21</sup> originam-se na família semítica e a grega<sup>22</sup>, na família indo-europeia; a hebraica “é uma língua semítica<sup>23</sup> norte-ocidental<sup>24</sup>, [...] surgida na Palestina, entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo, durante a segunda metade do segundo milênio a.C.” (FRANCISCO, 2010, p. 167; WALLACE, 2009).

Essa língua é datada a partir dos séculos XIII-X a. C., período histórico da língua classificado como hebraico arcaico; a este se seguiram os períodos pré-exílico ou hebraico clássico (séc. X-VI a. C.) e pós-exílico ou hebraico tardio (séc. VI-II a. C.), além de outros<sup>25</sup>; juntos, estes três períodos são considerados aqueles em que houve o “desenvolvimento do hebraico bíblico, fato que percebe-se [*sic*] ao longo da composição dos próprios livros da Bíblia Hebraica.” (FRANCISCO, 2010, p. 166; RABIN, *s./d.*; SÁENZ-BADILLOS, 1996).

A Bíblia Hebraica foi composta entre os séculos XII e II a. C.<sup>26</sup>, e seus livros trazem o reflexo de alguns estágios da evolução da língua hebraica durante o

<sup>19</sup> O aramaico aparece em porções, no Antigo Testamento e em palavras, no Novo.

<sup>20</sup> No texto bíblico do Antigo Testamento, o idioma dos israelitas é denominado “língua de Canaã” (Is 19.18) e “judaico” (2 Rs 18.26, 28; 2 Cr 32.18; Ne 13.24; Is 36.11, 13).

<sup>21</sup> No texto bíblico do Antigo Testamento, o aramaico, chamado anteriormente caldaico ou caldeu, é uma tradução da palavra *Ara-mith* que, por sua vez, ocorre cinco vezes no Antigo Testamento e é traduzida uma vez por “em aramaico”, “na língua aramaica” ou “ao idioma aramaico”, em Daniel (2.4), uma vez “em sírio” ou “síriaco” em 2 Reis (18.26) e em Isaías (36.11), e duas vezes “em sírio” ou “síriaco” em Esdras (4.7).

<sup>22</sup> No texto bíblico do Novo Testamento há um versículo que traz a palavra “grego” referindo-se ao idioma falado na região (Lc 23.38).

<sup>23</sup> A nomenclatura “língua semítica” vem sendo usada desde 1781, designa cada uma das línguas surgidas na região do Oriente Médio no segundo milênio antes de Cristo e tem relação com o personagem Sem, filho de Noé (cf. Gn 10.21-31), entendido como o ancestral dos povos de origem semita. São 18 línguas, que constituem a chamada “família semítica”, das quais algumas desapareceram há tempos e outras, como o hebraico e o aramaico, continuam sendo faladas por pequenas populações do Oriente Médio (FRANCISCO, 2010, p. 165).

<sup>24</sup> Os estudiosos classificam as línguas semíticas em três grandes grupos: grupo nordeste (norte-oriental), com três línguas; grupo noroeste (norte-ocidental), com doze; e grupo meridional, com três línguas. É no grupo norte-ocidental que se encontram as línguas utilizadas para escrever o Antigo Testamento, a hebraica e a aramaica (FRANCISCO, 2010, p. 165).

<sup>25</sup> Os demais períodos históricos da língua hebraica são: século II a. C.-II d. C.: Hebraico de Hirbet Qumran; século II-X d. C.: Hebraico rabínico ou hebraico talmúdico ou mesmo neo-hebraico; século X-XV: Hebraico medieval; século XVI-XXI: Hebraico moderno ou hebraico israelense (FRANCISCO, 2010, p. 166).

<sup>26</sup> O final do período de formação do Antigo Testamento tem sido defendido entre o II e o V século a. C.

período bíblico. Francisco (2010, p. 166-167, ênfase do autor) traz, desde Sáenz-Badillos (1996) e Rabin (s./d.), um quadro representativo de livros e trechos veterotestamentários escritos em cada estágio da evolução da língua:

**Hebraico arcaico:** Gênesis 49, Êxodo 15, Números 23 e 24, Deuteronômio 32 e 33, Juízes 5, Salmo 68 etc.

**Hebraico pré-exílico ou hebraico clássico:** o Pentateuco, Josué, Juízes, 1Samuel e 2Samuel, 1Reis e 2Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós, Oséias, Miquéias etc.

**Hebraico pós-exílico ou hebraico tardio:** Esdras, Neemias, 1Crônicas e 2Crônicas, Ester, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Daniel, Cântico dos Cânticos, Joel, Obadias, Ageu, Zacarias, Provérbios etc.<sup>27</sup>

A aramaica, também da família semítica (norte-ocidental), surgiu no Oriente Médio em meados do século X a. C., e vem de Aram, nome do quinto filho de Sem, o primogênito de Noé (Gn 10.21). Por volta dos séculos VIII ou VII a. C., tornara-se a língua mais amplamente falada<sup>28</sup> no antigo Oriente Médio, sendo considerada a interlíngua de toda a região e, no século VI, acabou tornando-se o idioma oficial do Império Persa (550-530 a. C.). Na medida em que a influência da língua se espalhava com o avanço daquele Império, a escrita imperial aramaica foi se tornando a principal escrita a ponto de sobreviver ao colapso do próprio Império Persa (FISCHER, 2009).

No caso dos hebreus no período do exílio persa (539-332 a. C.), sabe-se que era a língua de contato e comércio na província de Judá. Essa língua, aos poucos, foi tomando o lugar da hebraica na vida diária do povo a tal modo que justifica o fato de alguns trechos mais recentes do Antigo Testamento terem sido escritos em aramaico, a saber, Jeremias (10.11), Daniel (2.4-7.28) e Esdras (4.8-6.18 e 7.12-26). E, a partir do “cativeiro babilônico” (597-539 a. C.), o povo judeu substituiu paulatinamente o idioma hebraico pelo aramaico<sup>29</sup> (FISCHER, 2009; FISCHER, 2013; HAYES, 1990).

<sup>27</sup> Outras produções literárias, como o Rolo do Templo, a literatura tanaítica, comentários rabínicos como o de Rashi bem como a literatura rabínica de Elias Levita, entre outros, são contempladas no artigo de Francisco (2010, p. 166-167).

<sup>28</sup> Em artigo publicado por Francisco (2010), com base em dados da *Nova Enciclopédia Ilustrada Folha* (v.2, 1996, p. 877), está registrado que o aramaico é uma língua falada por cerca de 300 mil pessoas.

<sup>29</sup> A hebraica ressurgiu desde o século XVI d. C., e como língua falada desde o século XIX d. C.; é usada por mais de 5 milhões de pessoas no atual Estado de Israel (FRANCISCO, 2010, p. 166).

No período do Novo Testamento, a aramaica estava tão presente na cultura judaica que essa língua era, comum e intercambiavelmente, chamada de língua dos judeus ou dos hebreus, judaica ou hebraica (Jo 5.2; 19.13, 17, 20; At 21.40; 22.2; 26.14; Ap 9.1). Além disso, há palavras e expressões escritas diretamente em aramaico, que podem ser consideradas à luz dos respectivos léxicos e gramáticas pelo intérprete bíblico<sup>30</sup>. A presença de palavras hebraicas, aramaicas e até latinas no texto sagrado é considerada um fenômeno linguístico que, respectivamente, denomina-se hebraísmo, aramaísmo e latinismo<sup>31</sup>; o hebraísmo e o aramaísmo estão presentes no Antigo e no Novo Testamento; e o latinismo, no Novo Testamento grego (OLIVEIRA, *s./d.*).

A língua grega tem sua origem na família indo-europeia<sup>32</sup>, ou proto-indo-europeia, de onde vieram também o latim, as línguas neolatinas e neogermânicas etc. Contudo, a falta de literatura remanescente do período de formação da língua (3000-1000 a. C.) impossibilita um melhor detalhamento de sua constituição (WALLACE, 2009, p. 14).

Wallace (2009) traz um quadro representativo dos cinco períodos históricos pelos quais passou essa língua em seu desenvolvimento,<sup>33</sup> acentuando que só o terceiro deles (o período koiné) tem relação direta com a escrita do Novo Testamento. Antes de tudo, o grego desse período (koiné) nasceu das conquistas de Alexandre o Grande, em duas situações: de um lado, resultou do contato entre as tropas de Alexandre cuja origem era de todas as regiões da Grécia, promovendo uma influência linguística nivelada; de outro, do contato dessas

<sup>30</sup> Ver os livros de Mateus (27.46), Marcos (5.22; 5.41; 7.34; 11.9; 14.36; 15.34), João (20.16), Atos (9.36), Romanos (8.15), Gálatas (4.6) e I Coríntios (16.22).

<sup>31</sup> Resultante da presença dos hebreus/judeus em domínios estrangeiros, por meio especialmente do exílio, há trechos em aramaico no Antigo Testamento, sobretudo, em Gênesis (31.47), Esdras (4.8-6.18; 7.12-26), Daniel (2.4-7.28) e Jeremias (10.11); de igual forma, essa influência linguística estendeu-se para os séculos posteriores a tal ponto que no primeiro século da era cristã são encontrados estrangeirismos aramaicos na koiné neotestamentária, tais como, em Mateus (27.40), Marcos (5.22, 5.41; 7.34; 11.9; 14.36; 15.34), João (20.16), Romanos (8.15) e 1 Coríntios (16.22). Nos tempos do Novo Testamento, a “integração sócio-linguística-cultural” que já vinha do período anterior foi expandida de forma que nessa parte da Bíblia são encontradas palavras e expressões que são estudadas, especialmente, como hebraísmo, aramaísmo e latinismo na Bíblia (OLIVEIRA, *s./d.*, p. 169).

<sup>32</sup> A essa família pertencem, além do grego, outras grandes línguas culturais, tais como o grego, o latim, as línguas neolatinas, as línguas germânicas etc. (WALLACE, 2009, p. 14).

<sup>33</sup> O desenvolvimento dessa língua é identificado em cinco períodos históricos: Pré-Homérico (das origens até 1000 a. C.); Era dos Dialeto ou Período Clássico (1000-330 a.C.); Grego Koiné (330 a. C.-330 d. C.); Grego Bizantino ou Medieval (330-1453 d. C.); e Grego Moderno (1453 ao presente) (WALLACE, 2009, p. 15-17). Rega e Bergmann (2004) trazem quadro semelhante.

tropas com os povos conquistados, então helenizados<sup>34</sup>, fazendo surgir um grego miscigenado e dando à língua grega o *status* de idioma universal caracterizado como helênico (grego) e koinê (comum).

O Novo Testamento foi composto dentro do período cronológico em que se deu este processo, especificamente entre as décadas de 45-48 e 100 do século I, e seus livros refletem o estágio linguístico do idioma grego koiné como a língua oficial de todo o Império Romano. Portanto, esse grego é a língua usada pelos autores do Novo Testamento para comunicar sua mensagem, qual seja, a mensagem do Messias que por seu mundo passara<sup>35</sup> (BRUCE, 1998; WALLACE, 2009).

Enfim, como quaisquer línguas vivas, as bíblicas se desenvolveram e se modificaram ao longo do tempo como idiomas falados e escritos do povo hebreu/judeu e grego, respectivamente. Isso é identificado na morfologia, fonologia e vocabulário de cada uma<sup>36</sup>, e registrado em sua classificação por estágios de desenvolvimento. Na formação da Bíblia, essa atualização ocorre como segue: na hebraica, o texto bíblico desenvolveu-se em três estágios (arcaico, clássico e tardio) e, na grega, em apenas um (*koiné*) (SOUZA, 2008).

Acrescenta-se que as línguas bíblicas refletem os traços peculiares de suas respectivas comunidades (BAILLY, 2000), são “multisseculares da transmissão das tradições e da doutrina religiosas” e constituem as línguas litúrgicas do Judaísmo e do Cristianismo (HORTA, 1988, p. 81-83). Por ser assim, há um sentido especial em se identificar seu lugar na compreensão precisa das Escrituras: o culto a Deus é prestado a partir de verdades divinas trazidas nas Escrituras por meio da língua, isto é, pelo idioma adotado pelo autor bíblico. Logo, a precisão bíblico-teológica importa ao teólogo, seja ele acadêmico ou ministerial.

---

<sup>34</sup> Os povos dominados eram considerados helenizados, ou seja, povos que, a partir de sua própria conquista, assimilavam e assumiam a cultura milenar grega (no sentido mais amplo), tornando-a a sua cultura (LEVINE, 1999, p. 16-17).

<sup>35</sup> Pode-se dizer que o grego koiné transporta, também, o Antigo Testamento. Por volta de 250 a. C., o Antigo Testamento em hebraico foi traduzido para o grego, nascendo assim a *Septuaginta* (LXX). Trata-se de uma versão feita diretamente do hebraico para o idioma helênico, que reflete o contexto sociocultural no qual viviam os hebreus em meio à política expansionista do Império Macedônico. Vale acrescentar que, nos primórdios do Cristianismo, foi a LXX a Escritura Sagrada utilizada pelos apóstolos e discípulos, e pelo próprio Jesus (OLIVEIRA, 2020, p. 92; REGA; BERGMANN, 2004, p. 7-8).

<sup>36</sup> Souza (2008, p. 6) especifica: “Através dos séculos, sua morfologia, sua fonologia e seu vocabulário sofreram modificações, podendo ser percebidos através de muitos documentos antigos e modernos.”

### 3. RAZÕES FUNCIONAIS PARA O CONHECIMENTO DAS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA

A precisão bíblico-teológica, ou fidelidade à Palavra de Deus em todos os pontos de seu manejo (interpretação e pregação), é o qualificativo que representa o fim de todo o labor de teólogos acadêmicos e ministeriais, em quaisquer horizontes em que se encontrem; é a busca incessante de cada um quando lança mão de métodos de interpretação e seus recursos ou regras visando, sempre, encontrar a mensagem do texto.

Porém, nem sempre isso é possível, pois há razões pontuais que tornam essa precisão um objetivo distante e difícil de ser alcançado. Dentre elas podem ser listadas razões relacionadas ao registro do texto bíblico bem como à sua tradução e pregação. Diante disso, a questão que se levanta é: o conhecimento das línguas bíblicas poderia responder ao colocado acima? A tese defendida neste artigo é que, exceptuando-se fatores correlacionados que fogem ao tema do artigo, sim.

#### 3.1 OS PROBLEMAS DO REGISTRO NO TEXTO SAGRADO

A confiabilidade dos textos bíblicos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, tem sido colocada sob suspeição, especialmente desde o surgimento da Crítica da Bíblia<sup>37</sup> e, no seu escopo, o avanço da Alta Crítica; esta designa um grupo específico de teorias cuja suposição é que vários livros da Bíblia não correspondem ao que se crê sobre eles (BRUCE, 1990; PACKER *apud* BG, 1999).

Pretende-se, então e em poucos exemplos, demonstrar a relação do tema com o conhecimento das línguas originais. Para isso traz alguns exemplos de supostas discrepâncias e contradições encontradas no texto bíblico que, à luz de uma interpretação feita diretamente em versões em língua portuguesa ou em qualquer outro idioma que não nos autógrafos<sup>38</sup> (manuscritos originais) disponibilizados nas respectivas línguas<sup>39</sup>, poderiam ser apresentados como erros no registro sagrado.

---

<sup>37</sup> A Crítica da Bíblia é uma disciplina de apreciação que lida com as fontes e o uso que se faz delas, a identidade do escritor, credenciais, propósitos e o estilo e estrutura do próprio documento (PACKER *apud* BG, 1999, p. 1558).

<sup>38</sup> Termo utilizado em sentido lato.

<sup>39</sup> Esse material encontra-se publicado nas versões hebraica e grega do Antigo e Novo Testamentos, respectivamente, a Bíblia Hebraica e o Novo Testamento Grego.

Examina-se, primeiramente, a possível discrepância entre o que se encontra registrado em Êxodo 3.6 e em Mateus 22.31-32. Em Êxodo 3.6 o Senhor Deus fala a Moisés de uma sarça ardente, isto é, de um arbusto que se queimava de forma miraculosa sem se consumir: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó”; e em Mateus 22.31-32 Jesus interpreta o texto de Êxodo 3.6 deduzindo que está implícito no evento ali narrado o fato da ressurreição: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”? Ele não é Deus de mortos, mas de vivos!” (grifo nosso).

Archer (1998, p. 22, 330) explica, então, que Jesus “extrai a dedução de que Deus não se descreveria a si próprio como Deus de meros cadáveres, que enfeitassem túmulos, mas apenas de personalidades permanentemente vivas, que estivessem usufruindo a comunhão com o Pai na glória”. Ele faz isso pela simples interpretação gramatical (morfológica) do versículo 6 de Êxodo 3, em que Jesus estabelece “um contraste entre o tempo verbal utilizado na passagem, o presente (“Eu [sou] o Deus...”), [implícito na cláusula hebraica destituída de verbo], e o tempo que normalmente se esperaria que fosse usado, o pretérito (“Eu fui o Deus...”)” (ARCHER, 1998; BEALE; CARSON, 2014, p. 98).

Logo, a interpretação gramatical (morfológica) feita nas passagens colocadas sob dúvida (Êx 3.6 e Mt 22.31-32), na língua em que foram escritas, possibilita concluir que não há qualquer divergência entre os registros de Moisés e de Mateus.

O exame que se segue é de uma possível discrepância entre os fatos registrados em 2 Reis 4.21. Nessa passagem, o texto hebraico traz: “E subiu ela, e o deitou sobre a cama do homem de Deus, e fechou a porta, e saiu”. Nessa tradução direta, das versões Corrigida Fiel (2 Rs 4.21, João Ferreira de Almeida, CR, 1995) e Revista e Atualizada (2 Rs 4.21, João Ferreira de Almeida, RA, 2019), a oração representada pelo verbo sair, “[a sunamita] saiu”, aparece depois da oração que descreve o fechamento da porta sobre o filho doente deixado sobre a cama, “[a sunamita] fechou sobre ele a porta”.

Essa sequência de orações coordenadas entre si pode sugerir a um intérprete desavisado, que a sunamita, após deitar seu filho na cama e fechar a porta sobre ele, saiu pela janela ou por outro espaço aberto na parede, ou mesmo que ali tenha ocorrido algum evento sobrenatural ou algo semelhante. Porém, o intérprete conhecedor da língua hebraica tem o entendimento que são

encontrados, no Antigo Testamento hebraico, fenômenos tais como “versículos bíblicos escritos sem uma preocupação cronológica por parte do autor de mentalidade semítica,” diferente daquele de mentalidade ocidental (SAYÃO, 2003, s./p.). Isso, por certo, leva esse intérprete a reorganizar cronologicamente tais orações para, então, fazer a interpretação do evento na ordem factual.

Enfim, a interpretação gramatical (sintática) feita na passagem apresentada (2 Rs 4.21), na língua em que foi escrita, possibilitou concluir que não há qualquer desarmonia entre os fatos registrados no texto hebraico.

Examina-se, finalmente, a divergência na interpretação de um dos versículos mais populares da Bíblia, que tem sido utilizado para embasar a ideia de que pais que ensinam seus filhos a andarem no caminho do Senhor praticamente garantem que tais filhos se tornem adultos piedosos: “Ensina a criança no caminho que deve seguir, e quando for velha não se desviará dele” (Pv 22.6).

Stuart (*apud* STUART; FEE, 2008, p. 65-66) e Martin (*apud* BRUCE, 2009, p. 941) explicam que esse significado está fora de questão por razões teológicas (cada um é responsável por suas decisões, cf. Pv 29.3a; 2.2ss; Jr 31.29-34; etc.) e, principalmente, semânticas. Segundo Santos Jr. (2008, p. 19ss) e Stuart (*apud* STUART; FEE, 2008, p. 65), uma simples análise do “conjunto de sentidos das palavras” já demonstra que não há qualquer equivalente hebraico para *deve* (do verbo *dever*) do português, que a palavra hebraica *‘al-piy* significa “de acordo com” ou “proporcional a” e não “contra”, e que *dar-ko* ou *dar<sup>e</sup>ku* significa “boca de seu caminho”, o que indica que “o caminho é da criança”. Logo, *dar<sup>e</sup>ku* significa “o seu caminho” ou “o seu próprio caminho”, levando esse primeiro dístico poético à seguinte afirmação: “Ensine a criança de acordo com o seu (próprio) caminho” ou “conforme o caminho dela [da criança]”, isto é, *no* caminho da vida dela; o segundo dístico traz a partícula *kî*, “que” ou “porque” e não o advérbio de tempo “e quando”, levando à seguinte afirmação proverbial: “Ensine a criança de acordo com o seu (próprio) caminho, e mesmo quando for velho, não se desviará dele”.

Segundo Kidner (1999, p. 142) e Santos Jr. (2008, p. 19), o verbo traduzido por ensinar ou instruir é a palavra *hanak*, usado para treinar, dedicar ou consagrar um edifício, como uma casa (Dt 20.5) ou um templo (1 Rs 8.63; cf. a festa da Dedicção, Jo 10.22); e Martin (*apud* BRUCE, 2009, p. 941), com a mesma

análise semântica, afirma que isso torna essa ação dos pais uma tarefa religiosa e não um preparatório para o sucesso socioeconômico; na verdade, “Esse tipo de instrução e treinamento é a verdadeira preparação para a vida”. Além disso, a palavra hebraica traduzida por criança é *naar*, cuja possível lista de significados inclui criança, adolescente, jovem, servo e atendente, “sempre se referindo ao sexo masculino.”

Santos Jr. (2008, p. 22-23) defende a probabilidade de *naar* em 22.6 estar se referindo a um “jovem” e também ao caminho deste jovem em relação às suas próprias escolhas, do qual não se desviará ao longo da vida. O termo *sur*, desviar, não apresenta qualquer propriedade que justifique a associação do “ato de desviar com apostasia ou rebeldia contra o Cristianismo”. Desse modo, a lição que o versículo traz é que o ser humano, abandonado “à sua própria vontade egoísta quando jovem, terá as mesmas tendências egoístas como adulto” e não que, se ensinado sobre o caminho que deve seguir, entendido como caminho do Senhor, haja uma garantia de que fará o certo em sua jornada (SANTOS JR., 2008, p. 26; STUART *apud* STUART; FEE, 2008, p. 66).

Desse modo, a análise gramático-semântica feita em Provérbios 22.6 indica que há divergência na compreensão da mensagem, porém, que o exame do sentido das palavras do versículo na língua original em que foi escrito (autógrafo), possibilita a compreensão do provérbio, o que também contribui para a precisão do registro sagrado dos dois testamentos.

Em síntese, a análise gramatical (morfossintática, semântica) acima, ainda que respondendo à discussão em torno de poucos trechos denunciados como discrepantes e/ou contraditórios, contribui para evidenciar a infalibilidade das Escrituras, ou melhor, a infalibilidade das Escrituras conforme registradas nos autógrafos originais. Nas palavras de Archer (1991, p. 18), essa isenção de erros (infalibilidade) “só se reivindica necessariamente para os manuscritos originais (os autógrafos) dos livros bíblicos.” Seu argumento em favor da infalibilidade bíblica é que “Deus nunca poderia ter inspirado um autor humano das Escrituras a escrever algo errado ou falso” e, por consequência, os autógrafos são, forçosamente, isentos de todo e qualquer erro; caso contrário, não poderiam ter sido inspirados por Deus.

Contudo, não se pode afirmar ausência de imprecisões ou erros na tradução e na interpretação/pregação do texto sagrado.

### 3.2 OS PROBLEMAS NA TRADUÇÃO BÍBLICA

Os problemas da tradução bíblica têm sido expostos em publicações especializadas, nos púlpitos das igrejas e até mesmo nas redes sociais (SAYÃO, 2003; STUART *apud* STUART; FEE, 2008). Pretende-se, então e em poucos exemplos, esclarecer sua relação com o tema do artigo remontando ao humanista Erasmus de Rotterdam (1466-1536) que, já no século XVI, ressaltava o caráter fundamental da pesquisa nos manuscritos antigos como necessidade primária para a compreensão de textos produzidos num passado distante, entre os quais encontra-se a Bíblia. Sua maior crítica à Igreja da época<sup>40</sup> era ao uso da Vulgata, a tradução da Bíblia para o latim feita no século IV, que circulava com erros.

Na tradução do Novo Testamento que empreendeu para a língua holandesa, Erasmus acabou corrigindo os ‘erros’ da Vulgata” e a tradução acabou auxiliando as traduções posteriores de Martinho Lutero (1522), William Tyndale (1526) e a King James Version (1611). Sua tradução foi publicada em 1516 sob o nome *Novum Instrumentum Omne* de Desidério Erasmo, conhecida como Bíblia de Erasmo (ALAND; ALAND, 2013; PINTO, 2022).

A Bíblia de Erasmo ficou afamada como a primeira edição (*editio princeps*) do Novo Testamento<sup>41</sup> e por conter mais erros que a denunciada Vulgata<sup>42</sup>. As disciplinas acadêmicas que lidam com a avaliação e uso de fontes históricas (especialmente as introduções, a codicologia e a crítica textual), dão conta do quanto a Bíblia de Erasmo continha erros, muitos dos quais apontados ao tradutor por seus contemporâneos. Porém, “O principal defeito da primeira edição do Novo Testamento Grego era, não tanto o número elevado de erros, mas o tipo de texto que aí foi apresentado<sup>43</sup>.” O próprio Erasmo fez referência a esta edição

---

<sup>40</sup> Igreja Católica Apostólica Romana.

<sup>41</sup> Sabe-se, porém, que a *Poliglota Complutense*, de Francisco Ximenes de Cisneros (1437-1517), ainda que incompleta, foi a primeira edição a ser publicada, saindo do prelo em 10 de janeiro de 1514 (ALAND; ALAND, 2013).

<sup>42</sup> Suas fontes, para a sua tradução, foram manuscritos mais recentes (sécs. XII-XIII) aos quais teve acesso em Basileia, sendo um para cada grupo de escritos do Novo Testamento, ou seja, para os Evangelhos, o Apóstolos (Atos e as Epístolas Gerais), as Cartas Paulinas e o Apocalipse, fazendo correções onde entendeu necessário; o manuscrito utilizado para a tradução do livro de Apocalipse estava sem seu final (22.16-21), e Erasmo fez a tradução do latim ao grego (com vários erros). Além disso, ele alterou o texto em vários pontos tornando-o mais próximo da versão latina então conhecida (ALAND; ALAND, 2013).

<sup>43</sup> Referência aos MSS que lhe serviram de base.

chamando-a de *precipitatum verius quam editum*, isto é, “mais precipitada do que editada” (ALAND; ALAND, 2013, p. 4-5).

Além da qualidade dos manuscritos, da pressa, da falta de revisão e de um editor descomprometido com a qualidade do texto, que são, ao que parece, os problemas enfrentados pela tradução da Bíblia de Erasmus (cf. ALAND; ALAND, 2013), as traduções enfrentam, em geral, outras dificuldades<sup>44</sup>. Uma delas e, talvez, a mais complexa, é o alinhamento das traduções com a postura teológica e confessional dos editores e da comissão de tradutores etc. (SAYÃO, 2003).

Um exemplo claro disso aparece nas diferenças encontradas nas traduções católica romana e protestante de Romanos 12.1 e Atos 26.20, em que as escolhas lexicais dos tradutores recaem sobre palavras representativas dos princípios dogmáticos de cada confissão religiosa, o que pode ser visto em uma mera comparação entre as traduções (CHAGAS, 2010; SAYÃO, 2003).

Comparação entre as traduções católica romana e protestante de Romanos 12.1:

Exorto-vos, portanto, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a que ofereçais vossos corpos como **hóstia viva**, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual (Rm 12.1, Bíblia de Jerusalém, 1966, ênfase nossa).

Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos por **sacrifício vivo**, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional (Rm 12.1, João Ferreira de Almeida, RA, 1993, ênfase nossa).

Nesta comparação, a expressão *thusían zōsan* encontra-se traduzida por **hóstia viva**, na Bíblia de Jerusalém e por **sacrifício vivo**, na Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. Segue-se a tradução de Atos 26.20 exemplificando a mesma questão:

[...] mas tenho pregado primeiro aos de Damasco, depois aos de Jerusalém e por toda a região da Judeia. Aos pagãos anunciei a **penitência** e a conversão para Deus por meio de **obras dignas de penitência** (At 26.20, Bíblia Vozes, 1982, ênfase nossa).

[...] mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judeia, e aos gentios, que se **arrependessem** e se convertessem a Deus, praticando **obras**

<sup>44</sup> Sayão (s./d.) elenca as seguintes dificuldades: a questão do texto original, a questão semântica, a questão da sintaxe e da interpretação do texto, a questão da atualização linguística, a questão do leitor-alvo e a questão da linha teológica.

**dignas de arrependimento** (At 20.20, Revista e Atualizada, RA, 1993, ênfase nossa).

Nesta segunda comparação a palavra *metanoein* e a expressão *aksia tēs metanoias erga* são traduzidas, respectivamente, por penitência e obras dignas de penitência, na postura católica e arrependessem e obras dignas de arrependimento, na protestante.

Parece claro que, na comparação entre as traduções apresentadas, são encontradas diferenças em termos representativos das confissões católica (hóstia viva, penitência e obras dignas de penitência) e protestante (sacrifício vivo, arrependimento e obras dignas de arrependimento), sinalizando que há um alinhamento teológico-confessional nas traduções disponibilizadas no mercado ou, pelo menos, na maioria delas (CHAGAS, 2010; SAYÃO, 2003).

Além do interesse confessional, as versões bíblicas variam também com respeito à perspectiva teológica: há versões não evangélicas ou não conservadoras, como a *New English Bible*, publicada na Inglaterra; conservadoras ou fundamentalistas, como a Versão Corrigida Fiel, publicada em língua portuguesa; bem abertas no posicionamento teológico, como a Bíblia na Linguagem de Hoje e a Nova Tradução na Linguagem de Hoje, publicadas em língua portuguesa; e há versões que representam, mais ou menos, uma visão teológica consensual, como a Almeida Atualizada e a Nova Versão Internacional (LOPES, s./d.; SAYÃO, 2003).

Enfim, se a Bíblia de Erasmus continha erros que são creditados à falta de tempo para a sua produção (tradução, revisão, escolha de um editor comprometido com a causa etc.), os exemplos demonstram que as traduções atualmente disponíveis podem trazer marcas da falta de tempo das comissões de tradutores e excesso de comprometimento teológico-confessional. Porém, o teólogo acadêmico e ministerial da atualidade pode, “não raras vezes, fazer uma tradução melhor do que outros fizeram” e a razão para isso é a que segue: “pode investir muito mais tempo trabalhando exegeticamente numa passagem do que tradutores ou comissões de tradução puderam fazer por causa da velocidade em que foram levados a trabalhar.” Outra razão, e talvez a mais interessante, ainda que não menos importante, é que esse teólogo “estará escolhendo uma tradução

mais adequada para o seu leitor em particular, em vez de para todo mundo que fala o português” (STUART *apud* STUART; FEE, 2008, p. 64)<sup>45</sup>.

Portanto, o teólogo acadêmico ou ministerial, conhecedor das línguas originais da Bíblia, saberá e poderá fazer uma tradução mais fiel àquela dos autógrafos bíblicos representados nos vários manuscritos disponíveis conforme encontrados nas versões acadêmicas da Bíblia (Bíblia Hebraica e Novo Testamento Grego) e em outras fontes (disponíveis em museus, bibliotecas etc.). Saberá fazer uma tradução idiomática equilibrada, uma interpretação gramatical alinhada com sadios princípios de interpretação etc. e poderá, “não raras vezes, fazer uma tradução melhor do que outros fizeram” e, então, trazer mais precisão ao seu trabalho, seja ele acadêmico ou ministerial (STUART *apud* STUART; FEE, 2008, p. 64).

### 3.3 OS PROBLEMAS NA PREGAÇÃO BÍBLICA

Há inúmeros problemas na pregação da Palavra de Deus que, semana a semana, dia a dia, estão sendo visibilizados nos púlpitos das igrejas, nos canais de vídeo e em outras redes sociais na internet etc. Talvez sua causa maior esteja na dificuldade do pregador em vincular objetivamente sua mensagem à Palavra de Deus, trazendo pregações pragmáticas (moralistas) e doutrinariamente reducionistas (atenuadoras da responsabilidade humana ou do lugar de Deus na relação com a humanidade) (PIPER, 2019). Seja como for, pretende-se aqui, por meio de exemplos, demonstrar a relação de alguns desses erros com o desconhecimento das línguas originais da Bíblia.

A seção traz, então, alguns exemplos de discrepâncias e contradições reais ocorridas na pregação da Palavra de Deus que, de fato, são erros provindos da interpretação do texto sagrado. Seguem-se, na ordem, um exemplo da necessidade de interpretação morfológica, um da necessidade de interpretação sintática e, finalmente, um exemplo da necessidade de interpretação semântica.

Kaiser e Silva (2014, p. 51) relatam o caso de um pastor que apresentou um estudo bíblico para sua congregação, tendo como base Efésios 4 na versão King James<sup>46</sup>. Ele leu o versículo 26: “Irai-vos, e não pequeis” e afirmou que,

<sup>45</sup> Mais sobre essa questão, ver Tradução da Bíblia: existe tradução perfeita?, pelo prof. Dr. Edson de Faria Francisco (2018).

<sup>46</sup> Essa é a mesma tradução encontrada na versão Almeida Corrigida Fiel, em português.

segundo o texto bíblico, o cristão não poderia se irar. Tal interpretação, segundo os autores, era até esperada, pois outras passagens bíblicas aparentam condenar de forma veemente a ira (p. ex., Mt 5.22); então o pregador, por uma questão de coerência bíblica, não teria como interpretar esse versículo de forma diferente.

O fato é que o pastor entendeu que o “não” se referia aos dois verbos, pecar e irar, mas essa interpretação é gramaticalmente impossível. Na língua original em que a passagem foi escrita (grego), não há a menor possibilidade de o advérbio de negação *mē*, não, se referir à palavra que lhe sucede, como é o caso no texto original; essa partícula, em qualquer de suas formas (*mē*, *ouk*, *oux*), sempre se refere à palavra seguinte a si e, no caso, ela vem depois do verbo irar e antes do verbo pecar, deixando claro, no grego, que o “não” afeta apenas o verbo pecar.

Os autores alegam que, numa reflexão mais profunda, se pode recorrer ao fato de que o próprio Deus foi retratado fazendo uso da ira (p. ex. Rm 1.18), deixando evidente que esse sentimento não é, em si mesmo, essencialmente pecaminoso. Eles concluem seu pensamento afirmando que o apóstolo Paulo quer que compreendamos que, nas circunstâncias em que a ira seja justificada, não devemos admitir que essas situações se transformem em oportunidades para o pecado.

Um segundo exemplo é dado por Carter (2014, *s./p.*). Segundo ele, um famoso pregador norte-americano pregava reiteradamente que Deus lhe havia revelado que Jesus morreria para salvar todos os seres humanos, sem exceção. Usava, como base, a passagem de Paulo a Timóteo (1 Tm 4.10) na qual o autor se refere ao trabalho e ao sofrimento que ele e os demais missionários vinham sofrendo, e apresenta o seu conforto: “a nossa esperança está no Deus vivo, Salvador *de todos* os homens, em especial dos que crêem” (ênfase nossa).

Questionado sobre aqueles que pecam deliberadamente, rejeitam a Cristo e morrem sem o devido arrependimento, o pregador citou Filipenses (2.10-11) e o fez interpretando e fazendo sua própria aplicação, segundo a qual Paulo ensina que todos reconhecerão e aceitarão a Jesus antes ou depois de morrerem: “Mesmo na vida após a morte alguns receberão a revelação de Jesus e serão inspirados pelo Espírito Santo para confessar seu senhorio” (CARTER, 2014, *s./p.*).

Porém, o argumento morfossintático<sup>47</sup> contraria o pregador citado. De acordo com a análise das palavras, simultaneamente em perspectiva morfológica e sintática, o sujeito “Deus vivo” é aquele no qual está a esperança daqueles que evangelizam e sofrem perseguições (oração independente); ele é, também, o Salvador cuja vontade é salvar todos os homens, em especial os que têm fé naquele que salva (oração subordinada substantiva apositiva, introduzida pelo pronome relativo “o qual”). Nesta, o Deus vivo é o Salvador de todos os homens, não no sentido de salvação universal, mas no sentido que o complemento “em especial dos que crêem” aponta para o entendimento de que a salvação oferecida pelo Salvador é para todos os que crêem.

Fee (1994, p. 122), usando o argumento contextual, acrescenta uma contribuição esclarecendo que o texto não afirma que Deus vai salvar todos os homens, sem exceção; ensina, sim, que “Deus... é o salvador de todos os homens no mesmo sentido em que Cristo se deu a si mesmo em resgate por todos (2.6). Nenhuma das sentenças afirma que todas as pessoas serão deveras salvas.”

O último exemplo de erro na pregação do evangelho é uma contribuição de Petermann (*apud* KOESSLER, 2014). Ele conta a própria experiência em uma igreja no sul da Flórida, nos Estados Unidos, onde ouviu um candidato a pastor da referida fazer seu sermão com base em Tito (3.1-2). Segundo narra, o candidato fez uma análise da expressão “ser obedientes” (v. 1), afirmando que o termo no original significa “ouvir em sujeição” e, com base nisso, passou alguns minutos trazendo conclusões acerca da necessidade de os crentes “ouvirem em sujeição”.

No final do culto, Petermann interpelou o colega de ministério, elogiando os pontos positivos de seu sermão e mencionando a diferença dos termos em grego para as traduções “ser obedientes” e “ouvir em sujeição”. Enfim, perguntou-lhe se havia lido (examinado) o texto no original bíblico e, segundo conta, o colega, atônito, lhe confessou que não. Ele havia suposto que o termo grego usado para “ser obediente” em Tito 3.1, era um e, na verdade, era outro.

É razoável essa suposição, considerando que a palavra grega usada para “ouvir em sujeição” (*hypakouō*) aparece 21 vezes no Novo Testamento e a palavra para “ser obedientes” (*peritharkhein*) aparece apenas 4 vezes. Além disso, há uma

---

<sup>47</sup> Outro argumento fortíssimo contra o pensamento do pregador em questão, é o teológico; porém, não está inserido no escopo deste artigo.

outra palavra semelhante a *hypakouō*, “ouço/ouvir”, que é *hypakoē*, “obediência”, o que pode ter levado à confusão semântica. Porém, uma leitura (exame) do texto no original teria evitado a confusão semântica (PETERMANN *apud* KOESSLER, 2014, p. 221).

Acrescenta-se que há outro fator que tem levado a essas confusões na interpretação que acabam chegando aos púlpitos, seja ele físico ou eletrônico: é o uso negligente e indiscriminado de outros autores disponíveis, isto é, sem critérios de conferência das informações e uso bem como sem avaliação crítica de sua idoneidade intelectual e teológica, abstendo-se da própria leitura e exame do texto no original.

O argumento semântico põe fim à discussão em torno do exemplo dado por Patermann. Paulo, a Tito, não utiliza o substantivo *hypakoē*, “obediência”, mas o verbo *peritharkhein*, “ser obedientes”, cujo sentido estrito é “obedecer a pessoa em autoridade” (cf. uso em At 4.29, 32, 27.21 e Tt 3.1). Portanto, esse “ser obedientes” lecionado à igreja de Creta e à igreja de todos os tempos, tem uma direção bem definida: “ser obedientes aos governantes e às autoridades [públicas]”, conforme o ensino de Paulo em outros escritos (1 Tm 2.1-2; Rm 13.1-7). Esse “ser obedientes aos governantes e às autoridades [públicas]” fica mais claro na última oração do versículo, quando Paulo lhes “recomenda que sejam imbuídos de espírito público, dispostos a cooperar para todo e qualquer esforço para o bem comum” (NUTE *apud* BRUCE, 2009, p. 2079; KELLY, 2007; VINE; UNGER; WHITE JR., 2002, 826-827).

Enfim, a análise gramático-semântica feita nesta seção, diretamente nas línguas originais em que foram escritos os textos examinados, indica que há um distanciamento (in)voluntário do pregador da Palavra de Deus para com a própria Palavra; que esse distanciamento tem origem em fatores relevantes da hermenêutica bíblica, que são a distância temporal, cultural e linguística entre o pregador e o registro que ele pretende interpretar; e que o fator distância linguística só pode ser resolvido com uma interpretação textual feita diretamente na língua em que o texto foi escrito (conforme se verificou, acima, na discussão sobre as diferenças reais nas traduções das línguas originais da Bíblia).

Em conclusão, a precisão bíblico-teológica, ou fidelidade à Palavra de Deus em todos os pontos de manejo (tradução, interpretação e pregação) dessa Palavra, tem lá suas dificuldades para ser atingida. O exame de passagens

selecionadas, em suas respectivas línguas originais, demonstrou vulnerabilidades na tradução e, como fruto da interpretação, na pregação bíblica; porém, não na produção do texto bíblico em seus autógrafos. Demonstrou, também, que os estudos gramaticais e semânticos, de palavras, frases, orações e períodos, feitos diretamente nas línguas originais, como idiomas condutores de traços peculiares dos respectivos povos que são, pode trazer respostas a muitas interpretações duvidosas, discrepantes e, às vezes, claramente erradas.

Não é à toa que eruditos do passado, especialmente aqueles que fizeram a Reforma do século XVI acontecer, reintroduziram as línguas originais no labor exegético. Examinar a Bíblia nas línguas originais concorre para a prevenção contra erros na interpretação, como os indicados acima; e mais: capacita pastores e outras lideranças que manejam a Palavra de Deus a participarem da atividade exegética e, portanto, da interpretação bíblica com mais habilidade e segurança; possibilita avanços na interpretação de passagens bíblicas como a percepção de questões significativas e até mesmo a integração de conceitos gerais que, muitas vezes, dependem do que e de como é expresso nas línguas originais; enfim, leva a igreja de volta às raízes da fé bíblica (JOHNSON *apud* HARMAN, 1991).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa reitera as observações críticas de Erasmus de Rotterdam que interpõem a necessidade de se recorrer aos manuscritos antigos para uma compreensão correta do sentido autoral de textos produzidos num passado remoto em termos temporal, cultural, social e linguístico. A formação e o desenvolvimento de cada uma destas línguas (hebraica, aramaica e grega) e suas complexidades, a essência emanada de seus vocábulos introduzíveis (gênio da língua) e as peculiaridades de sua gramática (morfossintaxe e semântica), que não podem ser reproduzidos nas traduções para o vernáculo são, claramente, a razão de ser por excelência de uma opção declarada e definida pelo ensino e o exame consistente do texto bíblico nas línguas originais em qualquer situação acadêmica ou ministerial de manejo das Escrituras.

Isso amplia um pouco a discussão na direção das indicações da exegese histórico-gramatical, segundo a qual é necessário ter em mente que as aparentes discrepâncias e contradições identificadas na Bíblia podem ser esclarecidas com

uma análise mais profunda, considerando o contexto linguístico (morfossintaxe e semântica), além do histórico-cultural (COELHO, 2021; STUART; FEE, 2008).

Archer (1998, p. 16), inclusive, alimenta a necessidade de conhecimento das línguas originais na medida em que ensina: “Estude cuidadosamente o contexto e a estrutura verbal do versículo ou da passagem em que o problema se encontra”, e “Lembre-se de que nenhuma interpretação das Escrituras é válida se não se basear numa exegese cuidadosa, a saber, no compromisso sincero de conhecer com exatidão o que o autor da antiguidade quis dizer com as palavras que usou.”

Essas coisas se realizam mediante o estudo cuidadoso das palavras-chave, conforme definidas pelos dicionários exegéticos (hebraico, aramaico e grego), e usadas em textos paralelos. Pesquisa do sentido específico dessas palavras e expressões idiomáticas que aparecem em outras partes da Bíblia também contribuem para a resposta ao problema levantado. Enfim, a interpretação de passagens difíceis (discrepantes, contraditórias) ou não difíceis (aparentemente claras, evidentes, na língua receptora) exige um procedimento que abrange a exclusão de falácias de posição apriorística e a adoção de práticas que incluem o estudo dos contextos linguístico (morfossintaxe e semântica) e histórico (literário, social e cultural) (ARCHER, 1998).

Inclui, portanto, o conhecimento e/ou estudo das línguas originais nas quais as passagens bíblicas tenham sido escritas. A hebraica (sécs. XII-II a. C.), a aramaica (sécs. X-IV a. C.) e a grega koiné (sécs. III a. C.-I d. C.) são línguas que, além do desenvolvimento e modificações naturais pelos quais passaram ao longo de sua história e uso bíblico, chegaram até o século XXI na mesma estrutura gramatical (morfossintática) e na mesma semântica de quando foram utilizadas para o público original ao qual o autor bíblico destinou seus escritos. Isso implica em que o teólogo acadêmico e/ou ministerial tem o dever de conhecê-las para ter como interpretar o texto bíblico nelas registrado.

Razões funcionais (discrepâncias possíveis na tradução, denunciadas no registro bíblico na língua receptora, e reais, na pregação) foram apresentadas como argumentos a justificarem a tese de que é necessário trazer de volta o estudo das línguas originais para os campos acadêmico e ministerial do mundo cristão; que é necessário materializar, nas práticas de interpretação e pregação contemporâneas, o lema dos humanistas do século XVI: *ad fontes!*

De fato, a visão que favorece a necessidade do conhecimento das línguas bíblicas para uma interpretação correta, permanece a pedra angular na história do Cristianismo e seu valor é acentuado, neste texto, por meio de sua ausência. Teólogos acadêmicos e ministeriais, sejam eles teólogos profissionais, professores, estudantes, pastores, pregadores e demais estudiosos da Palavra de Deus não podem depender só do estudo superficial das Escrituras. A busca pela fidelidade à Palavra de Deus revelada nas Escrituras passa por um retorno às fontes (originais da Bíblia) por meio do estudo das línguas originais.

De outro lado, adverte-se que trabalhadores da teologia, tenham eles alcançado um patamar mais elevado ou sejam aspirantes no conhecimento das línguas originais, devem assumir a sua responsabilidade como formadores de opinião e atuarem como influenciadores do estudo aprofundado das Escrituras em suas comunidades; isso inclui, antes de tudo, o entendimento de que a Palavra de Deus é a sua revelação e que seu Espírito ilumina o entendimento dos crentes segundo o seu propósito, para o desvendar dessa Palavra.

Enfim, esse artigo não propõe que o conhecimento das línguas bíblicas garante uma teologia bem feita e, conseqüentemente, uma pregação bem-feita, correta, impecável do ponto de vista da fidelidade ao texto bíblico; propõe, outrossim, que um fazer teológico e uma homilética satisfatórios começam com uma exegese satisfatória do texto bíblico, o que se faz a partir do texto original. Isso implica em conhecimento das línguas originais da Bíblia, sua gramática e semântica.

Não propõe que todos os cristãos devem conhecer as línguas originais da Bíblia para a sua leitura devocional; propõe, outrossim, que um teólogo acadêmico ou ministerial satisfatório no exame do texto bíblico para o sermão ou mesmo um autor sobre o texto bíblico, no formato de um artigo, um livro etc., começa a preparação de seu sermão ou a produção de seu texto com estudos a partir do texto original da Bíblia. Isso implica em, se não no domínio dessas línguas, pelo menos no empenho no acesso e domínio das ferramentas linguísticas disponíveis no mercado que lhe darão um suporte razoável.

A proposta final é que o afastamento, consciente ou inconsciente, dos textos originais na interpretação da Bíblia seja revisto. É necessário que escolas de Teologia e igrejas revejam suas práticas em relação ao manejo correto da Palavra de Deus. É necessário que instituições mantenedoras e lideranças

denominacionais revejam suas políticas educacionais e eclesiais em relação aos fundamentos filosóficos e educacionais de sua própria existência e expansão. Isso implica em esforço sincero e humilde em favor de um retorno às práticas interpretativas e homiléticas da Reforma. Isso implica, mais especificamente, em um retorno às fontes. *Ad fontes!*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento**: introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

AQUINO, João Paulo Thomaz. Para que estudar grego. **Isso é grego**, São Paulo, 14 jul. 2012. Disponível em: <<https://issoegrego.com.br/para-que-estudar-grego/>>. Acesso em: 18 nov. 2023.

ARCHER JR., Gleason L. **Enciclopédia de dificuldades bíblicas**. São Paulo: Vida, 1998.

ARCHER JR., Gleason L. **Merece confiança o Antigo Testamento?** São Paulo: Vida Nova, 1991.

BAILLY, Anatole. **Dictionnaire Grec-Français**. Ed. Revista par L. Séchan e Chantraine. Paris: Hachette, 2000.

BEALE, G. K.; CARSON, Donald A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 1966.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 2ª. ed. Barueri: SBB, 1993.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada (Nova Almeida Atualizada). 3ª. ed. Barueri: SBB, 2019.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana, 1995.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Vozes**. Petrópolis: Vozes, 1982.

BRUCE, Frederick F. A Bíblia. In: COMFORT, Philip Wesley (ed.). **A origem da Bíblia**. Rio: CPAD, 1998. p. 13-23.

BRUCE, Frederick F. **Merece confiança o Novo Testamento?** São Paulo: Vida Nova, 1990.

CAIRNS, Earle Edwin. **O Cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristão. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CARTER, Anthony. Interpretar a Bíblia errado pode levá-lo ao inferno. **Voltemos ao Evangelho**, São Paulo, 28 jul. 2014. Disponível em: < <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2014/07/interpretar-a-biblia-errado-pode-leva-lo-ao-inferno/>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CHAGAS, Homero Schwammlein das. **Domínio discursivo e doutrinas religiosas em traduções da Bíblia para a língua portuguesa**: mapeamento linguístico-discursivo no livro de Lucas (Novo Testamento). 78 f. Orientadora: Elisa Guimarães Pinto. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010. Disponível em: < <https://adelfa-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/fab7022b-2d9a-4d6f-bfa3-599966475bd9/content>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

COELHO, Lázara Divina. **Aplicação do Método Histórico-Gramatical a Lucas 4,16-21**. Orientador: Valmor da Silva. 2021. 176 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: < <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4806>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

FEE, Gordon D. **Novo comentário bíblico contemporâneo**: 1 e 2 Timóteo, Tito. São Paulo: Vida, 1994.

FISCHER, Steven Roger. **História da escrita**. São Paulo: UNESP, 2009.

FISCHER, Alexander Achilles. **O texto do Antigo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

FRANCISCO, Edson de Faria. Língua Hebraica: aspectos históricos e características. **Estudos da Religião**, 21, XV, p. 165-195, 2010. Disponível em: < [https://www.academia.edu/3324909/Lingua\\_Hebraica\\_Aspectos\\_Historicos\\_e\\_Caracteristicas](https://www.academia.edu/3324909/Lingua_Hebraica_Aspectos_Historicos_e_Caracteristicas)>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FRANCISCO, Edson de Faria. Tradução da Bíblia: existe tradução perfeita? **Teosfera**, São Paulo, 2018. Disponível em: < <https://youtu.be/4AKA6uhP6C4?si=oGxv5ftV-NJ3X4w> >. Acesso em: 31 jan. 2024.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger F. **Iniciação à Teologia**: um convite ao estudo acerca de deus e de sua relação com o ser humano. 2ª. ed. São Paulo: Vida, 2006.

HAYES, H.; MILLER, J. M. **Israelite and Judaeon History**. Philadelphia: Trinity Press International, 1990.

HARMAN, Allan M. The Place of Biblical Languages in the Theological Curriculum. **The Reformed Theological Review**, Australia, v. 50, n. 3, p. 91-97, set./dez. 1991.

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. Helenismo e Cristianismo. **Calíope**, Rio de Janeiro, nº 7, p. 81-93, jul.-dez., 1988.

KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

KELLY, John Norman Davidson. **I e II Timóteo e Tito**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2007.

LOPES, Augustus Nicodemus. Qual a melhor tradução da Bíblia? **Curso Fiel de Liderança**, 2021. Vídeo. Disponível em: <<https://youtu.be/SwBWTSO3LYo?si=zOXTOYJz--reNfzC>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

NEEDHAM, Nicholas R. A century of change. **Tabletalk**, oct. 2016. Disponível em: < <https://tabletalkmagazine.com/article/2016/10/century-change/> >. Acesso em: 14 out. 2024.

NUTE, Alan G. Cartas pastorais. *In*: BRUCE, Frederick F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida, 2009. p. 2078-2079.

OLIVEIRA, Luciene de Lima. A importância do conhecimento da língua grega e seu ensino nas instituições teológicas. **Principia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 20, p. 91-98, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/7829>>. Acesso em 26 out. 2023.

OLIVEIRA, Luciene de Lima. **Estilística retórica & 'estrangeirismos' na Koiné Neotestamentária**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, s./d.

PACKER, James I. A alta crítica. *In*: Bíblia. Português. **Bíblia de Estudo de Genebra**. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 1558-1559.

PETERMAN, Gerald W. O uso e abuso do grego na pregação. *In*: KOESSLER, John (Ed. Ger.). **Manual de pregação**. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 213-225.

PINTO, Ênio Caldeira. A Bíblia e a Reforma. **Faculdade Teológica Sul Americana**, Londrina, 28 out. 2022. Disponível em: <<https://ftsa.edu.br/a-biblia-e-a-reforma-protestante/>>. Acesso em: 08 nov. 2023.

PIPER, John. Dois erros comuns que pregadores cometem: procurando a realidade nos sermões. **Voltemos ao Evangelho**, São Paulo, 12 dez. 2019. Disponível em: < <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2019/12/dois-erros-comuns-que-pregadores-cometem/> >. Acesso em: 31 jan. 2024.

RABIN, Chaim. **Pequena história da língua hebraica**. São Paulo: Summus, s./d.

REGA, Stelio Lourenço; BERGMANN, Johannes. **Noções do Grego Bíblico**: gramática fundamental. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

SÁENZ-BADILLOS, Angel. **A History of the Hebrew Language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SANTOS JR., Daniel. A proposta pedagógica de Provérbios 22.6. **Fides Reformata**, São Paulo, Ano XIII, n. 1, p. 9-29, 2008. Disponível em: <[https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user\\_upload/1-A-proposta-pedag%C3%B3gica-de-prov%C3%A9rbios-22.6-Daniel-Santos-Jr.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/1-A-proposta-pedag%C3%B3gica-de-prov%C3%A9rbios-22.6-Daniel-Santos-Jr.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **NVI: a Bíblia do século 21.** 2ª. ed. São Paulo: Vida, 2003.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. Questões fundamentais na tradução da Bíblia. **Faculdade Teológica Batista de São Paulo**, São Paulo, s./d. Disponível em: <<https://www.teologica.br/blog/133-questoes-fundamentais-da-traducao-da-biblia>>. Acesso em: 08 nov. 2023.

SOUZA, Marcos Antônio de. **O Dicionário de hebraico bíblico de Brown, Driver e Briggs (BDB) como modelo de sistema lexical bilíngue – um estudo da lexicografia hebraica bíblica moderna.** Orientador: Philippe Humblé. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

STUART, Douglas; FEE, Douglas D. **Manual de exegese bíblica: Antigo e Novo Testamentos.** São Paulo: Vida Nova, 2008.

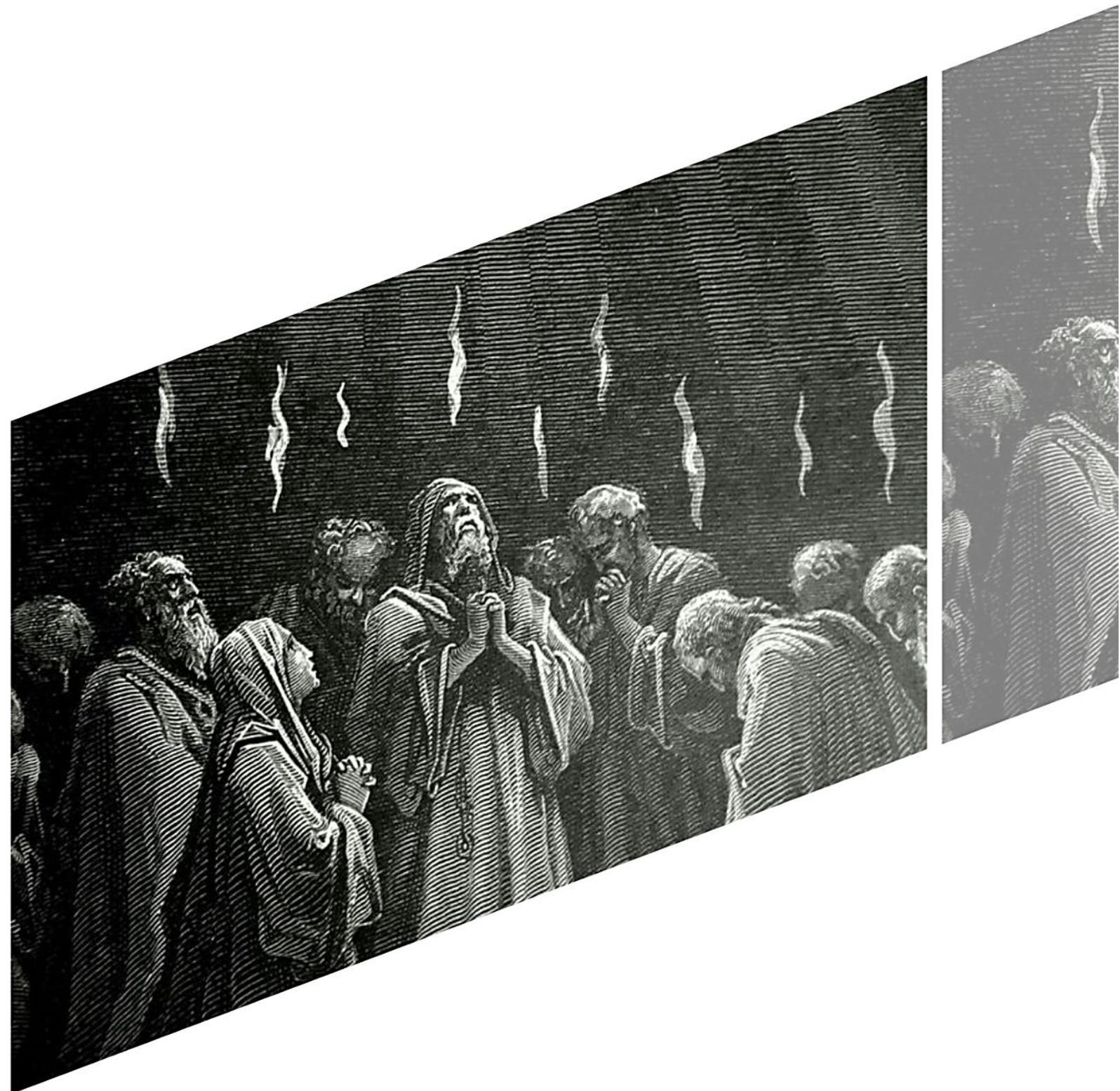
TAYLOR, Richard S.; HARPER, A. F.; NICHOLSON, S. Roy; FUHRMAN, Eldon R.; BLANEY, Harvey J.S.; ROSE, Delbert R.; EARLE, Ralph. **Comentário bíblico Beacon.** Rio: CPAD, 2006.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE JR., William. **Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

WALLACE, Daniel B. **Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento.** São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

# VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



## A CIBERTEOLOGIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA APLICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS DONS ESPIRITUAIS

Jefferson dos Santos Paiva\*

### RESUMO

O artigo tem como objetivo apresentar algumas noções sobre a igreja em perspectiva universal e local, sua relação com Cristo, funções e finalidades básicas. Interessa-se aqui, pela maneira como a igreja tem respondido às transformações no tempo, considerando amplos contextos, sobretudo, os efeitos da pós-modernidade e a prática da ciberteologia. O estudo se justifica tendo em vista os desafios que as igrejas locais enfrentaram em relação ao quadro pandêmico. Constata-se avanços na área tecnológica e suas aplicações na liturgia com a transmissão on-line dos cultos, algo motivado pelo isolamento social. Foram levantadas questões problemáticas como o lugar dos dons espirituais considerando as alterações das práticas litúrgicas. Interroga-se como o fiel consegue participar do culto on-line considerando as diferenças em relação ao culto presencial. Para entender melhor tais questões, foram analisados os avivamentos ocorridos no País de Gales e na Rua Azusa considerando suas particularidades. Mesmo após as análises, admite-se que uma compreensão mais adequada dos reflexos do quadro pandêmico em relação às tecnologias e ao culto pentecostal, só poderá ser melhor apreciada apenas com o passar dos anos.

**Palavras-chave:** Igreja. Pós-modernismo. Tecnologia. Avivamento. Liturgia pentecostal.

### ABSTRACT

The article aims to present some notions about the church from a universal and local perspective, its relationship with Christ, basic functions and purposes. We are interested here in the way in which the church has responded to transformations over time, considering broad contexts, above all, the effects of postmodernity and the practice of cybertheology. The study is justified in view of the challenges that local churches faced in relation to the pandemic. There are advances in the technological area and its applications in the liturgy with the online transmission of services, something motivated by social isolation. Problematic questions were raised such as the place of spiritual gifts considering changes in liturgical practices. The question arises as to how the faithful can participate in online worship considering the differences in relation to in-person worship. To better understand these issues, the revivals that occurred in Wales and on Azusa Street were analyzed considering their particularities. Even after the analyses, it is admitted that a more adequate understanding of the consequences of the pandemic situation in relation to technologies and Pentecostal worship can only be better appreciated over the years.

**Keywords:** Church. Postmodernism. Technology. Revival. Pentecostal liturgy.

---

\* Gestor em Segurança Pública (UEG), Bacharel em Direito (UniAnhanguera), Bacharel em Teologia (UniCesumar), Especialista em Direito Penal (UFG). E-mail: paiva.penal@gmail.com.

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como finalidade apresentar a realidade da igreja num contexto pós-moderno, demonstrando particularidades sobre o que se entende como benéfico ou prejudicial para o cumprimento do propósito real da igreja.

Para tanto será apresentado aspectos gerais sobre a igreja, entendendo o seu significado como uma convocação a todos os que desejarem fazer parte, tendo por cabeça, o Senhor Jesus Cristo. Neste mesmo contexto compreender as funções da igreja no que tange a adoração, edificação, evangelização e o serviço social.

Tem-se como relevante a evolução dos momentos históricos com suas principais características, passando pelo modernismo com suas transformações e impactos na sociedade, assim como o pós-modernismo contrapondo-se ao modernismo no que diz respeito aos parâmetros utilizados e suas implicações na igreja.

Outro fator a ser analisado, diz respeito ao período de pandemia causado pela COVID-19, mostrando sua repercussão quanto a obrigatoriedade do isolamento social e as medidas adotadas com a finalidade de evitar o contágio pelo vírus, exigindo das igrejas um pastoreio virtual através de cultos online, lives entre outros mecanismos de transmissão de culto, explorando de forma mais incisiva as tecnologias existentes.

Nesse contexto pós-moderno, verificará algumas possíveis implicações do culto online e outras tecnologias utilizadas para pastoreio, no que tange os obstáculos e as implicações quanto manifestação dos dons espirituais e sua aplicação na igreja local, fazendo relação com aspectos bíblicos e históricos relacionados ao Pentecostes e fatos ocorridos posteriormente a este evento.

## **2 A IGREJA CONTEMPORÂNEA E SUAS PARTICULARIDADES**

Nos dias atuais encontram-se dentro de um perímetro urbano ou rural, imóveis denominados igrejas, trazendo seus diversos aspectos no que tange a denominação, sua fachada, liturgia, quantidade de pastores, ministérios, estatuto, entre outras características, as quais criam uma identidade para aquela determinada comunidade local, diferenciando-a de outra.

Isso ocorre pelo fato de que surgem interpretações diferentes das Escrituras, levando ao início de um ministério, sua multiplicação e por fim, às vezes, subdivisões em meio a multiplicação. Parece um paradoxo, mas entre as multiplicações, pode surgir uma liderança que pensa de modo diverso a fundadora daquele ministério em particular, onde ocorrerá a subdivisão na multiplicação, revelando novos parâmetros, conservando algumas características e implantando outras novas.

Até o momento, diante dos parágrafos acima, procurou-se demonstrar de maneira superficial, algumas características das igrejas hodiernas, o que foi vislumbrado através de visitas a algumas denominações, onde foram encontradas essas particularidades. Mas, mesmo com observações *in loco*, se faz necessário entender o conceito de igreja a partir da origem de sua palavra e o sentido desta em meio ao Antigo e Novo Testamento.

A palavra igreja deriva do grego *ἐκκλησία* *ekklesia*, que trata de um chamamento, ou uma convocação de todo e qualquer cidadão para uma assembleia, uma reunião, ou seja, que as pessoas que devam estar ali presentes possam sair de suas casas e se dirigirem para o local designado. (STRONG, 2002).

Diante dos significados encontrados nota-se que o significado da palavra *ekklesia* não resume a igreja conhecida nos tempos atuais, pois o termo igreja, na origem da palavra, neste tempo, mostra-se temeroso manter esse significado em sua essência, visto o surgimento dos cultos online.

## 2.1 O SENTIDO DA IGREJA NAS ESCRITURAS E SUAS FUNÇÕES

Segundo Severa (2014), o sentido da palavra *ekklesia* como congregação dos seguidores de Cristo fica evidenciado em Atos 2:46 (no templo em Jerusalém) Hebreus 2:12 (povo que se une para louvar a Deus) e Filemon 1:2 (reuniam-se como igreja em casa).

Nas linhas acima, segundo os parâmetros trazidos nos textos citados, nota-se que independente do lugar, a finalidade das pessoas reunirem-se era louvar a Deus, louvá-lo e engrandecer o nome de Cristo. O retrato de Atos 2:46 demonstra o sentido de uma igreja genuína, onde todos partilhavam das mesmas aspirações, caminhando todos num mesmo “passo”, numa mesma direção, vivendo o propósito de Deus em Jesus, o Cristo.

No transcorrer desta seção busca-se o sentido da Igreja segundo os parâmetros bíblicos, sendo este de cunho universal e local, onde observa-se a função da igreja e sua missão na sociedade. Assim, no que tange a igreja universal será apresentado o conceito desta nas linhas a seguir:

A igreja em sentido universal não tem uma organização humana, nem um líder humano (como pensam os católicos em relação ao Papa), nem se reúne como um todo em algum lugar do mundo, pelo menos até Cristo voltar. Mas ela existe e se faz presente no mundo através das diversas comunidades de fé espalhadas pela face da terra. O seu único pastor é o Senhor Jesus Cristo. Ele disse 'Elas [as ovelhas] ouvirão a minha voz; e haverá um rebanho e um pastor' (Jo 10.16). Cristo é 'o grande pastor das ovelhas' (Hb 13.20), 'Pastor e Bispo' de nossas almas (1Pe 2.25), o 'Supremo pastor' (1Pe 5.4). Os ministros humanos são sub-pastores, que cuidam das comunidades locais sob orientação e vigilância do Senhor Jesus (Ef 4.11,12; Ap 2 e 3). (SEVERA, 2014, p. 274)

Diante do conceito acima, nota-se que a igreja universal não é constituída por mãos humanas, mas emana do anseio de Deus em tê-los para si. Da mesma forma, sua liderança também não é constituída por homens, mas tem Cristo como o Soberano pastor, instituído como cabeça de toda a Igreja. Neste sentido de Igreja não há participação humana. Quanto a igreja local, diferente da universal, o autor demonstra que nesta comunidade localizada num espaço geográfico específico, o homem é instituído como sub-pastor, o qual se submete a Cristo, o cabeça de toda igreja.

Após a compreensão da igreja universal e local, tem-se a importância de apresentar as funções da igreja, as quais são denominadas como a adoração, caracterizado pelo momento em que se glorifica a Deus de forma clara, através da voz e do coração, o que pode ser feito no louvor (GRUDEM *apud* SEVERA, 2014, p. 307). A igreja também tem que buscar edificação própria, onde se dará através da aprendizagem, comunhão e o crescimento, edificando os membros daquela comunidade local (SEVERA, 2014, p. 310-311). Não há como uma igreja permanecer inerte na sua própria edificação, ela necessita ser um organismo vivo, o que se realiza por meio da evangelização, tendo como foco, o proclamar a Cristo como Salvador, o batismo e fazer discípulos (SEVERA, 2014, p. 312). Ainda, não com menos importância, mas por último, tem-se o serviço social, feito pela

congregação, por meio dos próprios membros da comunidade, demonstrando o amor e compaixão, por meio de atos (SEVERA, 2014, p. 313).

Assim, verifica-se que não basta a existência da igreja. Esta deve oferecer um louvor agradável a Deus, e “caminhar” em direção ao propósito d’Ele, através da adoração, edificação, evangelização e serviço social, notando que ela tem como função praticar atos direcionados a Deus e que refletem na comunidade local e sociedade o amor de Deus sobre todos.

## 2.2 SOCIEDADE MODERNA E PÓS-MODERNA

A fim de compreender a evolução da igreja, no que diz respeito aos tempos e épocas, demonstrando os pensamentos de cada momento histórico (modernidade e pós-modernidade), os quais, por vezes comungavam com a igreja (como religião e ideologia), outras vezes, não são uníssonas no pensar. Assim, pode-se primeiramente verificar o período moderno, sendo demonstrado nas linhas abaixo:

Para uma compreensão cronológica mais precisa, podemos afirmar que a modernidade surgiu, como visão de mundo e ideário, a partir da filosofia moderna e do racionalismo propostos pelo filósofo francês René Descartes (1596 – 1650) em oposição ao pensamento medieval dominado pela Escolástica. O racionalismo teve enormes repercussões sobre a filosofia, a cultura e as sociedades ocidentais, ao ponto de que o projeto moderno vai se consolidar com a Revolução Industrial e com o desenvolvimento do capitalismo (GINI, 2017, p. 16).

Percebe-se que o período moderno não surgiu repentinamente, mas devido a influências externas relacionadas a cultura, filosofia, entre outras questões que iniciaram uma mudança de paradigmas, no que tange a religiosidade, fazendo com que as pessoas comesçassem a enxergar o mundo de uma outra forma por causa das mudanças ao redor da sociedade.

O pensamento moderno (desenvolvimento econômico, social, político e cultural), opondo-se a nova Escolástica (predominância da religião), foi desenvolvendo-se até que tomou a sua forma no período da Revolução Industrial e o capitalismo. Os presentes movimentos apresentaram um novo contexto naquele cenário, contrapondo-se aos parâmetros religiosos para explicação de todas as coisas.

No que tange a pós-modernidade, esta obtém tal denominação, pela primeira vez, em 1930, porém obteve maior expressão em 1954, com a guerra franco-prussiana. Já em 1974, numa sociedade pós-industrial, trouxe uma roupagem filosófica, onde foi demonstrado que o conhecimento se tornara o maior objeto de valor, ao invés das mercadorias produzidas pelas indústrias.

Um dos pontos cruciais na pós-modernidade é o que se refere a crise de identidade. O tema foi explorado pelo filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) por meio do binômio, solidez e fluidez. O pensador apresentou a sociedade pós-moderna como líquida e adaptável, não necessitando de transformações abruptas, mas de fácil conformidade com o meio, deixando de lado verdade absolutas presentes no modernismo. (GINI, 2017, 68-73).

Dentro do campo da pós-modernidade, verifica-se características que se opõem de forma incisiva ao modernismo. Sobre isso discorreram Lima e Martins (2019):

No campo epistemológico, a pós-modernidade critica os modos clássicos de conhecimento. Rorty disse que a pós-modernidade consistirá sobretudo em abandonar a pretensão metafísica exigida das relações da razão humana com a natureza das coisas. Essa crítica implica na negação da possibilidade de uma compreensão platônica da realidade, entendida como a relação entre as ideias e as palavras ou enunciados sobre essa realidade. Já não pode se recorrer a fundamentos ou metanarrativas. Em lugar dos fundamentos e das metanarrativas, agora se postula o conhecimento 'contextual', 'pragmático', 'funcional' e 'relativista'. Dessa perspectiva, é fácil compreender porque os pós-modernos optam pelo pluralismo e o relativismo, em que a verdade se torna 'aquilo que é vantajoso crer'. (LIMA; MARTINS, 2019, p.61)

A pós-modernidade, diferente da modernidade, demonstra um pensamento mais relativista, que procura adequar cada situação a um momento, trazendo uma instabilidade quanto a parâmetros, que outrora eram encontrados no modernismo. Percebe-se que as pessoas buscam o que lhes convém, não importando a repercussão que venha causar na sociedade.

Um dos grandes dilemas na era pós-moderna é o relativismo, ou seja, nada é absoluto, tratando tudo como igual, não havendo melhor, nem pior, sob pena de ofensas a quem pensar diferente. Evidentemente tal dilema provoca obstáculos na construção de relacionamentos e na pregação do evangelho, justamente ao afirmar que não há uma religião verdadeira (LIMA; MARTINS, 2019). Não

obstante, a fé cristã e o próprio núcleo do evangelho exibem afirmações de verdade e de exclusividade.

Isso tem ocorrido agora com maior frequência, no que tange ao diálogo inter-religioso, uma exigência contemporânea de maior comunicação entre as religiões, devido a ênfase nas subjetividades e a relativização trazida pela sociedade pós-moderna. Por outro lado, verifica-se contradições, sobretudo em relação à busca dos anseios de forma imediatista, encontrando ressonância até mesmo na religião que passa a ser encarada como mais um objeto de consumo. Nesse sentido, a verdade da fé pouco importa, destacando o pragmatismo individualista e consumista desses confusos tempos. Aqui, o peso das tecnologias e das mídias deve ser mensurado, uma vez que são espaços de construção de sentido.

### 2.2.1 Apontamentos sobre as mídias digitais e o culto *online*

No que tange as mídias, pode-se verificar que estas se dividem em duas, sendo elas analógicas e digitais, onde na primeira espécie se concentravam na televisão, rádio, cinema, entre outros semelhantes (produzidos por meios físicos ou reações químicas), enquanto na segunda passa-se a desconsiderar os meios físicos, aparecendo sequências numéricas ou de dígitos, podendo ser sons, imagens e até letras, os quais são processados, permitindo que a reprodução desses dados sejam armazenados ou compartilhados, sendo estes feitos através de conexões descentralizadas, surgindo a internet (iniciada na Guerra fria com os militares, passando pelas universidades até chegar ao público em geral) utilizada através de computadores, chegando aos hodiernos *smartphones*. (MARTINO, 2015, p.10-13)

Seguindo a evolução do parágrafo acima, encontra-se dentro deste contexto fático a redes sociais (caráter horizontal – sem uma hierarquia rígida em suas relações), as quais se apresentam com semelhanças e diferenças com as relações sociais presenciais. Estas têm como característica um vínculo mais fortalecido, que aparece na família, ou na religião, por exemplo. Quanto a aquelas, o vínculo se apresenta menos rígido, contendo um dinâmica de interação específica a partir de valores, temas e interesses em comum, transpondo do modo presencial para virtual. Outro fato importante a se refletir, está relacionado a dinâmica e flexibilidade, envolvendo a forma de interação entre os participantes e

vínculos não duradouros, pois não exigem, necessariamente, sentimentos pessoais entre os participantes; conseqüentemente, a rede social pode variar seu tamanho de acordo com dinâmica do grupo. (MARTINO, 2015, p. 55-56)

Segundo Fajardo (2018), ao ver a evolução das mídias no campo teológico, sabe-se que no início os relatos eram passados oralmente, para depois passar pela escrita, através dos escribas. Em 1440 surge a prensa e conseqüentemente o surgimento dos livros (o protestantismo ficou conhecido como a religião do livro). Já no século XX, houve a aparição do rádio e televisão, onde eram transmitidas as programações evangélicas, utilizadas por muitos evangelistas para propagação do evangelho, tornando este período conhecido como a Era da Comunicação Eletrônica, tendo a primeira emissora de rádio no Brasil, em 1938, e quanto a televisão, na segunda metade do século XX. Surge na década de 90 a tecnologia digital, onde as transmissões se culto começam a passar do rádio e televisão pela Internet, ocorrendo a mediação e midiatização da transmissão dos cultos, utilizando as plataformas do Facebook, WhatsApp, YouTube, entre outras existentes na atualidade, com este fim.

O momento pandêmico da COVID-19 obrigou a população a um isolamento integral do trabalho, parental, inclusive da comunhão entre as pessoas nas igrejas. Tal situação fez com que as igrejas buscassem solução para que o evangelho continuasse a ser proclamado. Num mundo pós-moderno, respirando tecnologia, optou-se por transmissões de cultos de forma remota, seja gravado, seja online, a fim de que as pessoas não deixassem de dar seguimento ao conhecimento teológico, entre outras atividades que possibilitavam a interação das pessoas, conforme menção a seguir:

Como se viu, estamos na “era da comunicação midiática”, em que realidades de pessoas conectadas e pessoas não conectadas se unem, influenciando todos os âmbitos da sociedade. Portanto, há uma propagação cultural jamais vista e nela, diferentes povos, antes separados ou confinados em seus próprios contextos, assistem a um inusual alargamento de horizontes. Surge daí um novo homem, designado *digitalis*. Deste modo, a famosa expressão cartesiana se reinterpreta em roupagem nova, tipo “estou on-line, logo existo” (RIBEIRO, 2021, p. 54).

Neste mesmo paradigma da citação acima, seguem também apontamentos, no que tange a práxis pastoral nos tempos de pandemia da COVID-19:

Assim, as tradicionais atividades e práxis pastorais da igreja (cultos, Ceia do Senhor, oração; atendimento e aconselhamento pastoral; visita pastoral, pregações e mensagens bíblicas de esperança; ofício fúnebre, etc.) são reinventadas por meio das ferramentas virtuais nesse período. Alternativas para cuidar pastoralmente das pessoas enfermas e o povo que chora nessa situação crítica – tanto da igreja quanto da sociedade. De igual modo, novas formas de ações pastorais nascem nesse tempo de poimênica digital. Como, por exemplo, a produção de “*Webinário*”, “*Webconferência*” e “*Lives*” realizadas por líderes pastorais (pastores/as e/ou leigos/as com ministérios distintos) com vista a estabelecer uma comunicação dialógica, próxima e cuidadora das pessoas em tempos de confinamento e sofrimento. (OLIVEIRA, 2020, p.263-264)

O culto transmitido de maneira remota foi a grande solução, além do alcance de pessoas que não haviam ouvido da Palavra, pois as transmissões eram frequentes, podendo, cada pessoa, optar pelo culto que melhor familiarizasse. Tem-se como ponto positivo os cultos transmitidos pelas redes sociais o grande alcance, visto que essa possibilidade se considera ilimitada no que tange o espaço geográfico, pois o culto transmitido num país, era assistido simultaneamente em outro, podendo interagir virtualmente e em tempo real.

No momento atual (pós-pandemia COVID-19), igrejas realizam o culto presencial, transmitindo-o online. A transmissão do culto tem feito com que as pessoas permaneçam em suas casas acompanhando o culto remotamente. A dificuldade se encontra em que as pessoas não param especificamente para assistir aos cultos remotos, porque no mundo dinâmico de hoje, as pessoas realizam multitarefas, com o fim de aproveitar seu tempo, ao invés de reservarem aquele tempo específico para o culto. Outro ponto negativo a ser apresentado, está relacionado a ausência de comunhão com os irmãos, o que diminui os laços de afeto entre os membros (“calor humano”).

No contexto tecnológico, Segundo Martino (2015), apresenta-se o prefixo ciber que se une a alguma outra palavra trazendo a relação entre um seguimento com a tecnologia. Teve início com o matemático Norbert Wiener em 1948, no seu livro *Cybernetics* (Cibernética), ressaltando que sua origem do grego (*kibernos*),

significa controle. Nesse contexto, tem-se a ciberteologia (movimento que foi popularizado pelo padre jesuíta italiano Antônio Spadar – RIBEIRO, 2021, p. 54), que funciona bem como suplementar (no caso de impossibilidade do membro da comunidade não poder comparecer na igreja) e/ou simultâneo ao culto presencial ou no seu grau de alcance para propagação do evangelho, visto que não há limitações geográficas, onde a pessoa recebe a palavra, converte-se e é direcionado para a igreja mais próxima de sua casa.

Como bem demonstrado por Oliveira (2020), o culto transmitido de forma remota deve ser utilizado como maneira de cuidado pastoral em tempos como o de pandemia (COVID-19), não substituindo o culto presencial. Mesmo com a flexibilização das regras de isolamento (retorno gradual das atividades presenciais) a serem utilizados em lugares públicos (igreja por exemplo), a transmissão dos cultos online seguiria para os casos das pessoas que não possam participar do culto presencial.

### 2.2.2 Aplicação dos Dons Espirituais e momentos históricos de avivamento

No livro de Atos (1:5-8) dos apóstolos traz consigo o período pós-ressurreição de Jesus, observações finais aos apóstolos, ascensão aos céus e o envio do Espírito Santo. Jesus lembra aos apóstolos sobre as palavras de João Batista, dizendo que ele batizaria com água, mas que seriam ainda batizados com o Espírito Santo, porém era necessário que esperassem para que recebessem poder do Espírito Santo, para que realizassem a obra a eles designada, sendo testemunhas dEle em toda a terra.

Conforme o versículo 6 do capítulo ora tratado acima, verifica-se que se encontravam reunido recebendo todas as instruções trazidas por Jesus naquele momento tão importante, que marcaria uma nova etapa não só na era cristã, mas um impacto do qual marcaria o mundo nas gerações vindouras.

Quando se fala da vinda do Espírito Santo sobre o homem, vale ressaltar a forma de como se encontravam e momento em que a terceira pessoa da Trindade (ou Triunidade) vem sobre aqueles que O esperava, conforme as recomendações do Senhor Jesus.

E quando o dia de Pentecostes chegou completamente, **todos eles estavam unânimes** em um lugar.

E, de repente, veio um som do céu, como de uma rajada de vento impetuoso, e encheu toda a casa onde eles estavam assentados. E lhes apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia falar. (Atos 2:1-4. grifo nosso).

Os versículos citados acima relatam o momento que se encontravam reunidos, quando o Espírito Santo veio sobre todos os que ali se encontravam, enquanto assentados numa casa, juntos e unânimes ομοθυμαδον (*homothumadon*). Segundo Strong (2002), o significado do grego para a palavra unânimes, traz em seu bojo um grande peso, demonstrando que as pessoas que se encontravam naquele local tinham um objetivo único, somente uma paixão. Ainda que diferentes, mantinham uma mesma mente que focava num alvo em comum. Mostra-se que num grande marco, no início de uma nova fase, o Espírito Santo manifestou-se para o povo, no meio do povo, a fim de que todos desfrutassem da plenitude de Deus.

Não há como deixar de citar os dons do Espírito Santo presentes no capítulo 12 da primeira Carta aos Coríntios (palavra de sabedoria, palavra de conhecimento, fé, dons de cura, operação de milagres, profecia, discernimento dos espíritos, diversos tipos de línguas e interpretação de línguas), onde demonstra a importância de cada membro no corpo. Mas tem-se como importante neste contexto dos dons espirituais, a sua aplicação, conforme ensinado pelo apóstolo Paulo à igreja de Corinto: “Assim também vós, que sois zelosos dos dons espirituais, procurai tê-los em abundância, para a edificação da igreja” (1Coríntios 14:12).

Quando se fala nos dons espirituais, se faz necessário entender sua origem do grego *Charismata* (junção de *Charizesthai* e *Charis* – mostrar favor, dar gratuitamente e graça, respectivamente). Este são concedidos para um serviço específico para o coletivo, pois através deles (dons) os membros são capacitados a para exercerem os desígnios de Deus para a Igreja, edificando assim o Corpo de Cristo. Vale dar ênfase a existência das teorias Cessacionistas e Continuístas, onde esta entende que o que houve na festa de Pentecostes perdura até os dias atuais sobre a igreja. (BITUN, 2018, p.126-129)

Então, quando se fala em aplicação dos dons espirituais, verifica-se sua execução e finalidade, onde percebe-se na primeira carta aos Coríntios 14:12 e no parágrafo acima descrito, que os dons espirituais são para edificação da igreja, ou seja, eles (dons espirituais), não existem por si só, ou tem seu fim em si mesmo (no que diz respeito ao recebedor do dom espiritual), mas o dom é concedido para proveito comum (1Coríntios 12:7), crescimento, cura e aperfeiçoamento da igreja como Corpo de Cristo.

Ainda pode-se citar neste trabalho a manifestação do Espírito Santo sobre pessoas que atenderam a convocação (*ἐκκλησία ekklesia*), a fim de como parte corpo possa não somente participar de forma passiva, mas também ativa no Corpo e pelo corpo. Assim seguem dois movimentos de avivamento importante no século XX, tendo como primeiro o avivamento no País de Gales e o segundo na Rua Azusa, nos Estados Unidos da América:

Diferentemente da maioria dos avivamentos norte-americanos, os quais eram independentes, o avivamento de 1904 no País de Gales **aconteceu dentro da igreja**. Foi também um avivamento de leigos, que contemplou os pobres e excluídos. O líder do avivamento era um ex-mineiro de 26 anos de idade e calouro de teologia chamado Evan Roberts (1878-1951). Aquela tremenda manifestação do poder de Deus caracteriza-se pela completa liberdade no Espírito. **As reações entre os observadores que vinham de longe eram as mais diversas**. Alguns convenceram de que Deus estava de fato agindo no meio do seu povo, enquanto outros não viam nada além de histeria e confusão. (SYNAN, 2009, p. 62. Grifo nosso).

Segue nas próximas linhas, mas ainda dentro do contexto sobre avivamento, o que ocorreu na rua Azusa e seu contexto;

Foi assim que o mundo ouviu falar pela primeira vez do avivamento da Rua Azusa, que sacudiu o mundo espiritual muito mais do que o terremoto do norte da Califórnia abalou San Francisco. Poucos leitores sabiam que os temores subsequentes do fenômeno ocorrido na pequena igreja negra *holiness* da Rua Azusa continuaria a sacudir com ainda mais intensidade no decorrer do século. Poucos dias antes, **um pequeno grupo de lavadeiras e serviçais domésticos havia acompanhado William J. Seymour até um antigo prédio da Igreja Episcopal Metodista Africana, na Rua Azusa, para dar início aos cultos**. (SYNAN, 2009, p. 60. Grifo nosso).

Verifica-se nos dois contextos sobre o avivamento no início do século XX (País de Gales e Rua Azusa), que este ato do Poder de Deus sobre as pessoas aconteceu enquanto reunidos presencialmente num local específico. Todos num ajuntamento, como ocorreu no Pentecostes, onde houve a descida do Espírito Santo sobre todos os que ali se encontravam buscando a presença de Deus e o batismo no Espírito Santo.

O que se busca demonstrar nesta explanação sobre dons Espirituais e outros desdobramentos (avivamento), é que o agir de Deus nos membros da igreja ocorre quando se encontram unânimes (*ομοθυμαδον homothumadon*) num mesmo local. Ainda entende-se que a concessão dos dons espirituais a um indivíduo como membro do Corpo de Cristo, ocorre para que este o utilize em prol do corpo (edificação da igreja), o que ficaria difícil de aplicar, quando mesmo fazendo parte do corpo, não se encontra em atividade direta com o corpo, como verifica-se em casos de um corpo humano possuir um membro, mas que não exerce mais a função para a qual foi criado (paraplégico ou tetraplégico), figurando apenas num lugar específico, mas não estando ativo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa foi necessário buscar entender o real significado bíblico da igreja, bem como as suas funções dentro contexto inicial e atual. Ao compreender a igreja da atualidade viu o grande desafio que enfrentou e a ser enfrentado no meio pentecostal.

Após analisado o período pós-moderno verificou-se além do contexto social, econômico e político, a pessoa como indivíduo, identificou-se um ser individualista, num mundo relativo que não mais se questiona certo ou errado, conjuntamente com um grande avanço tecnológico que mantém ainda mais a pessoa em seu mundo.

O avanço tecnológico conjuntamente com a Teologia, denominado ciberteologia, teve um papel muito importante no exercício pastoral em momento de pandemia através do culto online. A importante reflexão gira em torno da forma de culto supracitado ocorrer de maneira secundária, suplementar, ou seja, apenas em situações em que o membro da comunidade de fé não tenha possibilidade de participar do culto presencial. Aqui não há pretensão de retirar o valor do culto

online, pois demonstra ser uma excelente ferramenta que ultrapassa as fronteiras geográficas, podendo levar a mensagem de Cristo às nações e sugerir ao ouvinte dirigir-se à igreja física próximo da residência, pois não há como seguir os ritos litúrgicos, como discipulado, batismo e desenvolvimento dos dons espirituais e sua aplicação na e para a igreja.

Assim, não há interesse em travar um conflito com a ciberteologia, pois se mostra uma ferramenta eficiente enquanto utilizada para evangelização e secundariamente como participação do culto, pois no caso dos dons espirituais, o seu desenvolvimento no membro da comunidade, assim como sua aplicação para edificação da igreja somente se dará de maneira presencial, seguindo estritamente o sentido etimológico da palavra *ekklesia*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITUN, R. **Teologia dos Dons Espirituais**. Maringá-PR.: Unicesumar, 2018.
- BÍBLIA. **Bíblia de Estudo King James 1611 Estudo Holman**. 3ª ed. Niterói: BV BOOKS Editora, 2020.
- FAJARDO, A. **Teologia, comunicações e Novas Mídias**. Maringá-PR.: Unicesumar, 2018.
- GINI, S. **Teologia e Pós-modernidade**. Maringá-PR.: Unicesumar, 2017.
- LIMA, A. S.; MARTINS, J. G. **Teologia e Pós-modernidade: Apontamentos para um Discurso Teológico Relevante**. Revista Paralellus: Revista Eletrônica em Ciências da Religião – UNICAP: 2019. p. 51-72
- MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.
- OLIVEIRA, M. D. **Cuidado Pastoral da Igreja em tempos de Pandemia: COVID-19**. Revista Caminhando v. 25, n. 1, p. 257-276, jan./abr. 2020.
- RIBEIRO, F. L. **O Empoderamento da Teologia durante a Pandemia**. PQTEO: Revista Pesquisas em Teologia. PUC-Rio: 2021. P.45-66
- SEVERA, Z. de A. **Manual de Teologia Sistemática**. Rev. e Ampl. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2014.
- STRONG, J. **Dicionário Bíblico Strong. Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.
- SYNAN, V. **O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático**. Tradução Judson Canto. São Paulo: Editora Vida, 2009.

# VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB

